

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

INSTITUTO DE HUMANIDADES, CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E  
CRIATIVIDADE.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Dissertação de mestrado

**O CRONOTOPO DA  
PRISÃO EM TEXTOS DE  
DETENTOS INSCRITOS  
EM  
WRITEAPRISONER.COM**

João Augusto Reich da Silva

ABRIL/2023



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

João Augusto Reich da Silva

O CRONOTOPO DA PRISÃO EM TEXTOS DE  
DETENTOS INSCRITOS NO SITE  
WRITEAPRISONER.COM

Passo Fundo,

2023

João Augusto Reich da Silva

O CRONOTOPO DA PRISÃO EM TEXTOS DE  
DETENTOS INSCRITOS NO SITE  
WRITEAPRISONER.COM

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Humanidades, Ciências, Educação e Criatividade, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, sob orientação da Profa. Dra. Patrícia da Silva Valério.

Passo Fundo,

2023

CIP – Catalogação na Publicação

---

S586c Silva, João Augusto Reich da  
O Cronotopo da prisão em textos de detentos inscritos  
no site WriteAPrisoner.com [recurso eletrônico] / João  
Augusto Reich da Silva. – 2023.  
1.130 KB ; PDF.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia da Silva Valério.  
Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de  
Passo Fundo, 2023.

1. Cronotopo. 2. Correspondência. 3. Escritos de  
prisioneiros. 4. WriteAPrisoner. I. Valério, Patrícia da  
Silva, orientadora. II. Título.

CDU: 801

---

Catalogação: Bibliotecária Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a dissertação**

**“Cronotopo da Prisão em Textos de Detentos Inscritos em *Writeaprisoner.com*”**

Elaborada por

**João Augusto Reich da Silva.**

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Humanidades, Ciências, Educação e Criatividade, da Universidade de Passo Fundo, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Letras, Área de concentração: Letras, Leitura e Produção Discursiva”

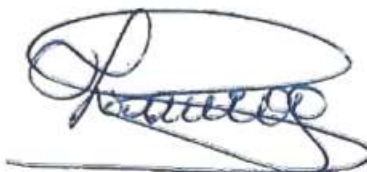
Aprovada em: 12 de abril de 2023.  
Pela Comissão Examinadora



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia da Silva Valério  
Presidente da Banca Examinadora



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marlete Sandra Diedrich  
Universidade de Passo Fundo



Prof. Dr. Lauro Gomes  
Universidade Federal de Rio Grande



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia Stumpf Toldo Oudeste  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras

## AGRADECIMENTOS

Estendo meus agradecimentos, primeiramente, a três docentes que me agraciaram com sua presença e inquestionável sabedoria desde a graduação, quando ainda ensaiava meus primeiros passos na vida acadêmica. Suas leituras e considerações contribuíram sobremaneira para o desenvolvimento deste trabalho, pois foram realizadas com notável dedicação, cuidado, humildade e afeto.

A Profa. Dra. Patrícia da Silva Valério, que, não sabendo ser apenas uma orientadora, tornou-se também uma amiga, uma colega, uma segunda mãe. Em todos esses anos ao seu lado como orientando, não houve dúvida não esclarecida, problema não solucionado e preocupação não dissipada. Ademais, fizemos de cada conquista, fosse ela grande ou pequena, uma alegria compartilhada.

A Profa. Dra. Marlete Sandra Diedrich, pela leveza e serenidade de suas ponderações, pela qualidade e delicadeza características de seus ensinamentos.

Ao Prof. Dr. Lauro Gomes, cuja trajetória acadêmica tem sido para mim um exemplo e fonte de inspiração constante.

A Paola Hagen, pelas palavras de esperança nos momentos de incerteza, pelo conforto nos momentos de insegurança e pelo apoio em todos os momentos.

A Aylon Dutra, por compartilhar, ainda que à distância, os mesmos sonhos, as mesmas inquietações.

A meus pais Marcelo e Carla de Vila, e a minha irmã Barbara de Vila, por sempre apoiarem minhas decisões e por compreenderem o que meus objetivos exigiriam de todos nós.

Ao meu avô Carlos Roberto Reich, por me fazer um mestre muito antes de completar o curso, e a minha avó Irene Antunes, por entender o que os livros significam para mim desde criança.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (PPGL/UPF) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de estudos a mim concedida, sem a qual a realização desta pesquisa não teria sido possível.

A Deus e à Virgem Maria, por sempre me acolherem na fortaleza inabalável da fé.

As ciências humanas parecem ter esquecido a existência e a importância do espaço e do tempo (ao passo que nenhuma fórmula física passa sem o  $S$  e o  $t$ ), desviam-se do dado espaçotemporal imediato do seu próprio objeto. (BAKHTIN, 2018 [1975]).

## RESUMO

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo principal analisar as relações cronotópicas emergentes em perfis de apresentação de detentos cadastrados no site WriteAPrisoner.com, site criado para incentivar e promover a reintegração de detentos por meio do programa de troca de correspondências. Com vistas a melhor compreender o cronotopo da prisão e as especificidades da linguagem dos sujeitos que o constituem, estabelecemos como corpus de análise desta pesquisa o conjunto de dez textos de apresentação de detentos, analisados à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Análise Dialógica do Discurso, fundamentada nos escritos de Bakhtin e o Círculo. Através da discussão de conceitos basilares do pensamento bakhtiniano, como *enunciado*, *gêneros do discurso* e *relações dialógicas*, foi possível descrever o cronotopo da prisão como um tempo-espço marcado por uma noção de tempo lenta e vagarosa, que pode ou não proporcionar aos detentos o autoconhecimento, imprimindo, em seus discursos, tons retórico-jurídicos de culpabilidade e inocência.

**Palavras-chave:** Cronotopo. Prisão. WriteAPrisoner.



## ABSTRACT

**Abstract:** The main purpose of this study is to analyze the chronotopic relations emerging from inmates' presentation profiles registered in WriteAPrisoner.com, a website created to encourage and promote the reintegration of inmates through a correspondence exchange program. To better understand the chronotope of the prison and the specificities of the language of the subjects that constitute it, we established as corpus of analysis of this research the set of ten texts of inmates' presentation, analyzed in the light of the theoretical and methodological assumptions of the Dialogical Discourse Analysis, based on the writings of Bakhtin and the Circle. Through the discussion of basic concepts of the Bakhtinian thought as utterance, genres of discourse and dialogical relations, it was possible to describe the prison chronotope as a time-space marked by a slow and sluggish notion of time, which may or may not provide the inmates with self-knowledge and that prints in their discourses rhetorical-legal tones of guilt and innocence.

**Keywords:** Chronotope. Prison. WriteAPrisoner.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 O CRONOTOPO .....</b>	<b>13</b>
2.1 AS FORMAS DO TEMPO E DO CRONOTOPO NO ROMANCE: UMA QUESTÃO HISTÓRICA.....	17
2.2 RECONHECER O CRONOTOPO ATRAVÉS DO TEMPO .....	22
2.3 EM DIÁLOGO COM GOETHE: O TEMPO REVELADO NO ESPAÇO .....	26
<b>3 PRINCÍPIOS DE UMA FILOSOFIA DA LINGUAGEM .....</b>	<b>34</b>
3.1 OS GÊNEROS DO DISCURSO: SOBRE AS RELATIVAMENTE ESTÁVEIS FORMAS DE DIZER .....	35
3.2 O ENUNCIADO E SUAS PECULIARIDADES .....	41
3.3 O ETERNO DIÁLOGO: SOBRE AS RELAÇÕES DIALÓGICAS .....	50
<b>4 A PALAVRA ATRAVÉS DAS GRADES: PERCURSO DE LEITURA E ANÁLISE DOS TEXTOS DE APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>55</b>
4.1 PARA ALÉM DA PRISÃO: ESTABELECENDO RELAÇÕES DIALÓGICAS .....	57
4.2 O CRONOTOPO DA PRISÃO .....	64
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>73</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>84</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Associado à linha de pesquisa Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (PPGL/UPF), este trabalho propõe uma reflexão sobre a linguagem sob o ponto de vista do tempo e do espaço, com um olhar orientado para o discurso de sujeitos privados de liberdade que buscam o (re)encontro com o outro por meio da palavra. Mais especificamente, esta pesquisa tem por objetivo analisar as relações cronotópicas emergentes dos textos de apresentação de perfis de detentos inscritos no site WriteAPrisoner.com, com vistas a melhor compreender o cronotopo (tempo-espaço) da prisão e a especificidade da linguagem dos sujeitos que a habitam.

O site em questão pertence à empresa *Write A Prisoner – Correspondence & Reintegration* (em tradução livre, “Escreva a um detento – Correspondência & Reintegração”), estabelecida na Flórida/EUA e criada por Adam Lovell em 2001 com o intuito de facilitar e incentivar a troca de correspondência entre detentos e pessoas de fora da prisão – sujeitos que passam a ser conhecidos como *pen pals*, isto é, “amigos por correspondência”.

A principal proposta do site<sup>1</sup>, em inglês e de acesso gratuito, é disponibilizar aos detentos um espaço para divulgação de perfis (*profiles*), serviço oferecido mediante pagamento de uma taxa anual no valor de 50 dólares americanos. Ao criar seu perfil, o aprisionado é motivado a compartilhar algumas informações pessoais (como nome, idade, altura, religião, sexualidade etc.) e a produzir um breve texto sobre si mesmo, expressando os motivos que o levaram a inscrever-se no programa e convidando o leitor a se corresponder com ele. São esses textos de apresentação o foco de nossa pesquisa, aqui compreendidos como *enunciados*, ou seja, como unidades da comunicação discursiva que possuem um autor e destinatário(s) específico(s) as quais se concretizam em um gênero do discurso de uma determinada esfera da atividade humana.

A noção de enunciado a que nos filiamos decorre dos pressupostos teórico-metodológicos da chamada Teoria/Análise Dialógica do Discurso (BRAIT, 2016) que, baseada nos escritos de Bakhtin e o Círculo<sup>2</sup>, fundamenta nosso estudo. Sob essa perspectiva, os

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://writeaprisoner.com/>. Acesso em: 7 set. 2022.

<sup>2</sup> Nos referimos aqui ao “grupo de intelectuais [...] que se reuniu regularmente de 1919 a 1929, primeiro em Nevel e Vitebsk e, depois, em São Petersburgo (à época rebatizada de Leningrado). Era constituído por pessoas de diversas formações, interesses intelectuais e atuações profissionais (um grupo multidisciplinar, portanto), incluindo, entre vários outros, o filósofo Matvei. I. Kagan, o biólogo Ivan I. Kanaev, a pianista Maria V. Yudina, o professor e estudioso de literatura Lev V. Pumpianski e [...] Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Voloshinov e Pavel N. Medvedev” (FARACO, 2009, p. 13).

enunciados dos detentos apresentam-se como materialidades discursivas que refletem e refratam diferentes vozes e avaliações sociais, preservando, em sua constituição, marcas da interação entre os sujeitos privados de liberdade e seus possíveis interlocutores do “mundo exterior”. Especialmente, os textos dos perfis dos detentos nos dizem algo sobre o cronotopo da prisão, este tempo-espaço que parece ser definido por um passado que condena e por um futuro que pode ou não oferecer a liberdade.

Sabemos que a comunidade de detentos é marcada por um alto grau de estigmatização social, seja nos Estados Unidos ou no Brasil, caracterizada pela exclusão e apagamento desses sujeitos da sociedade. Nos discursos que circulam a respeito de criminosos em nosso país, costumam estar presentes expressões de ódio, de desprezo e de morte. Como exemplo, lembramos os enunciados “bandido bom é bandido morto” e “CPF cancelado”, que ganharam força nos últimos anos, especialmente com a ascensão da extrema direita à presidência e a outros cargos de poder, tanto nos Estados Unidos como no Brasil. Diante desse contexto, em que as vozes dos apenados é silenciada pelos gritos daqueles que desejam a sua morte, o seu *extermínio*, nossa pesquisa dedica-se a escutá-las e compreendê-las em sua singularidade.

Além disso, nosso interesse em estudar o conceito de cronotopo – conforme concebido pelo pensador russo M. M. Bakhtin – está ligado a uma inquietação sobre o tempo e a linguagem que nos acompanha desde a iniciação científica, ainda no período da graduação em Letras, Português-Inglês e Respektivas Literaturas pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Sob orientação da Profa. Dra. Patrícia da Silva Valério, tomamos parte no projeto de pesquisa por ela coordenado, intitulado “Linguagem, tempo e sociedade”, e assim iniciamos um percurso de estudos a que damos continuidade no mestrado.

Em um primeiro momento dessa jornada de investigação, nos empenhamos em estudar as perspectivas teóricas de três autores que dedicaram ao tempo um espaço de reflexão em suas obras, nomeadamente: o linguista sírio-francês Émile Benveniste, o filósofo africano Agostinho de Hipona e o filósofo russo Mikhail Bakhtin. Dessa etapa inicial resultaram trabalhos apresentados em eventos acadêmicos, artigos publicados em anais de eventos e em revistas científicas – “A experiência humana na linguagem: o papel do tempo na (re)construção do sentido e na expressão da realidade” (2017, coautoria de Patrícia Valério); “A categoria tempo em Agostinho, Bakhtin e Benveniste: aproximações e afastamentos teóricos” (2020, coautoria de Patrícia Valério) –, e uma monografia apresentada como trabalho de conclusão de curso – “A linguagem e o tempo: um estudo em Agostinho, Benveniste e Bakhtin” (2018).

Já a partir de 2020, a criação do projeto de pesquisa “Linguagem e interação” (também coordenado pela professora Patrícia Valério) possibilitou o aprofundamento de uma abordagem

do tema sob a perspectiva do Círculo de Bakhtin. Os artigos “Sentidos adormecidos: o despertar dialógico entre enunciados distantes no tempo e no espaço” (2020, coautoria de Patrícia Valério) e ““O que uma criança está fazendo com uma boneca?”: reflexões dialógicas sobre o ato de brincar” (2022, escrito em coautoria com Fernanda Lopes Bortolini e Patrícia Valério), publicados em revistas científicas nacionais, são fruto desse segundo momento da pesquisa.

Cabe destacar que as discussões e leituras realizadas nos encontros do grupo de estudos “Língua e Discurso” (do qual participamos desde sua criação, em 2016), organizado pela professora orientadora em colaboração com a Profa. Dra. Marlete Sandra Diedrich, nos familiarizaram com os textos do Círculo e, conseqüentemente, contribuíram para a produção dos trabalhos citados. Ainda, em 2021, integramos o projeto de extensão “Vozes da comunidade: entender para transformar” – financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) – cuja base teórico-metodológica mobiliza conceitos e noções concebidos por Valentin Volóchinov. Já em 2022, participamos do grupo de estudos “Leituras de Bakhtin”, que propôs aos seus participantes a leitura em voz alta do texto “O discurso no romance”, e ainda dos encontros do grupo de estudos “Bakhtin e o Círculo – Diálogos com Volóchinov”, este último promovido pelo Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e coordenado pela Profa. Dra. Alessandra Vieira e pela Profa. Dra. Lia Schulz.

Logo, tendo em vista esse percurso de investigação, tornam-se claros os motivos que nos levaram a dar continuidade à pesquisa sobre as relações entre tempo e linguagem na obra de Bakhtin e o Círculo. Na reflexão que aqui apresentamos, o cronotopo ocupa um lugar especial: enquanto fusão dos índices temporais e espaciais discursivamente representados, ele é o conceito norteador deste trabalho que busca melhor compreender as peculiaridades do tempo-espaço da prisão através dos discursos dos sujeitos que a habitam. Porém, como sabemos, não há conceito que exista isoladamente e que não esteja em diálogo com outros dentro do complexo e abrangente horizonte do pensamento bakhtiniano. Sendo assim, convocamos para nossa pesquisa os conceitos de *enunciado*, *língua/linguagem*, *discurso*, *gêneros discursivos* e *relações dialógicas* que, unidos à noção de cronotopia, enriquecerão o olhar para os textos em análise.

Esclarecemos que o destaque dado ao cronotopo se justifica pela sua relativamente baixa presença nos trabalhos monográficos, livros, artigos e eventos dedicados à discussão da obra de Mikhail Bakhtin, em detrimento de outros conceitos amplamente debatidos, como *dialogismo* e *gêneros do discurso*. A esse respeito, verificamos que, ao consultar o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

(CAPES)<sup>3</sup>, podem ser localizados 1,577 trabalhos relacionados a “dialogismo” e 1,203,661 que envolvem, de alguma forma, “gêneros do discurso”, enquanto a pesquisa pelo termo “cronotopo” exhibe apenas 145 teses e dissertações. Notamos, ainda, que a maioria das pesquisas acadêmicas que envolvem o cronotopo está voltada para a análise de obras literárias, de autores como José Saramago, Érico Verissimo, João Guimarães Rosa e Clarice Lispector.

A influência dos estudos literários sobre o conceito pode ser observada com acentuada clareza na obra *Bakhtin e o cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas* (Parábola Editorial, 2015, tradução de Oziris Borges Filho *et al.*), publicada originalmente em língua inglesa, em 2010, sob organização da pesquisadora belga Nele Bemong *et al.* O livro reúne artigos de diferentes autores cujos trabalhos têm como tema central o cronotopo e está dividido em cinco partes, a saber: “Estado da arte”, “Reflexões filosóficas”, “Relevância do cronotopo para a história literária”, “Leituras cronotópicas” e “Perspectivas para a teoria literária”. Conforme buscaremos apontar em nossa dissertação, o cronotopo é um conceito que nasce vinculado à literatura, mas que pode potencializar reflexões em outras disciplinas, em pesquisas com diferentes objetos de estudo. Um dos trabalhos que motivaram nossa pesquisa é o texto “Cronotopo e exotopia”, publicado pela pesquisadora brasileira Marília Amorim na obra *Bakhtin: outros conceitos-chave* (2016). Em sua apresentação e discussão das noções bakhtinianas de tempo-espço e excedente de visão, a autora trabalha com exemplos que não se resumem à linguagem verbal, como uma pintura de Pablo Picasso e o cinema de Abbas Kiarostami. Desse modo, Amorim nos provoca a pensar o cronotopo sob a ótica de diferentes linguagens, o que nos leva a esta dissertação que está voltada para análise não do discurso literário, mas de enunciados do cotidiano, como concebemos os textos de apresentação dos detentos participantes do programa WriteAPrisoner.

Considerando a impossibilidade de analisarmos a totalidade de perfis cadastrados no site da empresa, visto que, diariamente, diversos deles são adicionados, enquanto outros são deletados, precisamos definir critérios de seleção que ajudarão a delimitar o corpus de estudo. Sendo assim, trabalharemos com um recorte do conjunto de perfis disponíveis para acesso, a ser composto por: a) os perfis que se encontram na aba destinada à categoria educacional (*Inmate Educational Profiles*), que reúne os detentos que desejam dar continuidade a seus estudos em nível básico ou superior; e b) os perfis de detentos que cumprem pena de prisão perpétua (*life sentence*), a serem localizados utilizando o mecanismo de busca avançada do site.

---

<sup>3</sup> Disponível em: < <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>>. Acesso em: 12 mar. 2023.

A partir desses grupos, serão selecionados os cinco primeiros resultados (perfis) exibidos em cada categoria no momento de acesso ao site, sem alteração dos campos automaticamente preenchidos. O texto de apresentação que consta no perfil do detento será transcrito e traduzido do inglês para o português sob nossa responsabilidade.

Escolhemos as referidas categorias por entendermos que elas apontam para duas perspectivas diferentes sobre o tempo: a primeira, mais aberta, pois tem seu foco na vida fora da prisão, em um momento em que os detentos poderão se candidatar a melhores vagas de emprego após terem progredido em sua formação escolar. A segunda categoria, por sua vez, inibe essa possibilidade através da pena perpétua, que condiciona um outro ponto de vista sobre o tempo, restrito a uma vida dentro da prisão.

Isso posto, caracterizamos nossa pesquisa, consoante a Prodanov e Freitas (2013), como exploratória, bibliográfica e documental, com abordagem qualitativa do corpus de estudo constituído de dez textos de apresentação de detentos inscritos no site WriteAPrisoner.com, sendo cinco deles selecionados da categoria educacional (*Inmate Educational Profiles*) e cinco do grupo de detentos que cumprem pena perpétua (*Life Sentence Profiles*).

Assim, sob a perspectiva da Teoria Dialógica do Discurso, com base nos escritos de M. M. Bakhtin (2018 [2012]; 2011 [1970-71] [1970] [1952-53] [1936-38]) e V. N. Volóchinov (2019 [1929]), temos por objetivo geral analisar as relações cronotópicas e alteritárias emergentes desses perfis, com vistas a melhor compreender o cronotopo da prisão e a especificidade da linguagem dos sujeitos que a habitam. Para cumprir essa tarefa, elaboramos ainda três objetivos específicos, sendo eles: a) visitar textos de Bakhtin e o Círculo que contribuam para aprofundar e ampliar a discussão sobre o cronotopo; b) investigar a possibilidade de um cronotopo específico da prisão, com base nos textos dos perfis de apresentação dos detentos; c) caracterizar as relações dialógicas presentes nos textos de apresentação.

Em vista disso, organizamos nosso trabalho em três partes. O primeiro capítulo trata sobre o conceito de cronotopo, enquanto o segundo explora brevemente os princípios básicos da filosofia da linguagem bakhtiniana. O terceiro capítulo é reservado à metodologia e análise do corpus de estudo, seguido das considerações finais e discussão dos resultados.

## 2 O CRONOTOPO

– A eternidade sempre nos parece uma ideia que não se pode entender, algo enorme, enorme! Mas por que forçosamente enorme? E de repente, em vez de tudo isso, imagine só, lá existe um único quarto, alguma coisa assim como um quatinho de banhos de aldeia, enegrecido pela fuligem, com aranhas espalhadas por todos os cantos, e toda a eternidade se resume a isso. [...]. (DOSTOIÉVSKI, 2019 [1866]).

Certamente, nosso leitor deve ter observado que decidimos apresentar Bakhtin como um *filósofo* antes de qualquer outro predicado que costuma acompanhar seu nome, considerando que, ainda hoje, ele é descrito, lido e compreendido de diferentes maneiras, por diferentes grupos de leitores. Se assim optamos por introduzi-lo em nosso trabalho é porque ele mesmo indicava, em entrevista concedida a Victor Duvakin em 22 de fevereiro de 1973, que o título de filósofo melhor lhe servia. Na ocasião referida, ao tratar do período em que Bakhtin viveu em Odessa, Duvakin questiona se ele estava mais para um filósofo do que um filólogo, ao que Bakhtin, do alto de seus 78 anos de idade, responde: “Sim, um filósofo e não um filólogo. Um filósofo. E é isso o que sou até hoje. *Eu sou um filósofo. Um pensador.*” (BAKHTIN, 2019 [1973], p. 41, grifos nossos, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Com efeito, se observarmos o conjunto de sua obra, encontraremos reflexões de alguém que se dedicou incessantemente a pensar a vida e o homem sob o ponto de vista da palavra, da linguagem viva e heterogênea que tem o mundo em seu horizonte. Porém, o que é notadamente uma das peculiaridades de sua ampla produção teórica – a diversidade de temas abordados e a potencialidade multidisciplinar – acabou tornando-se igualmente um problema: como em uma pintura sobre espelho que vai ao chão e se estilhaça, a imagem de Bakhtin fragmentou-se e fez surgir vários “Bakhtins”. Ao olhar para os estilhaços, contempla-se ora a figura de um linguista soviético, de um professor de língua materna, de um teórico da literatura, de um filósofo etc. Assim, cada disciplina ou campo do conhecimento parece recolher a figura que melhor lhe convém e, por vezes, acredita ver o todo nas partes, cada vez mais desunidas.

Entendemos que a dificuldade em perceber Bakhtin sob um ponto de vista mais amplo e aberto, como um *pensador* mesmo das ciências humanas, deve-se, também, em consequência da publicação e recepção problemática de sua obra, tendo em vista que “[...] o material [legado pelo autor] veio vindo à luz na Rússia sem nenhuma ordem cronológica e sua publicação levou mais de vinte anos para se completar” (FARACO, 2009, p. 14-15), fenômeno que se observou igualmente no Ocidente.

---

<sup>4</sup> No original: “Yes, a philosopher rather than a philologist. A philosopher. And that’s who I am to this day. I am a philosopher. A thinker.”



Logo, como nenhum país conheceu a obra de Bakhtin na sequência em que ela foi produzida (SILVA, 2011), é importante lembrar, mesmo que *en passant*, qual texto foi o primeiro a ser traduzido e publicado no Brasil, isto é, qual Bakhtin chegou primeiro a um novo grupo de leitores. De acordo com Fiorin (2016), o pensador russo começou a ser conhecido no Ocidente por meio da pesquisadora búlgara Julia Kristeva que, em 1967, estudava na França e publicou na revista *Critique* uma apresentação de duas obras de Bakhtin – *Problemas da Poética de Dostoiévski* e *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*<sup>5</sup> –, intitulada “*Bakhtine, le mot, le dialogue et le roman*” (Bakhtin, o discurso, o diálogo, o romance).

Somente em 1977 a obra *Le Marxisme et la philosophie du langage: essai d’application de la méthode sociologique en linguistique* veio a ser publicada na França pela *Les Éditions de Minuit*, a qual destacamos devido ao seu papel decisivo para a recepção de Bakhtin e o Círculo no Brasil. Essa edição, prefaciada por Roman Jakobson, traduzida por Marina Yaguello e com autoria então atribuída a Bakhtin e Volóchinov<sup>6</sup> (como reiteram os textos de apresentação), serviu de base para a tradução brasileira publicada em 1979 pela editora Hucitec.

De fato, *Marxismo e filosofia da linguagem* foi a primeira obra do Círculo a chegar em solo brasileiro, o que, de acordo com Silva (2011), fez com que Bakhtin fosse conhecido em nosso país inicialmente como um filósofo da linguagem, ao contrário do que ocorreu, por exemplo, nos Estados Unidos, onde a recepção concentrou-se na esfera dos estudos literários.

Assim, cada país recebeu um fragmento diferente da imagem de Bakhtin. Acrescentam-se a esse contexto as traduções nem sempre qualificadas que serviram como porta de entrada ao pensamento bakhtiniano para muitos pesquisadores. Apesar de possibilitarem o contato inicial entre os autores russos e os leitores brasileiros, as primeiras traduções das obras de Bakhtin e o Círculo em nosso país se deram por via indireta, o que, certamente, teve suas consequências. Se na tradução direta já se intercambiam sentidos suficientes para causar perturbações na obra traduzida, podemos imaginar o grau a que elas chegam quando uma

---

<sup>5</sup> Respectivamente, “*Problemi poetiki Dostoievskovo (Problèmes de la poétique de Dostoïevski)*, (Moscou, 1963); *Tvorchestvo François Rabelais [i narodnaia kultura srednevekov’ia i Renessansa] (l’ Œuvre de François Rabelais)*, (Moscou, 1965)” (KRISTEVA, 1969, p. 82, grifos da autora). Essas duas obras foram publicadas na França pela primeira vez em 1970.

<sup>6</sup> A obra *Marxismo e filosofia da linguagem* integra o conjunto de textos de autoria disputada de Bakhtin e o Círculo, do qual fazem parte, principalmente, *O Freudismo* e *O método formal nos estudos literários*. Os dois primeiros livros ora são creditados a Bakhtin, ora a Volóchinov (ou ainda, aos dois), enquanto a autoria da terceira obra oscila entre Bakhtin e Medviédev. A esse respeito, Faraco (2009) descreve três direções que tomou a recepção dos textos do Círculo que correspondem a três perspectivas possíveis de serem adotadas quanto à discussão sobre o problema da autoria. Neste trabalho, nos filiamos àquele ponto de vista que respeita as autorias das edições originais e que só reconhece “[...] como de autoria do próprio Bakhtin os textos publicados sob seu nome ou encontrados em seus arquivos” (FARACO, 2009, p. 12).

terceira língua – nesse caso, o francês – é acrescentada ao processo tradutório. Foi o que se verificou com os livros *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem* (1979), traduzido por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira; *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (1987), traduzido por Yara Frateschi Vieira; e a primeira edição de *Estética da criação verbal* (1992), traduzida também do francês por Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira – somente a partir de 2003 novas edições foram publicadas com tradução de Paulo Bezerra, já diretamente do russo (FIORIN, 2016). Nesse ponto cabe destacar que a atuação de Bezerra como tradutor e ensaísta das obras de Bakhtin e de outros teóricos e escritores russos (especialmente de Dostoiévski) contribuiu sobremaneira para a disseminação da literatura russa (científica e ficcional) em língua portuguesa. Note-se que ele também foi o responsável pela primeira tradução para o português de *Problemas da Poética de Dostoiévski* (1981) e *O Freudismo: um esboço crítico* (2001), ambos livros de Bakhtin que continuam a ser reeditados. Para além disso, Paulo Bezerra, Sheila Grillo e Ekaterina Américo participam de uma nova etapa na história das publicações de Bakhtin e o Círculo no Brasil, conduzida pela Editora 34, que publica textos inéditos e já conhecidos do Círculo, com tradução direta do russo baseada na edição mais recente das *Obras Reunidas de M. M Bakhtin*, publicada em 2012 na Rússia. Destaca-se ainda a publicação do livro *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica* (Editora Contexto, 2012), de Pável Medviédev, com tradução de Grillo e Américo.

A dificuldade em ler e compreender Bakhtin deve-se ainda à própria composição singular de sua obra, que é composta principalmente por manuscritos não revisados e não editados para publicação, com trechos ilegíveis e até mesmo certas afirmações sumárias, sem desenvolvimento posterior. Conforme observa Botcharov (1994), responsável por levar a cabo a publicação das obras completas de Mikhail Bakhtin,

Ambos os seus principais tratados filosóficos do início da década de 1920 existem como fragmentos, embora extensos. Suas obras daquela época estão inacabadas e abandonadas (“O autor e o herói” [O autor e a personagem na atividade estética]) ou lhes falta um início e um fim, porque essas partes não sobreviveram. Alguns trabalhos não conseguiram sobreviver porque foram guardados em um depósito, em meio a velharias. (BOCHAROV, 1994, p. 1022, tradução nossa)<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> No original: “Both of his mains philosophical treatises of the early 1920s exist as fragments, though extensive ones. His works of that time are unfinished and abandoned (“Author and Hero”), or else they lack a beginning and an end, because those parts failed to survive. Some works failed to survive because they were kept in the storeroom, amid old junk”.

Em um esboço de prefácio a uma coletânea de seus textos (por sinal não finalizado), o próprio Bakhtin (2011 [1970-71]) reconhece essa peculiaridade de sua escrita como um defeito que não deveria ser transformado em virtude. Segundo ele, o inacabamento interior de muitos de seus pensamentos (mas também exterior, um inacabamento de “expressão e exposição” desses pensamentos) se deve à “unidade de uma ideia em formação (em desenvolvimento)” (BAKHTIN, 2011 [1970-71], p. 392), o que nos leva a pensar em uma abordagem específica de seus trabalhos.

Realmente, não é raro encontrarmos trechos em que, ao examinar uma questão, o autor aponta para outras ainda mais profundas, mas diz que não poderá se ocupar delas naquele momento, pois merecem um estudo específico que, no fim, não se concretizou. Contudo, parece ser esse o desafio de qualquer pesquisador que se põe a navegar em um oceano de problemas, como o fez Bakhtin: para chegar ao destino almejado, privilegia-se uma rota em detrimento de todas as outras possíveis, tornando a viagem de cada um sempre diferente e singular.

Logo, diante da imensidão ondulante de questões que avistamos em nossa pesquisa, precisamos tomar decisões que definirão nosso percurso teórico-metodológico. A principal delas já foi tomada, qual seja, a de estabelecer os estudos de Bakhtin e o Círculo como aporte teórico para esse trabalho. Em seguida, devemos definir quais textos irão nos guiar até o objetivo final de analisar as relações cronotópicas e alteritárias emergentes dos perfis de detentos inscritos no site WriteAPrisoner.com, com vistas a melhor compreender o cronotopo da prisão. Em outras palavras (se nossa metáfora sustenta algum sentido): precisamos esclarecer qual barco e quais instrumentos de navegação nos guiarão nessa viagem.

Nesse capítulo, discutiremos o conceito de cronotopo com base em dois textos de Mikhail Bakhtin. Certamente, não pretendemos resenhar os textos selecionados e acabar sintetizando, passo a passo, cada uma de suas partes – isso seria contrário à natureza da dissertação. A tarefa que nos colocamos nos capítulos de revisão bibliográfica é a de resgatar e discutir as ideias centrais de textos de Bakhtin que acabam por corresponder aos conceitos e princípios essenciais à construção da reflexão proposta inicialmente.

Sendo assim, na primeira seção, estudaremos o conceito de cronotopo a partir de seu lugar de origem e em direção aos desdobramentos possíveis. Por sua vez, na segunda seção, examinaremos alguns tipos de cronotopos e suas características, enquanto a terceira seção é dedicada à noção de tempo no texto de Bakhtin sobre Goethe. Em todas as seções, recorreremos a estudos e comentários de leitores qualificados de Bakhtin que nos auxiliam a aguçar a compreensão de seu pensamento.

## 2.1 AS FORMAS DO TEMPO E DO CRONOTOPO NO ROMANCE: UMA QUESTÃO HISTÓRICA

Localizamos a discussão sobre o cronotopo em dois textos de M. M. Bakhtin da metade final da década de 1930, pertencentes ao período da produção teórica do autor voltado à discussão do romance. Segundo Holquist (1984),

Esse tema tinha uma urgência particular nos anos 1930 porque o romance havia se tornado o foco principal dos esforços do governo em alinhar as instituições soviéticas. Em 1932, todos os autores foram forçados a aderir à nova União dos Escritores, não importando qual fosse seu estilo ou visão política. Dois anos depois houve um esforço conjunto para limitar essa unidade institucional com uma unidade estilística baseada no romance socialista: um líder, um partido, uma estética. Como parte da campanha de 1934 para o avanço do realismo socialista, a Academia Comunista organizou uma série de discussões sobre a natureza do romance, considerado o gênero mais importante para definir o novo estilo obrigatório. As transcrições dessas discussões, nas quais um número de líderes intelectuais participou, incluindo George Lukacs, então residente na União Soviética, foram publicadas em 1935 na principal revista teórica, *The Literary Critic* [A Crítica Literária]. Não foi por acaso que a nova preocupação de Bakhtin com o gênero romanesco data precisamente de 1934-1935. (HOLQUIST, 1984, p. xvii, grifos do autor, tradução nossa)<sup>8</sup>.

Sendo assim, nessa época o romance estava no centro da atenção não somente de Bakhtin, mas também de seus contemporâneos e, inclusive, do governo, visto que ele havia alcançado “uma espécie de *status* de super gênero, como o exemplo preeminente da estética oficial do realismo socialista [...]”, afirma Holquist (2015, p. 35, grifos do autor).

O principal texto a tratar sobre o cronotopo é o longo ensaio intitulado “As formas do tempo e do cronotopo no romance”<sup>9</sup> (*Fórmí vriémeni i khronótopa v románe*), publicado postumamente na coletânea *Problemas de literatura e estética: estudos de diversos anos* (*Voprosy literatury i estetiki. Issledovaniia raznykh let. Khudozhestvennaia literatura*, Moscou, 1975). Essa antologia, com cerca de quinhentas páginas, cobria mais de meio século da produção teórica de Bakhtin e reunia escritos de natureza variada, dentre eles o ensaio referido e o igualmente extenso “Discurso no romance” (*Slovo v romane*) (EMERSON, 1997).

---

<sup>8</sup> No original: “This theme had a particular urgency in the 1930s because the novel had become the primary focus of the government’s efforts to bring Soviet institutions into line. In 1932 all authors, no matter what their style or politics, were forced to join the new Union of Writers. Two years later there was a concerted effort to cap this institutional unity with a stylistic unity based on the Socialist Realist novel: one leader, one party, one aesthetic. As part of the campaign in 1934 to advance Socialist Realism, the Communist Academy organized a series of discussions on the nature of the novel, considered the most important genre for defining the new obligatory style. Transcripts of these discussions, in which a number of leading intellectuals, including George Lukacs, then resident in the Soviet Union, participated, were published in 1935 in the major theoretical journal, *The Literary Critic*. It was not by chance that Bakhtin’s new concern with the genre of the novel dated precisely from 1934-1935”.

<sup>9</sup> Doravante, FTCR.

No Brasil, a obra é conhecida sob o título *Questões de literatura e estética: a teoria do romance* (Editora Hucitec, 1986, tradução de Bernardini *et al.*) que recentemente foi revisitada e reeditada em três volumes pela Editora 34, a partir de uma seleção de textos da coletânea original. Com nova tradução realizada por Paulo Bezerra, a trilogia da Teoria do romance está organizada em *A estilística* (2015), *As formas do tempo e do cronotopo* (2018), e *O romance como gênero literário* (2019). Segundo informa o tradutor, esses livros foram preparados com base no mais recente estabelecimento dos textos de Bakhtin na Rússia, isto é, a partir do texto crítico da coleção *Obras reunidas em sete tomos, tomo 3: A teoria do romance* (*Sobránie sotchiniênii v siémi tomakh, t. 3: Teória romana. Iazikí Slaviánskikh Kultur*, Moscou, 2012), organizada por Serguei Botcharov e Vadim Kójinov.<sup>10</sup>

Antes de ser publicado em 1975, Bezerra (2018) esclarece que FTCTR teve sua primeira versão em um manuscrito de 1937-39, mas foi editado para publicação apenas em 1973, ocasião em que Bakhtin “cortou e adicionou trechos, dividiu-o [o manuscrito] em capítulos e escreveu as ‘Observações finais’ que fecham o livro” (BEZERRA, 2018, p. 7). Há, portanto, um intervalo de mais de trinta anos entre a escrita do texto, sua última revisão feita pelo autor e a primeira publicação na Rússia, fato que não pode ser esquecido ou ignorado especialmente durante a leitura e discussão de seu capítulo final.

Semelhante distância temporal entre escrita e publicação ocorreu à maioria dos textos de Bakhtin, que vieram a lume pouco antes ou somente depois de sua morte. Em vida, Mikhail Bakhtin viu a publicação de apenas duas obras devidamente editadas e revisadas: o livro sobre Dostoiévski, publicado primeiramente em 1929 e reeditado em 1963, e o livro de 1965 sobre Rabelais, derivado de sua tese de doutorado. Outros textos de Bakhtin, menores em extensão, também vieram a público enquanto ele ainda estava presente entre seus leitores, como é o caso de “Arte e responsabilidade”, publicado em um almanaque diário em 1919, e “Os estudos literários hoje”, resposta a uma pergunta da revista *Novi Mir* veiculada em 1970.

Para concluir nossa observação acerca das publicações do filósofo russo, subscrevemos às palavras de Gasparov (1999 [1979], p. 85, tradução nossa)<sup>11</sup>, ao afirmar que “a ironia do destino de Bakhtin foi que ele pensou em diálogo com os anos 20, mas foi publicado, lido e

<sup>10</sup> Conforme assinalam Grillo e Américo (2019, p. 93-94, grifos do autor), “Botcharov é o detentor dos direitos de reedição das obras bakhtinianas e o principal mentor, organizador e realizador das *Obras reunidas de M. M. Bakhtin*, que foram finalizadas em 2012”. Em nota a esse trecho, as pesquisadoras comunicam que Botcharov “veio a falecer em 2017 e os direitos autorais da obra de Bakhtin passaram para seus herdeiros” (GRILLO; AMÉRICO, 2019, p. 94).

<sup>11</sup> No original: “The irony of Bakhtin’s fate was that he thought in dialogue with the twenties, but was published, read and respected at a time when his colleagues had already left the scene and strangers had gathered around him”.

respeitado em um tempo em que seus colegas já tinham saído de cena e estranhos haviam se reunido ao seu redor”, isto é, “[...] ele escreveu para um tempo mas foi lido em outro” (BOCHAROV, 1999 [1995], p. 30, tradução nossa)<sup>12</sup>.

Já o próximo texto a tratar sobre o cronotopo é “O tempo e o espaço nas obras de Goethe”, terceira e última parte do manuscrito “O romance de educação e sua importância na história do realismo”<sup>13</sup>, incluído em *Estética da Criação Verbal (Estetika slovesnogo tvorcestva. Iskusstvo*, Moscou, 1979), outro compilado de escritos de Bakhtin que veio à luz somente após sua morte (EMERSON, 1997).

Segundo Holquist (2002), Bakhtin completou esse trabalho em 1938, no período em que vivia na pequena cidade de Savelovo. O manuscrito, porém, nunca chegou aos leitores em sua versão completa, pois a editora responsável por publicá-lo foi bombardeada pelos alemães nos primeiros meses da Segunda Guerra Mundial, causando a destruição dos originais (HOLQUIST, 2002) (RENFREW, 2017). Trabalhamos, pois, com um texto inacabado, o que esclarece e justifica a necessidade das observações introdutórias sobre o caráter peculiar dos textos de Bakhtin, que acaba por exigir uma abordagem específica de seus trabalhos.

Seguramente, não tencionamos reproduzir aqui um estudo sobre os tipos de cronotopo na literatura, pois entendemos que Bakhtin já realizou competentemente essa tarefa em seu trabalho sobre uma poética histórica do romance. De nossa parte, qualquer tentativa em continuar essa discussão seria no mínimo prematura e ineficaz. Ainda assim, precisamos ir ao encontro do conceito e discuti-lo a partir do campo em que o autor russo colocou sua reflexão, que é o da literatura, para depois explorarmos seus possíveis desdobramentos em face do objeto de estudo de nossa pesquisa.

Inicialmente, cabe notar que o termo cronotopo – que designa “tempo-espaço”, conforme origem grega (*chronos*: tempo; *topos*: espaço) – é tomado por Bakhtin de empréstimo às ciências matemáticas, mais precisamente, à Teoria da relatividade desenvolvida por Albert Einstein. No entanto, ele não preserva o sentido específico que assume na teoria do físico alemão e é transferido por Bakhtin (2018 [1975], p. 11) para o campo dos estudos literários “quase como uma metáfora”, em que de essencial mantém-se a “expressão da inseparabilidade do espaço e do tempo [...]”.

Com base nas afirmações do autor russo, poderíamos dizer que a noção de cronotopia forma-se a partir de um diálogo com diferentes áreas do saber, relacionando-se não somente à matemática e à física, mas também à biologia e aos estudos filosóficos de Immanuel Kant.

---

<sup>12</sup> No original: “[...] he wrote for one time but was read in another”.

<sup>13</sup> Doravante, REIHR.

Bakhtin (2018 [1975]) torna explícitas essas relações em duas notas de rodapé em FTCT: na primeira, ele informa que assistiu a uma palestra de A. A. Ukhtómski sobre o cronotopo na biologia, em 1925, ocasião em que o ministrante abordou também questões estéticas. Na segunda nota, Bakhtin (2018 [1975]) remete a Kant para assinalar que, ao contrário dele, concebe tempo e espaço como formas da própria realidade factual e não como formas “transcendentais” e necessárias de todo conhecimento<sup>14</sup>.

Ao mencionar essas relações, temos o intuito não de investigar o seu alcance na concepção do conceito de cronotopo (tarefa que exigiria um estudo à parte e se desviaria dos objetivos propostos), mas de apontar para outra característica importante dos trabalhos de Bakhtin, qual seja, o *diálogo* que o pensador russo estabelece com outros autores e correntes teóricas e que está presente em seus textos implícita ou explicitamente. Por meio de uma dinâmica verdadeiramente dialógica, Mikhail Mikháilovitch inspira-se nas discussões de outras áreas do conhecimento, retoma, critica, reitera e reelabora discursos e ideias de outros para desenvolver seu próprio ponto de vista sobre diferentes questões.

Isso posto, podemos passar à questão que esse capítulo buscará responder: sobre o que trata o conceito de cronotopo? Em introdução a FTCT, Bakhtin (2018 [1975], p. 11, grifos nossos) nos oferece uma primeira resposta, direta e *aparentemente* simples, ao afirmar que entende por cronotopo “[...] a interligação essencial das relações de espaço e tempo como foram artisticamente assimiladas na *literatura*”. Logo em seguida, diz o autor:

No cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios do espaço e do tempo num todo apreendido e concreto. Aqui o tempo se adensa e ganha corporeidade, torna-se artisticamente visível; o espaço se intensifica, incorpora-se ao movimento do tempo, do enredo, da história. Os sinais do tempo se revelam no espaço e o espaço é apreendido e medido pelo tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico. (BAKHTIN, 2018 [1975], p.12).

Concordamos com Bemong e Borghart (2015) quando afirmam que esse trecho é o mais próximo de uma definição do conceito de cronotopo a que Bakhtin chega, o que os leva a apontar “[...] uma das mais fundamentais críticas aos ensaios sobre o cronotopo: uma definição *definitiva* do conceito nunca é oferecida” (BEMONG; BORGHART, 2015, p. 20, grifos do autor). De fato, é raro encontrarmos, em textos de Bakhtin, passagens em que o autor apresenta seus conceitos de forma concentrada e fixa. Pelo contrário, eles estão diluídos ao longo de cada texto e entre textos de diferentes anos, assumindo novos sentidos em cada (re)leitura que podem ser, inclusive, contraditórios, como apontam seus leitores: em FTCT, “Bakhtin inicia a

---

<sup>14</sup> Para uma melhor apreciação sobre a relação entre as perspectivas bakhtiniana e kantiana acerca das categorias de tempo e espaço, ver Holquist (2015).

formulação de algumas observações prévias e alterna entre exemplos concretos e mais generalizações, resultando em que o conceito parece adquirir sempre novos significados [...]” (BEMONG; BORGHART, 2015, p. 20).

Ao recordar uma discussão de 1972 com Bakhtin, Bocharov (1999 [1995], p. 36, tradução nossa)<sup>15</sup> observa que “ele claramente preferia a centralidade do problema às concepções”, isto é, a conceitos. Com base nos comentários de Bocharov (1999 [1995]) a respeito da obra do mestre russo, entendemos que, em oposição a uma ideia fixa, delimitada e acabada de todos os lados, o que Bakhtin nos oferece a cada momento é um novo *problema*, termo que deve ser compreendido em sua acepção mais próxima à origem grega da palavra, ou seja, enquanto algo saliente, como uma questão que se projeta diante da consciência do leitor.

Ainda assim, há uma ideia central do cronotopo que oferece um ponto de partida para sua análise nos diversos tipos de romance, como empreendida por Bakhtin: a ideia da inseparabilidade do tempo e do espaço num todo apreendido e concreto. Uma vez estabelecido o significado geral do cronotopo enquanto categoria de conteúdo-forma da literatura que engloba os índices temporais e espaciais artisticamente representados, Bakhtin (2018 [1975], p. 217) inicia em FTCCR uma análise dos “[...] grandes cronotopos tipologicamente estáveis, que determinam as mais importantes variedades de gênero do romance nas diversas etapas de sua evolução”, e assim, passa a falar de *cronotopos*, referindo-se aos diferentes modos de assimilação do tempo-espaço nos romances.

Antes de tratarmos sobre esses tipos de cronotopos é preciso esclarecer que, para Bakhtin, o romance é um gênero que passou por diferentes etapas de desenvolvimento e que evoluiu (e continua a evoluir) historicamente. A necessidade e a importância de conhecer e estudar as formas anteriores do romance para melhor compreendê-lo em seu estado atual ou em outro período decorre da compreensão de que “o romance, tal como o conhecemos hoje, é apenas uma das formas históricas da expressão do gênero” (FIORIN, 2016, p. 127).

Com efeito, o estudo do fenômeno literário para além da sua atualidade e passado mais imediato é considerado por Bakhtin (2011 [1970]) uma das tarefas mais importantes e necessárias de sua época, ao lado do estabelecimento de um vínculo com a história da cultura, visto que “a literatura é parte inseparável da cultura, não pode ser entendida fora do contexto pleno de toda a cultura de uma época” (BAKHTIN, 2011 [1970], p. 360).

Em relação à primeira questão, a qual salientamos, Bakhtin (2011 [1970], p. 362, grifos nossos) afirma que “uma obra remonta com suas raízes a um passado distante. *As grandes obras*

---

<sup>15</sup> No original: “He clearly preferred problem-centeredness to conceptions”.



*da literatura são preparadas por séculos; na época de sua criação colhem-se apenas os frutos maduros do longo e complexo processo de amadurecimento*”. Sendo assim, segundo o autor,

[...] uma obra não pode viver nos séculos futuros se não reúne em si, de certo modo, os séculos passados. Se ela nascesse *toda e integralmente* hoje (isto é, em sua atualidade), não desse continuidade ao passado e não mantivesse com ele um vínculo substancial, não poderia viver no futuro. Tudo o que pertence apenas ao presente morre juntamente com ele. (BAKHTIN, 2011 [1970], p. 363, grifos do autor).

Assim, buscamos destacar a relação do romance com o fluxo histórico em que ele nasce e se insere, considerando que, de acordo com Bakhtin (2011 [1970], p. 362, grifos do autor), “as obras dissolvem as fronteiras de sua época, vivem nos séculos, isto é, no *grande tempo*, e além disso levam frequentemente (as grandes obras sempre) uma vida mais intensiva e plena que em sua atualidade”. Por isso, mesmo quando tem por objetivo analisar o romance do século XIX, Bakhtin volta-se aos romances da Antiguidade para apontar elementos que foram preservados e reelaborados nos tipos mais recentes, sendo o cronotopo um deles, como veremos em seguida.

Ao propor que “[...] o gênero e as modalidades de gênero são determinados justamente pelo cronotopo [...]” (BAKHTIN, 2018 [1975], p. 12), o filósofo russo passa a investigar os elementos cronotópicos que ligam os diferentes momentos da evolução do romance. Nesse sentido, tempo e espaço não são compreendidos como categorias meramente acessórias, mas sim basilares para a constituição e interpretação do romance e de outros gêneros discursivos, literários ou não (retornaremos a essa questão no próximo capítulo).

## 2.2 RECONHECER O CRONOTOPO ATRAVÉS DO TEMPO

Em FTCT, Bakhtin assume como tarefa “apresentar uma tipologia provisória dos diferentes ‘cronotopos no romance’ que evoluíram no decorrer da história da literatura europeia [...]” (RENFREW, 2017, p. 146). O autor russo inicia o ensaio em questão analisando e discutindo os cronotopos dos dois tipos de romance da Antiguidade, o romance grego (ou romance aventureso de provação) e o romance aventureso de costumes, este associado a escritores romanos. Em seguida, aborda o romance biográfico e autobiográfico, passa pelo romance de cavalaria até se deter, por fim, no cronotopo rabelaisiano<sup>16</sup>, tratando também dos

<sup>16</sup> Bakhtin (2018 [1975]) caracteriza esse cronotopo com base nos quatro primeiros livros de François Rabelais, conhecidos sob o título *Gargântua e Pantagruel*. Porém, o quinto e último livro do humanista francês “[...] acaba se desviando acentuadamente do todo em termos de métodos artísticos” e por isso não está incluído na análise,

fundamentos folclóricos desse cronotopo e do idílio no romance (BAKHTIN, 2018 [1975]).

Ao longo de cada capítulo, Mikhail Mikhailovitch indica quais livros são os representantes de cada um desses tipos de romance, examina o enredo de alguns deles e desvela o cronotopo e a forma do tempo a que estão associados. Dentre essas formas – que incluem tempo aventureso, tempo biográfico, tempo folclórico, tempo idílico/cíclico etc. –, atentamos para a noção de tempo histórico que está presente em outros trabalhos de Bakhtin e é chave importante para compreender os princípios e noções de sua filosofia da linguagem, como discutiremos no capítulo seguinte.

Com o objetivo de evidenciar o modo como Bakhtin mobiliza o conceito de cronotopo em suas análises, sem nos estendermos demasiadamente sobre cada tipo de cronotopo abordado pelo autor, optamos por discutir aqui o motivo do encontro, ligado ao cronotopo da estrada e presente nos dois tipos de romance de tipo aventureso da Antiguidade. Segundo Bakhtin (2018 [1975], p. 30), “o motivo do encontro é um dos mais universais não só na literatura (é difícil encontrar uma obra em que esse motivo absolutamente não exista), mas em outros campos da cultura, assim como em diferentes esferas da vida e dos costumes da sociedade”. O autor identifica ainda a presença do motivo do encontro no campo técnico-científico, na esfera mitológica e religiosa e também em algumas correntes da filosofia. Notamos, em conformidade com Bemong e Borghart (2015, p. 22, grifos do autor), que

Em FTC, Bakhtin ocasionalmente usa os termos *cronotopo* e *motivo* como sinônimos, por exemplo, quando ele usa a expressão “cronotopo do encontro” como equivalente a “motivo do encontro” (FTC, 97). Por essa razão, Morson e Emerson chamaram a esses cronotopos menores de “motivos cronotópicos”, enquanto outros estudiosos preferem o termo “cronotopos motivicos”. Outros cronotopos motivicos que Bakhtin menciona além do encontro, são o cronotopo da estrada, do castelo, do salão, da cidadezinha, do limiar e da praça pública. (BEMONG; BORGHART, 2015, p. 22, grifos do autor).

Realmente, nas primeiras páginas de FTCT, Bakhtin (2018 [1975], p. 28, grifos nossos) afirma que

Motivos como encontro/despida (separação), perda/ obtenção, buscas/ descoberta, reconhecimento/ não reconhecimento, entre outros, entram como elementos constitutivos do enredo não só de romances de várias épocas e de vários tipos, mas em obras literárias de outros gêneros (épicos, dramáticos e até líricos). *Esses motivos*

---

assevera Bakhtin (2018 [1975], p. 119). Vale notar que o quinto volume foi publicado postumamente e sobre ele recaem dúvidas a respeito da autoria, pois pode não ter sido escrito por Rabelais (CELTEL *et al.*, 2018) (AMADO, 2009). Ainda, em REIHR, Bakhtin (2011 [1938]) identifica *Gargântua e Pantagruel* como um dos protótipos básicos do romance de educação, em que a formação do homem se apresenta concomitantemente à mudança do mundo, à transição de uma época a outra.

*são cronotópicos por natureza* (é verdade que de modo diverso nos diferentes gêneros). (BAKHTIN, 2018 [1975], p. 28, grifos nossos).

No que diz respeito à natureza cronotópica específica do encontro, Bakhtin (2018 [1975]) afirma que ela se mantém tanto positivamente – quando os personagens se encontram num mesmo tempo e num mesmo lugar –, quanto negativamente – quando eles não se encontraram porque estavam em lugares diferentes ou porque estavam no mesmo lugar em tempos diferentes.

Sublinhamos, em conformidade com o autor, que esse motivo pode adquirir diferentes matizes em diversas obras, inclusive valorativo-emocionais, pois “o encontro pode ser desejado ou indesejável, alegre ou triste, às vezes terrível, podendo ser também ambivalente” (BAKHTIN, 2018 [1975], p. 29). Essa observação nos remete especialmente ao tema de nossa pesquisa que trata sobre os discursos de detentos inscritos em WriteAPrisoner.com, um site para troca de correspondências que busca facilitar a comunicação entre pessoas de dentro e de fora da prisão. Com base no motivo do encontro, somos levados a pensar no contexto das pessoas privadas de liberdade para quem encontros ou reencontros com familiares e amigos são determinados pelo espaço do cárcere e pelas particularidades do tempo de pena em cumprimento. Para além das restrições impostas pela esfera legal e jurídica, imaginamos que nem todo (re)encontro será aceito ou desejado nesse contexto, ou seja, estando ou não presente no horizonte de expectativas dos detentos, o (re)encontro poderá assumir aqueles matizes valorativo-emocionais mencionados por Bakhtin, entre outros possíveis.

Quanto às formas que o encontro pode assumir no contexto da prisão, assinalamos a *visita* dentro da penitenciária, que pode ser permitida ou negada ao detento por vias legais; e o(s) (re)encontro(s) que pode(m) ou não ocorrer após o fim do encarceramento, para aqueles detentos cuja saída da prisão é uma possibilidade. Esses encontros compreendem a presença de no mínimo dois sujeitos (o detento e o outro que, por viver fora da prisão, adentra seu espaço com o intuito de visitá-lo) no mesmo tempo e no mesmo espaço. Reconhecemos também, em nossa leitura dos perfis divulgados no site WriteAPrisoner.com, a possibilidade de um encontro que se realiza mesmo que ambos os sujeitos estejam em cronotopos diferentes.

Lembramos que o objetivo do site é divulgar perfis de presidiários que, por diversos motivos, desejam se corresponder com pessoas de fora da prisão através de cartas ou e-mails (dentro das possibilidades de cada detento, instituição prisional e legislação). Logo, muitos desses detentos inscrevem-se no programa para ter alguém *de fora* com quem dialogar, com quem se comunicar e se corresponder, ainda que esse interlocutor do “mundo exterior” seja um completo desconhecido. Em vista disso, percebemos na troca de cartas um certo tipo de

encontro, talvez de caráter mais simbólico ou metafórico, mas ainda assim um *encontro* entre o eu e o outro através da *palavra*, haja vista que, de acordo com Bakhtin (2018 [1975], p. 29), “[...] dependendo do contexto, o motivo do encontro ganhará diferentes expressões verbalizadas. Ele pode ganhar um significado semimetafórico ou puramente metafórico, pode, enfim, tornar-se um símbolo (às vezes muito profundo)”.

A esse respeito, nos permitiremos ainda apontar o vínculo entre o motivo (ou cronotopo) do encontro e o cronotopo da estrada, em vista dos muitos encontros que ocorrem na estrada onde transitam as personagens dos romances em suas aventuras e viagens, conforme indica Bakhtin (2018 [1975]). Ao tratar desse cronotopo, o autor também tece comentários a respeito da possibilidade de ele ser representado metaforicamente. Em suas palavras,

[A estrada] É o ponto de enlace e o lugar de concretização dos acontecimentos. O tempo como que deságua no espaço e por ele flui (formando caminhos). Daí a tão rica metaforização do caminho-estrada: a “estrada da vida”, “pegar uma nova estrada”, “a via histórica”, etc.; a metaforização da estrada é variada e de múltiplos planos, mas o suporte basilar é o fluxo do tempo. (BAKHTIN, 2018 [1975], p. 218).

Segundo o autor, “na estrada (a ‘grande estrada’) cruzam-se num ponto espaçotemporal os caminhos percorridos por uma grande diversidade de pessoas – representantes de todas as classes e condições sociais, crenças religiosas, nacionalidades, faixas etárias” (BAKHTIN, 2018 [1975], p. 218). Por consequência, “as séries espaciais e temporais dos destinos e das vidas humanas combinam-se de modo peculiar, tornando-se complexas e concretas pelas *distâncias sociais superadas*” (BAKHTIN, 2018 [1975], p. 218, grifos do autor), porque na estrada encontram-se casualmente pessoas das mais diferentes origens e grupos sociais que normalmente vivem apartadas umas das outras.

Para Bakhtin (2018 [1975], p. 218), “a estrada é particularmente proveitosa para a representação de um acontecimento regido pelo acaso (mas não só para isso). Daí ser compreensível o importante papel temático da estrada na história do romance”. Imediatamente após essa afirmação, o autor elenca os romances em que a imagem da estrada está presente, começando pelo romance de costumes e de viagens até parar no romance histórico russo. Por fim, Bakhtin (2018 [1975], p. 220, grifos do autor) chama atenção para “um traço muito substancial da ‘estrada’, comum a todas as variedades de romance: a estrada passa pelo *país natal* e não por um *exótico mundo alheio*”. Assim, “revela-se e mostra-se a *diversidade histórico-social* desse país natal (assim, se é possível falar de exotismo, é apenas um ‘exotismo social’: ‘tugúrios’, ‘escória humana’, ‘covis de ladrões’)” (BAKHTIN, 2018 [1975], p. 220, grifos do autor).

Essas são apenas algumas das considerações de Bakhtin a respeito do motivo do encontro e do cronotopo da estrada presentes no ensaio sobre a história do romance. Nossa intenção ao recuperá-las foi tornar mais visível o modo como o pensador russo trabalha com o conceito de cronotopo, partindo de uma definição mais abrangente sobre o tempo-espço para um exame mais específico de suas particularidades em romances e épocas distintos. Em conformidade com Renfrew (2017, p. 146), os cronotopos podem ser compreendidos então como “[...] modos de descrever a estrutura narrativa de uma obra específica – e talvez de um gênero ou época particulares – em termos temporais e espaciais unificados, portanto, de entender a significação de tudo o que se move ou é representado dentro desse quadro”.

É importante reconhecer que os cronotopos analisados por Mikhail Bakhtin não são os únicos encontrados em cada tipo de romance, mas sim “[...] cronotopos grandes e essenciais que tudo abrangem” (BAKHTIN, 2018 [1975], p. 229), isto é, são tipos *predominantes*, uma vez que em uma mesma obra podem coexistir diferentes cronotopos. Como afirma o autor:

No âmbito de uma única obra e nos limites da criação de um autor, observamos uma infinidade de cronotopos e relações recíprocas complexas – específicas de uma dada obra e de um dado autor – entre eles, cabendo observar que um desses cronotopos costuma ser abrangente ou dominante (foram justo esses o objeto principal de nossa análise). *Os cronotopos podem incorporar-se uns aos outros, coexistir, entrelaçar-se, permutar-se, confrontar-se, contrapor-se ou encontrar-se em inter-relações mais complexas.* (BAKHTIN, 2018 [1975], p. 229, grifos nossos).

Tais inter-relações, complementa Bakhtin (2011 [1936-38]), não podem integrar os cronotopos e estão fora do universo representado, mas não fora da obra como um todo. Seu caráter geral é dialógico e diz respeito às relações entre autor e intérprete, ouvintes e leitores, cujos universos também são cronotópicos.

### 2.3 EM DIÁLOGO COM GOETHE: O TEMPO REVELADO NO ESPAÇO

Até aqui, temos focado, em nossa discussão, o texto “As formas do tempo e do cronotopo no romance”. De agora em diante, nos voltaremos também ao outro ensaio de Bakhtin sobre o cronotopo, intitulado “O romance de educação e sua importância na história do realismo”. Tendo em vista o trabalho realizado no primeiro texto, de 1975, notamos que a primeira parte de REIHR parece condensar algumas das análises presentes em FTCCR, ou ao menos preparar o estudo empreendido neste último ensaio, maior e mais detalhado. Nossa leitura leva em consideração o fato de que os dois ensaios teriam sido escritos na mesma época,

entre 1936 e 1939<sup>17</sup>, e a história que envolve o manuscrito sobre o romance de educação. Cabe lembrar, mais uma vez, que as três partes de REIHR publicadas em ECV sob o nome “Tipologia histórica do romance”, “O problema do romance de educação” e “O tempo e o espaço nas obras de Goethe” são fragmentos e esboços de uma publicação que não se realizou, pois os manuscritos teriam sido perdidos na guerra.

Nos materiais preparatórios para o livro que trataria sobre o escritor J. W. Goethe e o romance de educação, Bakhtin (2011 [1936-38], p. 205) busca classificar historicamente as modalidades do gênero romanesco “segundo o princípio de construção da imagem da personagem central”. Sendo assim, o filósofo russo organiza seu percurso de estudos com base na ideia de que “para compreender o romance do século XIX, é necessário um conhecimento substancial e uma avaliação de todos esses princípios de enformação da personagem, princípios esses que em maior ou menor grau participam da construção desse romance” (BAKHTIN, 2011 [1936-38], p. 216).

Nesse trabalho, Bakhtin (2011 [1936-38]) aborda o romance de viagens, o romance de provação, o romance biográfico e o autobiográfico que, segundo ele, são anteriores ao romance de educação e este, por sua vez, é anterior ao romance realista – o que reforça a perspectiva sobre o gênero em sua evolução histórica. Por reconhecer no romance de educação a representação da imagem de um homem *em formação*, em que se fornece a unidade dinâmica da imagem da personagem em oposição a uma unidade estática, Bakhtin (2011 [1936-38]) passa a chamá-lo também de romance *de formação*. Fazem parte desse tipo os romances cíclicos caracterizados pelo tempo idílico e pela representação do mundo e da vida como experiência, o romance biográfico, o romance didático-pedagógico e, finalmente, o romance realista de formação. Este constitui o “tema especial” do estudo do pensador russo e “não pode ser compreendido fora dos seus vínculos com os outros quatro tipos congêneres” (BAKHTIN, 2011 [1936-38], p. 223), citados anteriormente.

Diante disso, questionamos *como esse trabalho sobre o romance pode contribuir para a reflexão sobre o cronotopo proposta nesta pesquisa que não tem o romance como objeto de estudo?* Ao que respondemos: ao focar a imagem do herói em formação em REIHR, Bakhtin convoca o *tempo* como um dos elementos que influenciam a construção dessa imagem dentro dos diversos tipos de romance, o que nos interessa sobremaneira. Como já notamos, Bakhtin

---

<sup>17</sup> Na introdução à *Teoria do romance II* (2019), o tradutor Paulo Bezerra informa que FTCH teve sua primeira versão em um manuscrito de 1937-39. Nas notas que acompanham *Estética da criação verbal* (2011), onde está publicado REIHR, os organizadores da edição russa Vadim Kójinov e Serguei Botcharov (amigos de Bakhtin e curadores de seu espólio bibliográfico) afirmam que esse trabalho data de 1936-1938.

(2011 [1936-38]) constrói sua definição de cronotopo com base no gênero romanesco onde os índices temporais e espaciais constituem o núcleo da narrativa, juntamente com o enredo e a imagem de homem e de mundo que são criadas e representadas artisticamente através do discurso literário.

Esses elementos – o enredo, o tempo, a imagem de homem e de mundo – são mobilizados por Bakhtin (2011 [1936-38]) para discernir os traços comuns essenciais de cada tipo de romance em REIHR, pois estão integrados à unidade do romance e mantêm relação direta com o(s) seu(s) cronotopo(s). Tendo em vista sua relevância na discussão apresentada pelo autor, passamos agora a examinar os referidos elementos com mais atenção.

O enredo, conforme aponta Bakhtin (2011 [1936-38], p. 253, grifos nossos), compreende “o conjunto dos *acontecimentos* representados”. Claramente, se nada acontecesse no romance, não haveria nada sobre o que escrever e a narrativa (da vida de um sujeito, de uma família, de um vilarejo, de uma época etc.) não poderia existir. Em vista disso, vejamos o que diz o autor ao distinguir o enredo do romance biográfico do enredo do romance de viagens e do romance de provação:

O enredo da forma biográfica, à diferença do romance de viagem e do romance de provação, não é construído com base nos desvios em relação ao curso normal e típico da vida, mas precisamente nos elementos basilares e típicos de toda a trajetória vital: nascimento, infância, anos de aprendizagem, casamento, construção do destino, trabalho e afazeres, morte, etc., isto é, precisamente com base naqueles elementos existentes antes do início ou depois do término do romance de provação. (BAKHTIN, 2011 [1936-38], p. 213).

Os desvios do curso da vida mencionados por Bakhtin (2011 [1936-38], p. 210) são característicos do romance de provação, cujo enredo se constrói justamente por meio de “[...] acontecimentos excepcionais e situações que não existem na biografia típica, normal, comum do homem”. Confrontados com uma série de acontecimentos extraordinários, os heróis desse tipo de romance permanecem inalterados *apesar* do que lhes sucede e ao final do período de provações “tudo volta ao seu começo; tudo retoma o seu lugar” (BAKHTIN, 2018 [1975], p. 40).

De certo modo, é como se um hiato temporal se interpusesse na vida das personagens: elas permanecem as mesmas antes e depois dos acontecimentos inusitados e desafiadores (BAKHTIN, 2018 [1975]). Conforme o autor, “[...] todas as pessoas e objetos passaram por algo que, verdade seja dita, não os modificou, mas que, precisamente por isso, os corroborou, por assim dizer, verificou e estabeleceu sua identidade, sua solidez e imutabilidade” (BAKHTIN, 2018 [1975], p. 40). Diferentemente, no romance biográfico os acontecimentos

ordinários e comuns entram na série temporal da vida do homem e participam dela em sua evolução e mudança, ainda ligados a um tempo-espço concreto de realização.

Percebemos, então, o significado de enredo que adquirem os diversos cronotopos que podem coexistir no romance, como afirma Bakhtin (2018 [1975], p. 226) em suas observações finais: “Eles [os cronotopos] são os centros organizacionais dos acontecimentos basilares que sedimentam o enredo do romance. Nos cronotopos atam-se e desatam-se os nós do enredo. Pode-se dizer francamente que pertence a eles o significado basilar gerador do enredo.”

O próximo elemento abordado pelo autor russo em seu esboço de uma tipologia histórica do romance é o *tempo*, essencial para nossa pesquisa. Em cada tipo de romance, Bakhtin visualiza também uma forma de tempo específica que o caracteriza e distingue de outros romances. Vejamos então como o autor reconhece as diferenças entre o tempo aventuresco, o tempo biográfico e o tempo histórico, para melhor compreender como esse elemento é representado na literatura.

Bakhtin (2011 [1936-38]) identifica, no romance aventuresco de provação, o tempo da aventura (ou tempo aventuresco), retirado da história e da biografia e ligado àqueles acontecimentos extraordinários e inusitados “[...] que , no fundo, não deveriam ocorrer, que apenas separam entre si dois momentos contíguos da biografia, inibem o fluxo da vida normal mas não a modificam” (BAKHTIN, 2011 [1936-38], p. 210). Os acontecimentos desse tipo de romance se realizam geralmente entre o noivado e o casamento ou a noite de núpcias dos heróis e as provações por eles enfrentadas não alteram seu caráter ou seu amor, nem impedem a sua união, que acaba por ocorrer apesar de todos os desafios enfrentados. Desse modo, “o romance de provação sempre começa onde começa o desvio em relação ao curso social normal e biográfico da vida, e termina onde a vida volta ao curso normal” (BAKHTIN, 2011 [1936-38], p. 210-211). Logo, conforme acrescenta o autor,

As peculiaridades do enredo, que se constitui dos desvios em face do curso histórico e biográfico, determinam a originalidade geral do tempo no romance de provação: ela carece de mensuradores reais (históricos e biográficos) e de localização histórica, ou seja, de uma fixação substancial a uma determinada época histórica, de vínculo com determinados acontecimentos e condições históricas. A própria questão da localização histórica não se colocava diante do romance de provação. (BAKHTIN, 2011 [1936-38], p. 211).

A respeito da falta de mensuradores reais históricos e biográficos, Bakhtin (2018 [1975]) esclarece que, no romance aventuresco, não há uma duração etária elementarmente biológica, visto que os heróis preservam sua idade do início ao fim do romance. Sendo assim, segundo o autor, “esse tempo durante o qual eles [os heróis] vivem o mais inverossímil número de



aventuras, não é medido nem contado no romance; são simplesmente dias, noites, horas e instantes tecnicamente mensurados apenas no âmbito de cada aventura particular” (BAKHTIN, 2018 [1975], p. 20). Já quanto à questão da localização histórica, Bakhtin (2018 [1975], p. 21) assevera que “em todo o universo do romance grego [romance aventureso de provação], com todos os seus países, cidades, edificações, obras de arte, estão de todo ausentes quaisquer indícios do tempo histórico, quaisquer vestígios da época”.

Em relação às diferenças entre o tempo aventureso e o tempo biográfico, Bakhtin (2018 [1975], p. 31) afirma que o primeiro necessita de uma extensividade espacial abstrata, pois “para que a aventura possa desdobrar-se é necessário espaço, muito espaço”. De acordo com o pensador, raptos, fuga, perseguição, buscas e aprisionamento desempenham um papel importante no enredo do romance aventureso de provação, o que justifica a necessidade de grandes espaços e de diferentes países, lugares por onde passam os heróis em suas aventuras (BAKHTIN, 2018 [1975]).

A dimensão e a diversidade do universo desses romances são, porém, inteiramente abstratas, sublinha o autor. Assim, por exemplo, “para o naufrágio é necessário um mar, mas como venha a ser esse mar no sentido histórico e geográfico é absolutamente indiferente” (BAKHTIN, 2018 [1975], p. 30). Portanto, “o lugar entra na aventura apenas como uma extensividade vazia e abstrata” visto que “os acontecimentos aventurecos do romance grego não têm quaisquer ligações substanciais com as particularidades de cada país que figura no romance, com sua ordem sociopolítica, sua cultura, sua história”, afirma Bakhtin (2018 [1975], p. 31).

Por esse motivo, as aventuras do romance de provação são dotadas de mobilidade, pois “o que corre na Babilônia poderia correr no Egito ou em Bizâncio e vice-versa. Certas aventuras, concluídas em si, são mobilizáveis também no tempo, porque *o tempo aventureso não deixa nenhuma marca substancial e, conseqüentemente, é em essência reversível*” (BAKHTIN, 2018 [1975], p. 32, grifos nossos). Em contraposição, o tempo biográfico, ligado ao romance biográfico,

[...] é plenamente real, todos os seus momentos estão vinculados ao conjunto do processo vital, caracterizam esse processo como limitado, singular e irreversível. Cada acontecimento está localizado na totalidade desse processo vital e por isso deixa de ser aventura. Os instantes, o dia, a noite, a contiguidade imediata de breves instantes quase perdem inteiramente o seu significado no romance biográfico, que opera com longos períodos, com partes restritas da totalidade vital (idades, etc.). (BAKHTIN, 2011 [1936-38], p. 214).

Bakhtin (2011 [1936-38], p. 214) afirma também que “o tempo biográfico como tempo real não pode deixar de ser incluído (incorporado) no processo mais longo do tempo histórico, se bem que histórico em termos embrionários”. O autor compreende que “a vida biográfica é impossível fora de uma época, cuja durabilidade, que vai além dos limites de uma vida única, é representada antes de tudo pelas *gerações*” (BAKHTIN, 2011 [1936-38], p. 214, grifos do autor). Contudo, as gerações não integram o romance de viagens nem o romance aventuresco de provação e, assim, terminam por introduzir um elemento novo no mundo representado do romance que é o contato de vidas de tempos (gerações) diferentes, assim apresentando a saída para a duração histórica (BAKHTIN, 2011 [1936-38]).

Não somente aqui, mas em outros momentos podemos perceber a ênfase que o filósofo russo dá à dimensão histórica, ou melhor, ao tempo histórico em seus trabalhos. Apesar dessa forma temporal não se efetivar no romance de viagens e no romance aventuresco de provação, segundo Bakhtin (2011 [1936-38], p. 226), ela está presente de forma excepcional na obra de Goethe, que atingiu “um dos pontos culminantes da visão do tempo histórico na literatura universal [...]”.

Na opinião de Bakhtin (2011 [1936-38], p. 231), Goethe foi o autor que melhor compreendeu e representou essa visão autenticamente cronotópica devido à sua “surpreendente habilidade [...] para ver o tempo no espaço”. Na literatura goethiana, não existe espaço intocado pelo tempo, que desconhece o curso da história, pois “tudo – desde a ideia mais abstrata até o fragmento de uma pedra à beira de um riacho – leva em si a marca do tempo, está saturado de tempo e nele ganha sua forma e sentido” (BAKHTIN, 2011 [1936-38], p. 245).

Bakhtin analisa a visão do tempo em Goethe principalmente com base em seus livros de não-ficção *Poesia e verdade* (*Aus meinem Leben. Dichtung und Wahrheit*, autobiografia de 1811) e *Viagem à Itália* (*Italienische Reise*, relato da viagem de Goethe ao país de Dante em 1786 a 1788, publicado em 1816-17), apontando também para a originalidade de *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (*Wilhelm Meisters Lehrjahre*, de 1795-96), enquanto romance de formação. Dentre os aspectos discutidos pelo mestre russo, destacamos a questão da plenitude do tempo e da fusão do tempo e do espaço sob o olhar goethiano, profundamente cronotópica.

Conforme indica Bakhtin (2011 [1936-38]), Goethe tinha aversão aos “fantasmas” do passado, de uma ruína morta que não mantém nenhuma relação eficaz com o presente. O exemplo das árvores no vilarejo de Einbeck é essencial para apreendermos a peculiaridade da visão do escritor alemão sobre a natureza, a “perspicácia histórica” própria de seu olhar. Como descreve Bakhtin (2011 [1936-38], p. 233):

Ao viajar para o Pirmont por uma estrada que passa pelo vilarejo de Einbeck, o olhar de Goethe logo percebe que cerca de trinta anos antes essa cidade tivera um excelente prefeito (*Anais*, p. 76).

O que ele terá visto de especial? Viu muito verde, muitas árvores, percebeu seu caráter não casual, notou nelas um *vestígio de uma vontade humana* única *que agia de modo planejado*, e pela *idade* das árvores que ele definiu aproximadamente de vista, percebeu o tempo que essa vontade ativa foi realizada de forma planejada. (BAKHTIN, 2011 [1936-38], p. 233, grifos do autor).

Isto é, ao se deparar com aquele espaço concreto e real, Goethe pode ler, nele, os indícios do tempo pela idade das árvores e da vontade humana do prefeito da cidade que presumiu ser o responsável pela decisão de plantar aquelas árvores no passado. Elas são, então, “a marca *essencial e viva* do passado no presente” (BAKHTIN, 2011 [1936-38], p. 234, grifos do autor). Goethe tinha apreço pela chamada *plenitude do tempo*, por “esse passado criativamente eficaz, que determina o presente, fornece com este uma determinada direção também para o futuro, que em certo sentido antecipa o futuro”, indica Bakhtin (2011 [1936-38], p. 235).

Finalmente, após abordarmos o enredo e as formas do tempo enquanto elementos que constituem e distinguem os tipos de romance, é preciso destacar ainda o elemento da representação da imagem do homem e do mundo, considerando que, do ponto de vista de Bakhtin (2018 [1975], p. 12), “o cronotopo como categoria de conteúdo-forma determina (em grande medida) também a imagem do homem na literatura; essa imagem sempre é essencialmente cronotópica”.

A título de exemplo, retomamos a questão da imagem do homem associada ao tempo aventureiro, característico do romance aventureiro de provação: “está claríssimo que em tal tempo o homem só pode ser absolutamente *passivo* e absolutamente *imutável*” (BAKHTIN, 2018 [1975], p. 38, grifos do autor). Aqui, “o herói da provação é acabado e predeterminado, as experimentações (sofrimentos, seduções, dúvidas) não se tornam para ele uma experiência formadora nem o modificam, e nessa imutabilidade da personagem está toda a questão”, declara Bakhtin (2011 [1936-38], p. 209). Por fim, o autor alerta para o problema da representação do mundo no romance, afirmando que “o mundo representado, por mais realista e verídico que seja, nunca pode ser cronotopicamente identificado com o mundo real que representa, e no qual se encontra o autor-criador dessa representação” (BAKHTIN, 2018 [1975], p. 234).

Com base no que foi exposto e discutido nesta seção, vemos delinear-se a chave para a compreensão do conceito de cronotopo, que assim descrevemos, em consonância com Bakhtin (2011 [1936-38]): não há acontecimento que não tenha se realizado em determinado espaço e

não há espaço que não esteja preenchido por acontecimentos, ou seja, tempo e espaço estão interligados em uma unidade indissolúvel.

Nesse sentido, entendemos que os acontecimentos que constituem o enredo realizam-se não em um plano abstrato e imaginário, mas sim em um espaço concreto e visível, que integra o todo do romance. De modo semelhante, os lugares e regiões representados no romance são preenchidos por eventos, que assim se inscrevem não somente no tempo, mas também no espaço, isto é, realizam-se *cronotopicamente*. A partir da ideia da fusão de tempo e espaço, Bakhtin analisa o modo como essas categorias foram apreendidas e representadas de diferentes maneiras no romance ao longo dos séculos, veiculando também uma imagem de homem e de mundo típicas.

### 3 PRINCÍPIOS DE UMA FILOSOFIA DA LINGUAGEM

Como se fôssemos os elétrons de Heisenberg, sentimos que não existimos o tempo todo: existimos apenas quando interagimos com alguém, quando outra pessoa se digna a nos ver. Talvez, como a física quântica nos ensina, o que chamamos de realidade – o que achamos que somos e o que achamos que o mundo é – não passa de uma interação. (MANGUEL, 2021).

No primeiro capítulo, revisitamos dois textos de Bakhtin que, dentre outros temas importantes, abordam o problema do cronotopo, conceito caro a nossa pesquisa que se propõe a analisar o cronotopo da prisão em textos de apresentação de detentos inscritos no site WriteAPrisoner.com. Contudo, como antecipamos na introdução deste trabalho, a noção de cronotopia não pode ser estudada e analisada fora das relações que estabelece com outros conceitos da Teoria Dialógica do Discurso.

Logo, uma vez que o cronotopo corresponde ao modo como os índices temporais e espaciais são assimilados artisticamente, ou seja, como o tempo e o espaço – fundidos em uma unidade indissolúvel – são representados na *linguagem* artístico-literária, faz-se necessário explicitar a própria concepção de língua e de linguagem que está por trás deste conceito. Para cumprir essa tarefa, dedicamos este capítulo à discussão de elementos basilares do pensamento bakhtiniano que serão mobilizados posteriormente na análise de nosso corpus de estudo, constituído por textos de apresentação de detentos.

Certamente, não pretendemos nem imaginamos ser possível acolher, nas próximas páginas, toda a complexidade e abrangência da filosofia da linguagem derivada dos escritos de Bakhtin e o Círculo. Por isso, somos levados a selecionar aqueles conceitos cuja ausência em nossa pesquisa a tornaria incompleta e instável em suas bases, respectivamente, as noções de *enunciado/enunciação*, *língua/linguagem*, *gêneros do discurso* e *relações dialógicas*.

No que diz respeito ao modo como essas noções se articulam no conjunto do pensamento bakhtiniano, recuperamos o comentário de Brait e Melo (2014) a respeito do conceito de enunciado/enunciação que muito bem se aplica aos outros conceitos mencionados anteriormente. Segundo as pesquisadoras,

[...] a concepção de enunciado/enunciação não se encontra pronta e acabada numa determinada obra, num determinado texto: o sentido e as particularidades vão sendo construídos ao longo do conjunto das obras, indissociavelmente implicados em outras noções também paulatinamente construídas. (BRAIT; MELO, 2014, p. 65).

Por essa razão, optamos por trabalhar neste capítulo com uma seleção de textos que inclui “Os gêneros do discurso”, “O problema do texto na linguística, na filologia e em outras

ciências humanas”, “Os estudos literários hoje”, “Apontamentos de 1970-1971” e “Metodologia das ciências humanas”, de Mikhail Bakhtin (2011 [1952-53]; [1959-61]; [1970]; [1970-71]; [1930-40]), e “A interação discursiva”, “A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica” de Valentin Volóchinov (2019 [1929]; [1926]).

Com base nesse recorte, dividimos o capítulo em três seções: na primeira, abordamos a noção de *gêneros do discurso*; na segunda, exploramos os sentidos que a noção de *enunciado/enunciação* assume nos escritos de Bakhtin e o Círculo; e na terceira seção tratamos das *relações dialógicas* e seu papel na interação discursiva.

### 3.1 OS GÊNEROS DO DISCURSO: SOBRE AS RELATIVAMENTE ESTÁVEIS FORMAS DE DIZER

As notas presentes ao final de *Estética da criação verbal*, assinadas por Serguei Botcharov e Vadim Kójinov, informam que o texto “Os gêneros do discurso” foi escrito por Bakhtin entre 1952 e 1953 como um esboço de uma obra que, ao final, nunca chegou a ser realizada. Nesse trabalho preliminar, dividido em duas partes, Bakhtin (2011 [1952-53]) apresenta uma discussão sobre a natureza do enunciado, compreendido como uma unidade da comunicação discursiva, e sobre os gêneros do discurso, entendidos como tipos relativamente estáveis de enunciados ligados a uma determinada esfera da atividade humana.

Conforme observa Faraco (2009), trata-se, claramente, de um fragmento de texto cuja finalidade seria retomar com mais detalhes questões levantadas brevemente em trabalhos do Círculo da segunda metade da década de 1920. Mesmo diante de uma reflexão marcada pelo inacabamento e pela complexidade conceitual – característica que perpassa a obra de Bakhtin, como já apontado pelo próprio autor e por nós mencionada anteriormente –, encontramos, em “Os gêneros do discurso”, referência a noções fundamentais para a Teoria/Análise Dialógica do Discurso, tais como enunciado/enunciação, gênero, discurso, estilo, relações dialógicas, entre outras. Por esse motivo, elegemos esse texto como ponto de partida desta seção em que nos debruçamos sobre a natureza do enunciado e suas peculiaridades, sob a perspectiva do filósofo russo. Sem demora, passemos às considerações do autor sobre o tema.

Mikhail Bakhtin estabelece como ponto de partida de sua reflexão sobre os gêneros discursivos a ideia de que há uma relação essencial entre *a linguagem e seu uso* nos mais variados campos da atividade humana. Compreender essa relação é, ao nosso ver, fundamental para compreender o conceito de gênero conforme concebido por Bakhtin, para quem “gêneros do discurso e atividades são mutuamente constitutivos” (FARACO, 2009, p. 126).

Ao salientarmos a importância da “interconexão da linguagem com a vida social” (FIORIN, 2016, p. 69) para o conjunto da reflexão filosófico-linguística do teórico russo, buscamos nos afastar de certas leituras equivocadas do conceito de gêneros do discurso que, justamente por ignorarem a relação em foco, revestiram o conceito com uma normatividade estranha às ideias de Bakhtin, dando primazia aos aspectos formais dos gêneros e obliterando, assim, a “estreita correlação entre os tipos de enunciados (gêneros) e suas funções na interação socioverbal; *entre os tipos e o que fazemos com eles no interior de uma determinada atividade social*” (FARACO, 2009, p. 126, grifos nossos).

Em vista disso, é preciso considerar que “Bakhtin não vai teorizar sobre o gênero, levando em conta o produto, mas o processo de sua produção. Interessam-lhe menos as propriedades formais dos gêneros do que a maneira como eles se constituem” (FIORIN, 2016, p. 68). Devemos insistir, portanto, no “vínculo intrínseco existente entre a utilização da linguagem e as atividades humanas” (FIORIN, 2016, p. 68), isto é, na relação entre os gêneros discursivos e as esferas de atuação social em que eles se realizam, tomam vida e se transformam continuamente, como “as da escola, as da igreja, as do trabalho num jornal, as do trabalho numa fábrica, as da política, as das relações de amizade e assim por diante” (FIORIN, 2016, p. 68).

Para o filósofo de Orel, “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 262, grifos do autor). Nesse ponto, chamamos atenção para o destaque dado pelo autor à expressão “*relativamente estáveis*”, que caracteriza os tipos de enunciados que são os gêneros do discurso. O uso dessa expressão “implica que é preciso considerar a historicidade dos gêneros<sup>18</sup>, isto é, sua mudança, o que quer dizer que não há nenhuma normatividade nesse conceito. Ademais, o vocábulo acentuado indica uma imprecisão das características e das fronteiras dos gêneros” (FIORIN, 2016, p. 71).

Essa imprecisão deve-se ao fato de que os gêneros não têm suas características fixadas e acabadas definitivamente, porque eles são, reiteramos, formas relativamente estáveis de enunciados que, “no interior de uma atividade qualquer têm de ser abertas à contínua remodelagem; têm de ser capazes de responder ao novo e à mudança” (FARACO, 2009, p.

---

<sup>18</sup> Acreditamos que o primeiro capítulo dessa dissertação possibilitou ao leitor vislumbrar a complexa questão da historicidade dos gêneros do discurso, no que diz respeito à discussão do texto “As formas do tempo e do cronotopo no romance: um ensaio de poética histórica”. Como vimos, o teórico russo propõe nesse trabalho um estudo sobre a evolução do romance pela perspectiva do cronotopo literário, reconhecendo que os cronotopos por ele analisados “têm um caráter típico de gênero, [e] servem como base a certas variedades do gênero romanesco, que se formou e desenvolveu-se ao longo de séculos [...]” (BAKHTIN, 2018 [1975], p. 227).

127). Portanto, é justamente nessa relativa estabilidade que se encontra a possibilidade de diversidade e mudança para os gêneros discursivos, pois, por não serem imutáveis e fixos, eles estão sujeitos às alterações transcorridas nas variadas esferas da atividade humana. Conforme declara Bakhtin (2011 [1952-53], p. 26):

A riqueza e a diversidade dos gêneros discursivos são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 262).

Logo, para Bakhtin, os gêneros do discurso “não são apenas agregados de propriedades sincrônicas fixas, mas comportam contínuas transformações, são maleáveis e plásticos, precisamente porque as atividades humanas são dinâmicas, e estão em contínua mutação” (FARACO, 2009, p. 127). Assim, ao mesmo tempo que preservam em sua estrutura e conteúdo as marcas de usos passados, os gêneros discursivos estão abertos à constante renovação, isto é, “o gênero está ligado a uma tradição clássica, de um gênero clássico, no entanto, está sempre em constante atualização, pois se renova a cada utilização, a cada novo surgimento de um gênero do discurso, construído de relações dialógicas” (BORTOLINI; VALÉRIO, 2021, p. 224).

Sob a perspectiva linguístico-filosófica de Mikhail Bakhtin e o Círculo, entendemos que, “se queremos estudar o dizer, temos sempre de nos remeter a uma ou outra esfera da atividade humana, porque não falamos no vazio, não produzimos enunciados fora das múltiplas e variadas esferas do agir humano” (FARACO, 2009, p. 126), mas “falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do todo*” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 282, grifos do autor).

De acordo com Bakhtin (2011 [1952-53]), as formas relativamente estáveis de enunciados proferidos pelos integrantes dos mais diversos campos da atividade humana refletem as condições específicas e as finalidades desses campos por meio de seu *conteúdo temático*, de seu *estilo* de linguagem e de sua *construção composicional* – elementos que compõem a popular “estrutura triádica” dos gêneros do discurso, conforme notado por Bortolini e Valério (2021, p. 230).

A totalidade do enunciado é constituída, pois, de um *conteúdo temático*, ou seja, de domínio de sentido de que se ocupa o gênero; de um modo específico de organização e estruturação textual a que chamamos *construção composicional*; e de um *estilo* individual que



corresponde a uma seleção de meios linguísticos realizada pelo autor do enunciado em função do(s) interlocutor(es) a quem seu enunciado se dirige (FIORIN, 2016).

Sabemos que a tríade em questão tem sido tomada, em certas análises que se propõem a seguir os princípios teórico-metodológicos da Teoria/Análise Dialógica do Discurso, como um tipo de “fórmula mágica” passível de ser *aplicada* a qualquer gênero que se queira analisar. Sob esse viés, bastaria identificar o conteúdo temático e as características composicionais e estilísticas de um determinado gênero para que se revelassem seus principais aspectos, suas funções na vida do discurso.

Esses três elementos são, certamente, constitutivos do gênero, mas eles não são os únicos elementos a serem observados, uma vez que conteúdo temático, estilo e construção composicional “estão indissolivelmente ligados *no todo do enunciado* e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 262, grifos nossos).

Sendo assim, “nem só da ‘fórmula mágica’ sobrevive o conceito de gênero do discurso para Bakhtin e o Círculo, isto é, a estrutura triádica [...] não parece ser a única forma para análise e interpretação de um gênero do discurso”, afirmam Bortolini e Valério (2021, p. 235). O gênero precisa, portanto, ser compreendido e estudado enquanto *enunciado*, enquanto uma unidade real do fluxo ininterrupto da comunicação discursiva, como veremos adiante neste capítulo.

Notadamente, ao longo da primeira parte de “Os gêneros do discurso”, Bakhtin (2011 [1952-53], p. 264) pontua a necessidade de “uma noção precisa da natureza do enunciado em geral e das particularidades dos diversos tipos de enunciados (primários e secundários), isto é, dos diversos gêneros do discurso”. Segundo o filósofo, a distinção entre gêneros primários e secundários, também chamados, respectivamente, de simples e complexos, é de especial importância face à extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos, decorrente das inesgotáveis possibilidades de campos da atividade humana aos quais eles estão intrinsecamente ligados (BAKHTIN, 2011 [1952-53]).

De acordo com Bakhtin (2011 [1952-53]), os gêneros primários (simples) são formados nas condições da comunicação discursiva imediata, ou seja, são gêneros da vida cotidiana que se constituem e “se desenvolvem em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea e estão em relação direta com seu contexto mais imediato” (FARACO, 2009, p. 132). Esses gêneros “são predominantemente, mas não exclusivamente orais”, acrescenta Fiorin (2016, p. 77), que cita, como exemplo, “a piada, o bate-papo, a conversa telefônica... E também o e-mail, o bilhete, o chat...”. Por sua vez,

Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc. (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 263).

Os gêneros secundários estão ligados, desse modo, ao que Valentin Volóchinov (2018 [1929]) irá chamar de *sistemas ideológicos*<sup>19</sup> *formados*, isto é, à arte (incluindo aqui a literatura, a pintura, a música etc.), à moral social, ao direito, à ciência, à religião. Tais formações ideológicas “cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano e, por sua vez, exercem sobre ela uma forte influência inversa e costumam dar-lhe o tom”, de acordo com Volóchinov (2018 [1929], p. 213), que concebe a ideologia do cotidiano como “todo o conjunto de vivências da vida e expressões externas ligadas diretamente a elas”.

Segundo o autor, os “produtos ideológicos formados preservam constantemente a mais viva ligação orgânica com a ideologia do cotidiano, nutrem-se da sua seiva e fora dela estão mortos [...]” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 213), o que evidencia uma correlação entre essas duas dimensões da vida ideológica que se constituem mutuamente. De modo semelhante, em seu processo de formação, os gêneros secundários da comunicação cultural complexa podem incorporar e reelaborar os gêneros primários da comunicação cotidiana e imediata, mas estes “aí se transformam e adquirem um caráter especial: perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 263).

Como exemplo, Bakhtin (2011 [1952-53], p. 264) cita a réplica do diálogo cotidiano e a carta no romance que, inseridos “no plano do conteúdo romanesco, integram a realidade concreta apenas através do conjunto do romance, ou seja, como acontecimento artístico-literário e não da vida do cotidiano”. Para mencionar um dos autores estudados pelo filósofo, recordamos aqui a carta de Pulkéria Raskólnikova a seu filho, Rodion Raskólnikov, presente no romance *Crime e Castigo*, de Fiódor Dostoiévski. Nesse caso, a carta de uma mãe endereçada ao filho preserva as características desse gênero oriundo da vida cotidiana, mas ganha vida e sentido apenas dentro do universo artístico-ficcional do romance.

Fiorin (2016, p. 78) salienta que, assim como os gêneros secundários podem servir-se

---

<sup>19</sup> Não devemos confundir os sentidos diversos que atualmente recobrem a palavra “ideologia” com o sentido específico que ela assume nos textos do Círculo de Bakhtin, onde ela “é usada, em geral, para designar o universo dos produtos do “espírito humano”, um universo que “engloba [...] todas as manifestações superestruturais (para usar certa terminologia da tradição marxista)” (FARACO, 2009, p. 46). Ao tratar da ideologia em formação, em sua discussão sobre o surgimento e desenvolvimento da linguagem humana, Volóchinov (2019 [1930], p. 243) explicita sua concepção de ideologia como “[...] todo o conjunto de reflexos e refrações no cérebro humano da atividade social e natural, expressa e fixada pelo homem na palavra, no desenho artístico e técnico ou em alguma outra forma sgnica”.

dos primários, transformando-os nesse processo, o contrário pode ocorrer: “por exemplo, uma conversa entre amigos sobre um fato da vida pode adquirir a forma de uma dissertação filosófica”. Com efeito, é este o caso de nosso próprio trabalho de dissertação que, enquanto um gênero complexo do campo científico, propõe uma reflexão sobre a carta, um gênero simples da comunicação cotidiana que é utilizado por detentos inscritos no site WriteAPrisoner.com como um meio de contato com o mundo exterior à prisão.

Apesar disso, nosso corpus de análise não é constituído de *cartas*, mas de textos de presidiários que *tencionam escrever cartas*. Surge, então, o problema da definição do gênero discursivo a que pertencem os enunciados dos detentos que escrevem para o site WriteAPrisoner.com. Para elucidá-lo, precisamos observar as características do campo da atividade humana em que os enunciados dos detentos se realizam, bem como as características que, em conjunto, lhe conferem uma relativa estabilidade, isto é, fazem dele um gênero específico da comunicação discursiva.

Na página que contém os Termos de Serviço (*Terms of Service*) do site WriteAPrisoner.com, encontramos a descrição do conteúdo a ser compartilhado pelo detento. Segundo os termos, esse conteúdo (que será tornado público) pode incluir informações de perfil como “uma foto (ou obra de arte original), uma breve descrição sobre si mesmo, o que você está procurando em um amigo por correspondência, poesia e outras informações sobre si para que possíveis correspondentes possam melhor conhecê-lo” (WRITEAPRISONER, 2023, grifos nossos, tradução nossa)<sup>20</sup>.

O detento é, assim, motivado a escrever um breve texto cujo conteúdo é uma descrição de sua própria pessoa, e cuja intenção é fornecer informações sobre si para os leitores de seu perfil, futuros interlocutores e possíveis amigos por correspondência. O detento não tem como saber quem irá acessar seu perfil e muito menos quem irá efetivamente trocar cartas com ele ou enviar-lhe um e-mail (é claro, até que receba a primeira mensagem), mas ele pode e certamente presume um interlocutor, cria a imagem de um parceiro ideal que poderá se comunicar com ele.

Assim, o texto que irá compor o perfil do detento assume grande relevância para ele que nutre a esperança de um contato para além das grades da prisão. Em vista disso, pensamos que, se os dados disponíveis ao leitor e visitante do site não o convencerem a se corresponder com o detento, talvez o texto de apresentação possa afetá-lo de outra forma, comovê-lo, provocá-lo, motivá-lo a concretizar em uma missiva a sua atitude responsiva.

Considerando esse contexto, questionamos: seria possível chamar a “breve descrição

---

<sup>20</sup> No original: “a photo (or original artwork), a short description about yourself, what you are seeking in a pen-pal, poetry, and other background information about yourself so that potential pen-pals can get to know you better”.

sobre si mesmo” de *carta de apresentação*, haja vista as semelhanças que apresenta o texto dos detentos com esse gênero discursivo próprio para a socialização de informações pessoais? Ao que respondemos: não, ou, pelo menos, não completamente. À primeira vista, observamos que o texto de apresentação dos detentos pertence, assim como a carta de apresentação, à camada da comunicação cotidiana e imediata, o que os caracteriza como gêneros de tipo simples. Tais gêneros pertencem, porém, a campos de atividade distintos: enquanto o texto dos detentos tem origem no âmbito do programa de amigos por correspondência (*pen-pals*) promovido pelo site da empresa WriteAPrisoner, a carta de apresentação, em geral, procede do campo de atividade do trabalho, do universo das relações profissionais, acadêmicas e burocráticas, das formalidades e dos processos seletivos em que conhecer um candidato é fundamental.

Poderíamos dizer que o texto de apresentação dos detentos preserva relativamente o conteúdo temático de uma carta de apresentação, mas sua estrutura composicional e estilo foram profundamente afetados pelo contexto da troca de correspondências entre pessoas de dentro e de fora da prisão. Nesse novo campo de atividade, a “carta de apresentação” não é mais escrita com o objetivo de obter uma vaga de emprego ou conquistar uma bolsa de estudos, fins para os quais ela é geralmente utilizada. Agora, nessa situação totalmente diversa, ela serve como um “primeiro contato” do detento com seu futuro correspondente, transcendendo a mera apresentação de informações pessoais como finalidade.

A função do texto de apresentação do detento inscrito no site WriteAPrisoner.com é, acima de tudo, transformar o leitor-interlocutor em um interlocutor correspondente. Nesse gênero, que remonta à carta de apresentação, as forças estilísticas concentram-se na tarefa de persuadir, de convencer, de mobilizar os leitores e visitantes do site a considerarem não apenas participar do circuito da troca de correspondências, mas, especialmente, a enviar uma carta (ou e-mail) para o autor daquele texto específico, dentre todos os outros disponíveis para escolha. Nos deteremos com mais atenção sobre essas características no capítulo seguinte, quando contemplarmos a materialidade discursiva do corpus de análise,.

### 3.2 O ENUNCIADO E SUAS PECULIARIDADES

Ao dirigirmos nossa atenção para os textos de apresentação produzidos por detentos inscritos no site WriteAPrisoner.com, também abarcamos, em nossa reflexão, “o ser *expressivo e falante*” que “em sua especificidade humana sempre exprime a si mesmo (fala), isto é, *cria texto* (ainda que potencial)” (BAKHTIN, 2011 [1930-40], p. 395, grifos do autor). Esse ser nasce e vive em um mundo preenchido pela linguagem: ele comunica aos outros sua vontade,

suas emoções, sua própria *existência* através da palavra e participa do movimento da sociedade, da cultura e da história por meio dela, por meio de seus enunciados que integram a grande corrente da comunicação discursiva. Desse modo, “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); [e] é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 265).

O texto, escrito ou oral, criado pelo sujeito, apresenta-se então como o “dado (realidade) primário e o ponto de partida de qualquer disciplina nas ciências humanas”, afirma Bakhtin (2011 [1959-61], p. 319), que declara estar interessado, em sua reflexão sobre a área das humanidades, “na especificidade do pensamento das ciências humanas, voltado para pensamentos, sentidos e significados outros, etc., realizados e dados ao pesquisador apenas sob a forma de *texto*” (BAKHTIN, 2011 [1959-61], p. 308, grifos do autor). Percebemos, assim, a ligação entre este sujeito, objeto real das ciências humanas, e o(s) texto(s) que ele produz, por trás do(s) qual(is) está

[...] o sistema da linguagem. A esse sistema corresponde no texto tudo o que é repetido e reproduzido e tudo o que pode ser repetido e reproduzido, tudo o que pode ser dado fora de tal texto (o dado). Concomitantemente, porém, *cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo seu sentido (sua intenção em prol da qual ele foi criado)*. É aquilo que nele tem relação com a verdade, com a bondade, com a beleza, com a história. Em relação a esse elemento, tudo o que é suscetível de repetição e reprodução vem a ser material e meio. (BAKHTIN, 2011 [1959-61], p. 309-310, grifos nossos).

Portanto, compreender o texto como *enunciado* implica reconhecê-lo como uma unidade da comunicação discursiva que congrega aquilo que é repetível – a oração, constituída pelos signos pertencentes ao sistema da língua – e aquilo que é irrepetível – o ato concreto que dá vida ao enunciado na interação entre sujeitos. Em outros termos, entendemos que

O enunciado nunca é apenas um reflexo, uma expressão de algo já existente fora dele, dado e acabado. Ele sempre cria algo que não existia antes dele, absolutamente novo e singular, e que ainda por cima tem relação com o valor (com a verdade, com a bondade, com a beleza, etc.). Contudo, alguma coisa criada é sempre criada a partir de algo dado (a linguagem, o fenômeno observado da realidade, um sentimento vivenciado, o próprio sujeito falante, o acabado em sua visão de mundo, etc.). Todo o dado se transforma em criado. (BAKHTIN, 2011 [1959-61], p. 326).

Nesse ponto, abordamos mais uma questão essencial para o tratamento da linguagem sob a perspectiva de Bakhtin e o Círculo, qual seja, a distinção entre enunciado e oração, que é, precisamente, tema da segunda parte de “Os gêneros do discurso”, intitulada “O enunciado

como unidade da comunicação discursiva. Diferença entre essa unidade e as unidades da língua (palavras e orações)”. De acordo com Faraco (2009, p. 125), nessa seção

Bakhtin está [...] dialogando criticamente (sem negar-lhes a relevância) com a tradição dos estudos linguísticos que se caracteriza por privilegiar o estudo sistêmico (imane) da linguagem verbal e ignorar ou simplificar a realidade linguística enquanto interação social, enquanto práticas sociais de linguagem.

No texto em questão, Bakhtin (2011 [1952-53]) afirma que a linguística do século XIX, começando pelo filósofo e linguista alemão Wilhelm Humboldt, promoveu ao primeiro plano a função da formação do pensamento e conferiu à função comunicativa da linguagem um papel secundário sem, contudo, deixar de reconhecê-lo. Por outro lado, segundo o teórico russo, os partidários do linguista Karl Vossler deram relevância à função expressiva cuja essência se resumiria à expressão do mundo individual do falante. De qualquer modo, na visão de Bakhtin (2011 [1952-53], p. 270), “a essência da linguagem nessa ou naquela forma, por esse ou aquele caminho se reduz à criação espiritual do indivíduo”.

Dentre as diferentes possibilidades de abordagem do fenômeno linguístico que se apresentavam à época, para Bakhtin (2011 [1952-53]) permanecia característico o total desconhecimento ou a subestimação do papel da comunicação na linguagem, então “considerada do ponto de vista do falante, como que de *um* falante sem a relação *necessária* com *outros* participantes da comunicação discursiva. Se era levado em conta o papel do outro, era apenas como papel de ouvinte que apenas compreende passivamente o falante” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 270, grifos do autor).

Como veremos adiante, à ideia de um ouvinte passivo, mero receptor do discurso emitido pelo falante, Bakhtin irá contrapor a noção de um ouvinte *ativamente responsivo*, de um sujeito que, mesmo enquanto está na condição de ouvinte, *responde*, de diferentes maneiras, aos enunciados produzidos pelo seu parceiro da comunicação discursiva. Na visão do filósofo russo, perduravam na linguística termos como “ouvinte” e “entendedor” que davam “uma noção absolutamente deturpada do processo complexo e amplamente ativo da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 271), e que, por esse motivo, poderiam ser considerados “ficções”. Apesar de o próprio autor se servir desses mesmos termos em seus textos, ele o faz revestindo-os com um sentido mais apropriado à sua perspectiva dialógica do discurso, oposto ao que encontramos, por exemplo, na seguinte passagem:

Nos cursos de linguística geral (inclusive em alguns tão sérios quanto o de Saussure), aparecem com frequência representações evidentemente esquemáticas dos dois

parceiros da comunicação discursiva – o falante e o ouvinte (o receptor do discurso); sugere-se um esquema de processos ativos de discurso no falante e de respectivos processos passivos de recepção e compreensão do discurso no ouvinte. Não se pode dizer que esses esquemas sejam falsos e que não correspondam a determinados momentos da realidade; contudo, quando passam ao objetivo real da comunicação discursiva eles se tornam ficção científica. (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 271).

É curioso notar, no trecho citado, a referência ao *Curso de Linguística Geral* (*Cours de Linguistique Générale*, Paris, 1916), de Ferdinand de Saussure, acompanhada de um sutil elogio à seriedade do trabalho do linguista genebrino. O livro em questão – com autoria creditada a Saussure, mas que, como se sabe, foi organizado após sua morte com base nas anotações de seus alunos – tornou-se um marco para a ciência da linguagem a ponto de ser considerado a obra inaugural da linguística moderna, cuja paternidade tem sido atribuída a Saussure<sup>21</sup>. Se, por um lado, é inegável a contribuição legada pelo *Curso de Linguística Geral* às discussões no campo dos estudos da linguagem, por outro, o “ineditismo” a ele atribuído tem sido devidamente questionado por pesquisadores, alimentando diversas discussões e polêmicas que não são tema deste trabalho.

O comentário de Bakhtin a respeito das representações esquemáticas dos parceiros da comunicação discursiva, junto à menção a Saussure, nos remete inevitavelmente ao desenho que se encontra na seção sobre o “Lugar da língua nos fatos da linguagem” (p. 43 da edição consultada), presente no capítulo “Objeto da linguística” do *Curso*. Nele está representado o “circuito da fala”, que compreende processos físicos, fisiológicos e psíquicos que ocorrem entre dois indivíduos que se comunicam oralmente (SAUSSURE, 2012 [1916]). É onde podemos localizar a divisão desse circuito em uma parte ativa e em outra passiva, na qual “é ativo tudo o que vai do centro de associação de uma das pessoas ao ouvido da outra, e passivo tudo o que vai do ouvido desta ao seu centro de associação” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 44).

Nesse ponto, retornamos às observações de Bakhtin (2011 [1952-53]) que, apesar de criticar representações esquemáticas como a que encontramos no CLG, não deixa de reconhecer sua validade, pois elas corresponderiam, de fato, a certos momentos da realidade. Sua ênfase está, no entanto, em denunciar um ponto de vista sobre a linguagem que colocaria a função comunicativa em segundo plano e que tomaria o outro (o ouvinte, o entendedor) como um mero

---

<sup>21</sup> Bakhtin (2019 [1973]) considerava Saussure o pai do formalismo em linguística geral, um representante do formalismo em sua forma mais pura, conforme entrevista de 1 de março de 1973 concedida a Victor Duvakin: “B: That was one kind of formalism. The other type, which informed the work of OPOYAZ, that was... / D: Baudouin de Courtenay. / B: ... Baudouin de Courtenay. *He was closer to the father of formalism in general linguistics: de Saussure. Saussure. He represented formalism in its purest form, so to speak...*” (BAKHTIN, 2019 [1973], p. 57, grifos nossos).

receptor do discurso do falante<sup>22</sup>.

Assim, reconhecemos em “Os gêneros do discurso” um diálogo explícito com três destacados linguistas que propuseram diferentes modos de se pensar a linguagem humana, mas que, na perspectiva de Mikhail Bakhtin, não correspondem à realidade da interação discursiva. Ademais, notamos que os mesmos linguistas citados por Bakhtin irão comparecer nos textos de Valentin Volóchinov<sup>23</sup>, seu amigo e colega de círculo, como sendo os principais representantes de duas correntes do pensamento filosófico-linguístico, a saber: o *subjetivismo individualista*, associado a Humboldt e Vossler, e o *objetivismo abstrato*, encarnado na figura de Saussure e sua “Escola de Genebra”.

Para Volóchinov (2018 [1929]), esses movimentos representavam abordagens distintas do fenômeno da linguagem que, a seu ver, não apreendiam satisfatoriamente a interação discursiva como realidade fundamental da língua. Sem nos determos demasiadamente neles, em nosso caminho para esclarecer as peculiaridades constitutivas do enunciado, recuperaremos a seguinte distinção apresentada pelo autor:

O objetivismo abstrato, ao considerar o sistema da língua como único e essencial para os fenômenos linguísticos, negava o ato discursivo – o enunciado – como individual. Nisso está o *proton pseudos* do objetivismo abstrato. O subjetivismo individualista considera justamente o ato discursivo – o enunciado – como único e essencial. No entanto, ele também define esse ato como individual e por isso tenta explicá-lo a partir das condições da vida psicoindividual do indivíduo falante. Nisso está o seu *proton pseudos*. (VOLÓCHINOV, 2019 [1928], p. 176, grifos do autor).

Em síntese, ao investigar qual seria a realidade concreta e material do objeto da filosofia da linguagem, em busca de uma metodologia própria para sua abordagem, Volóchinov (2019 [1928], p. 148, grifos do autor) critica as teses tanto do subjetivismo individualista, que tomava a língua como “*atividade, um processo ininterrupto de criação [...], realizado por meio de atos discursivos individuais*”, quanto do objetivismo abstrato, que compreendia a língua como “*um sistema estável e imutável de formas linguísticas normativas e idênticas, encontrado*

---

<sup>22</sup> Não pretendemos estimular a conhecida crítica a Saussure por ter excluído o discurso de suas reflexões teóricas. A indagação de Bally e Sechehaye, no prefácio à 1a. edição do CLG, quanto à dúvida se a crítica saberá distinguir entre o mestre e o seu intérprete, parece seguir viva. A descoberta de um conjunto de manuscritos de Saussure encontrados na estufa do hotel da família do autor em 1996, depositados e publicados por Simon Bouquet e Rudolf Engler (SAUSSURE, 2012 [2002]) reforça o argumento quanto à cautela de afirmações categóricas de Saussure restritas apenas à língua enquanto sistema.

<sup>23</sup> A discussão a que nos referimos está presente especialmente no ensaio “As mais novas correntes do pensamento linguístico no Ocidente”, publicado por Volóchinov em 1928 no periódico *Literatura e Marxismo: Revista de Teoria e História da Literatura (Literatura i Marksizm: Jurnal Teorii i Istorii Literaturi)*. Logo depois, em 1929, a questão levantada pelo pesquisador reaparece em outro texto de sua autoria, respectivamente, no capítulo “Duas tendências do pensamento filosófico-linguístico”, que integra a segunda parte da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, intitulada “Os caminhos da filosofia da linguagem marxista”.



*previamente pela consciência individual do falante e indiscutível para ela*” (VOLÓCHINOV, 2019 [1928], p. 162, grifos do autor). Diante disso, indagamos: qual seria então, o real objeto da filosofia da linguagem? De acordo com o autor,

A realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas *o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados*. (VOLÓCHINOV, 2019 [1928], p. 181, grifos do autor).

Desse modo, Volóchinov coloca no centro da investigação filosófico-linguística não o psiquismo individual criador, conforme priorizava o subjetivismo individualista, nem o sistema abstrato de formas linguísticas, como propunha o objetivismo abstrato, mas o acontecimento do encontro entre duas consciências, entre um eu e um outro que dialogam. Quanto à natureza desse encontro, subscrevemos às palavras de Bubnova (2019, p. 19, grifos do autor), ao afirmar que “o encontro entre sujeitos, textos, culturas, é um acontecimento do Ser, um **aconteSer** (sobytie bytia, ‘ser junto no Ser’) singular, mas englobador e complexo, cujo registro deve atender também sua unicidade e irrepetibilidade”.

Assim, também a função comunicativa que, segundo Bakhtin (2011 [1952-53]), teve sua importância subestimada pela linguística do século XIX, passa a assumir um papel central para a reflexão filosófica do Círculo, orientada por uma concepção de linguagem “de um ponto de vista histórico, cultural e social que inclui, para efeito de compreensão e análise, a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos nela envolvidos” (BRAIT; MELO, 2014, p. 65).

Certamente, as críticas de Volóchinov às duas tendências<sup>24</sup> – que, por extensão, atingem aqueles que seriam seus representantes (como Aleksandr Potebniá, Benedetto Croce, Charles Bally e Albert Sechehaye, além do trio de linguistas já mencionado) – não representam uma verdade absoluta e incontestável; longe disso, elas refletem uma posição avaliativa do autor marcada por uma leitura singular do contexto linguístico-filosófico que lhe era contemporâneo e precedente, leitura que se abre à concordância, à discordância, ao diálogo em sua plenitude.

Mikhail Bakhtin (2011 [1952-53], p. 265) considerava o enunciado – compreendido como real unidade da comunicação discursiva – “um núcleo problemático de importância excepcional”, especialmente para a linguística e a filologia, uma vez que, segundo ele,

[...] *todo trabalho de investigação de um material linguístico concreto* – seja de história da língua, de gramática normativa, de confecção de toda espécie de

---

<sup>24</sup> Cujas denominações, por sinal, “estão longe de abarcar toda a plenitude e complexidade das tendências em questão”, conforme declara o autor, que confessa não ter conseguido “pensar em denominações melhores” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 147-148).

dicionários ou de estilística da língua, etc. – *opera inevitavelmente com enunciados concretos (escritos e orais) relacionados a diferentes campos da atividade humana e da comunicação* – anais, tratados, textos de leis, documentos de escritório e outros, diversos gêneros literários, científicos, publicísticos, cartas oficiais e comuns, réplicas do diálogo cotidiano (em todas as suas diversas modalidades), etc. *de onde os pesquisadores haurem os fatos linguísticos de que necessitam.* (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 264, grifos nossos).

Com efeito, deparamo-nos, nesta pesquisa, com semelhante situação: os textos dos perfis de apresentação dos detentos inscritos no site WriteAPrisoner.com caracterizam-se como o material linguístico concreto de onde selecionamos os fatos linguísticos que necessitamos para cumprir nosso objetivo principal, qual seja, o de analisar as relações cronotópicas instauradas nos enunciados desses detentos.

Consequentemente, prescindir do estudo do enunciado e ignorar o papel central que ele assume em nosso trabalho – que se insere no grande conjunto das ciências humanas, como apenas um momento do amplo repertório de reflexões provenientes dessa área – redundaria, nos termos de Bakhtin (2011 [1952-53]), em formalismo e em uma abstração exagerada. Isso deformaria a historicidade da investigação e debilitaria as relações entre a língua e a vida, tendo em vista que, segundo o mestre russo, “[...] a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 265).

Em “Os gêneros do discurso”, Bakhtin (2011 [1952-53]) distingue três peculiaridades estruturais comuns do enunciado como unidade da comunicação discursiva, a saber: a) a alternância dos sujeitos do discurso; b) a conclusibilidade específica; c) a realização em um determinado gênero do discurso. Examinaremos agora essas peculiaridades que articulam noções basilares do pensamento bakhtiniano sobre a linguagem e revelam características importantes sobre os limites do enunciado, ao mesmo tempo em que ajudam a distingui-lo das orações enquanto unidades do sistema da língua.

A primeira peculiaridade do enunciado apontada por Bakhtin (2011 [1952-53]) diz respeito à alternância dos sujeitos do discurso, isto é, ao modo como alternam-se os enunciados dos falantes no fluxo ininterrupto da comunicação discursiva. De acordo com o filósofo russo, “observamos essa alternância dos sujeitos do discurso de modo mais simples e evidente no diálogo real, em que se alternam as enunciações dos interlocutores (parceiros do diálogo), aqui denominadas de *réplicas*” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 275, grifos nossos). Entretanto, a alternância em questão não se limita ao diálogo face a face, mas compreende todas as formas de interação mediada pela palavra. Como esclarece o autor:

Todo enunciado – da réplica suscinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos a compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão). (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 275).

Dessa maneira, os enunciados constituem-se como elos da grande correia da comunicação discursiva, respondendo a enunciados passados e convocando enunciados futuros a participar do diálogo, da interação, da negociação de sentidos que nunca cessa, mas sempre se renova em cada nova resposta, em cada novo enunciado.

É importante observar que, no conjunto do pensamento bakhtiniano, a noção de “resposta” é abrangente: ela compreende as réplicas do diálogo face a face ou a uma pergunta, mas não se limita a elas, comparecendo nos textos do filósofo quando este discute a atitude/posição/compreensão ativamente responsiva dos sujeitos que enunciam. Desse modo, uma vez gerada a centelha da compreensão, a resposta a um enunciado pode dar-se de diferentes maneiras e em diferentes tempos, como indica Bakhtin (2011 [1952-53], p. 271, grifos nossos): “toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); *toda compreensão é prenhe de resposta*, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante”.

De acordo com Bakhtin (2011 [1952-53]), uma resposta nem sempre se dará na forma de um enunciado verbal, pois ela pode também realizar-se por meio de ações e gestos, isto é, de uma atitude responsiva. Assim, participamos do grande diálogo universal não somente por meio de nossos enunciados, mas com toda nossa existência, uma vez que, segundo o filósofo:

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. *Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a sua vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo e atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana*, no simpósio universal. (BAKHTIN, 2011 [1961-62], p. 348, grifos nossos).

Sendo assim, salientamos que, ao olhar para os enunciados dos detentos inscritos no site WriteAPrisoner.com, atingimos não apenas o texto como uma materialidade linguística fria e sem vida, mas os próprios sujeitos que através dela se expressam. A interação que ocorre nesse contexto (do programa de amigos por correspondência) nos faz refletir sobre como a resposta, na acepção bakhtiniana do termo, contribui para a análise dos enunciados dos prisioneiros.

Reconhecemos, nessa interação mediada pelo site da empresa WriteAPrisoner, duas dimensões da noção de resposta. A primeira diz respeito à compreensão ativamente responsiva dos visitantes do site e leitores dos perfis de apresentação dos detentos, pois “toda compreensão

da fala viva, do enunciado vivo, é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso)” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 271). Esse conjunto indefinido e múltiplo de leitores assume, inevitavelmente, uma posição diante dos enunciados das pessoas privadas de liberdade, que anseiam por correspondentes de fora da prisão. A resposta desses leitores poderá se concretizar na escrita de uma carta ou ainda como uma compreensão ativamente silenciosa ou uma compreensão responsiva de efeito retardado, em que, consoante a Bakhtin (2011 [1952-53], p. 272), “cedo ou tarde, o que foi ouvido e ativamente entendido responde nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte [ou leitor]”.

Para que o leitor ou ouvinte possa assumir uma posição ativamente responsiva em relação ao enunciado, este deve possuir uma conclusibilidade específica, referida por Bakhtin (2011 [1952-53], p. 280, grifos do autor) como a segunda peculiaridade constitutiva do enunciado: “a conclusibilidade do enunciado é uma espécie de aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso; essa alternância pode ocorrer precisamente porque o falante disse (ou escreveu) *tudo* o que quis dizer em dado momento ou sob dadas condições”.

Segundo o autor, a inteireza acabada do enunciado é determinada por três elementos intimamente relacionados: “1) exauribilidade do objeto e do sentido; 2) projeto de discurso ou vontade de discurso do falante; 3) formas típicas e composicionais de gênero do acabamento” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 281). A respeito desses elementos, assinalamos, em concordância com Bakhtin (2011 [1952-53], p. 282, grifos do autor), que “a vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na *escolha de um certo gênero do discurso*”, sendo “determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc.” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 282).

Desse modo, “adequamos sempre nosso dizer às formas típicas dos enunciados numa determinada atividade (falamos e escrevemos em gêneros; eles orientam nosso dizer) e aprendemos a dizer assimilando essas formas típicas no interior da mesma atividade” (FARACO, 2009, p. 132), o que nos leva à terceira peculiaridade do enunciado, que trata sobre os gêneros discursivos. O falante ou escrevente dá vida ao seu enunciado preenchendo-o de sentidos e valores tocados pela singularidade de sua existência, adaptando as fronteiras e o volume de seu enunciado conforme sua intenção discursiva, a exauribilidade semântico-objetal do tema do enunciado e o gênero ao qual ele se relaciona pelo campo de atividade em que se dá a interação (BAKHTIN, 2011 [1952-53]).

Como vimos, para Bakhtin são diversos os fatores que participam da constituição do enunciado como real unidade da comunicação discursiva, o que nos convoca a pensar o enunciado “na sua historicidade, na sua concretude, para deixar ver mais do que a dimensão exclusivamente linguística e/ou sua fragmentação” (BRAIT; MELO, 2014, p. 71).

Tendo em vista esses fatores, é preciso chamar atenção ainda para uma das características mais importantes do enunciado, que orienta e afeta todo seu desenvolvimento: o enunciado tem autor e destinatário e, portanto, é marcado pelo seu direcionamento, pelo seu endereçamento a um outro. É essa uma peculiaridade constitutiva “sem a qual não há nem pode haver enunciado” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 305).

Esse outro (o interlocutor), para quem o falante ou escrevente orienta seu dizer, pode assumir várias faces, vários perfis, várias dimensões na interação discursiva, conforme complementam Brait e Melo (2014). As autoras enriquecem nossa compreensão do tema ao distinguir o que podemos chamar de três dimensões ou graus de interlocução que se instauram no processo da comunicação discursiva.

Consoante a Brait e Melo (2014), assinalamos a primeira dimensão como aquela que inclui o interlocutor mais imediato da comunicação cotidiana, a quem podemos chamar de destinatário *concreto*. Já o segundo tipo de destinatário denominamos *presumido*, isto é, um interlocutor “não necessariamente presumido pelo autor (embora possa sê-lo), mas que se instala a partir da circulação do enunciado” (BRAIT; MELO, 2014, p. 71) e está relacionado ao gênero e ao campo da atividade humana em que se realiza. Por fim, o terceiro grau de interlocução engloba um “*outro* não concretizado, um *sobredestinatário*, que esfacela fronteiras de espaço e de tempo” (BRAIT; MELO, 2014, p. 72, grifos do autor).

De qualquer modo, a construção do enunciado sempre estará orientada para alguém, um outro real e/ou imaginário que irá exercer grande influência sobre o falante. Segundo Bakhtin (2011 [1952-53], p. 302, grifos do autor), ao falar, quem enuncia sempre leva em conta o fundo aperceptível da percepção de seu discurso pelo destinatário, o que “irá determinar também a escolha do gênero do enunciado e a escolha dos procedimentos composicionais e, por último, dos meios linguísticos, isto é, *o estilo* do enunciado”.

### 3.3 O ETERNO DIÁLOGO: SOBRE AS RELAÇÕES DIALÓGICAS

Em consulta às notas presentes em *Estética da criação verbal*, o organizador da edição russa utilizada para tradução, ao tratar do capítulo “O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas”, informa que este se trata de um conjunto de notas

escritas por Bakhtin no período entre 1959 e 1961, apresentando-se como um texto “constituído de criações laboratoriais características particularmente do período tardio da obra de Bakhtin, que se destinavam a grandes pesquisas em projeto que não foram realizadas” (BOTCHAROV, 2011, p. 450), visto que Bakhtin faleceu em 1975.

Sendo assim, nossa leitura deve levar em consideração essas informações, pois elas refletem as condições de produção do texto e justificam sua estrutura complexa e intrincada, marcada por uma variedade de reflexões não completamente desenvolvidas pelo autor, por vezes, apenas sugeridas como um futuro estudo aprofundado que não foi executado. O texto bakhtiniano nos convida então a refletir sobre esses assuntos e a participar na sua construção. Como afirma Botcharov (2011),

Ao mesmo tempo, tudo indica que não foi por acaso que Bakhtin não deixou uma exposição sistemática de sua concepção filológico-filosófica: o peculiar “inacabamento interior” inerente a tal concepção e a que se referia o próprio autor como peculiaridade de seu pensamento corresponde à sua concepção do objeto de pesquisa como um todo aberto que não se presta a uma sistematização externa. (BOTCHAROV, 2011, p. 451).

Em determinada passagem de *O problema do texto...*, Bakhtin (2011 [1959-61]) faz uma distinção entre o que chama de dois polos do texto. O primeiro diz respeito ao sistema da língua que está por trás de todo texto (oral ou escrito), sendo que “a esse sistema corresponde no texto tudo o que é repetido e reproduzido e tudo o que pode ser repetido e reproduzido [...]” (BAKHTIN, 2011 [1959-61], p. 309-310). Já o segundo polo trata do texto enquanto enunciado, produzido em determinado contexto histórico-discursivo e, portanto, único em sua realização e impassível de repetição. Como afirma o autor, “concomitantemente, porém, cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido (sua intenção em prol da qual ele foi criado)” (BAKHTIN, 2011 [1959-61], p. 310).

Logo, de acordo com Bakhtin (2011 [1959-61]), podemos entender o enunciado como uma unidade da comunicação discursiva construída na interação entre sujeitos e que compreende, como o próprio autor afirma, dois polos: um relativo ao sistema da língua e outro ao discurso. O locutor constrói seus enunciados com base em um sistema de signos convencionalmente – e, portanto, socialmente e ideologicamente – determinados, signos que estão à sua disposição para serem usados infinitas vezes, que podem ser repetidos e reproduzidos enquanto *unidades da língua*.

No entanto, mesmo que um locutor repita várias vezes a mesma unidade da língua em um ou mais enunciados, cada repetição se dará em um tempo diferente. Isso conferirá ao

enunciado sua unicidade, seu caráter *evêntico*, como diz Faraco (2009), na medida em que o uso de cada unidade se dá na enunciação e cada enunciação ocorre em um determinado momento no tempo, que é absolutamente irrepitível. Por esse motivo, dizemos que os enunciados também são irrepitíveis, pois nunca ocorrem no mesmo tempo, que não para e não volta jamais. Em concordância com Bakhtin (2011 [1959-61]), entendemos que

No âmbito de um mesmo enunciado a oração pode repetir-se (a repetição, a citação de si mesma, o involuntário), mas cada vez ela é sempre uma nova parte do enunciado, pois mudou de lugar e de função na plenitude do enunciado. (BAKHTIN, 2011 [1959-61], p. 313).

Um exemplo presente nas reflexões de Benveniste (2006 [1965]) pode nos ajudar a entender essa questão. O linguista sírio-francês afirma que uma pessoa pode repetir quantas vezes quiser as palavras “Bom dia” ao longo de sua vida, pois elas são unidades da língua. No entanto, a cada vez que essa pessoa as enunciar, ela o fará em um momento inteiramente novo e, por conseguinte, seu enunciado nunca será igual, ainda que constituído das mesmas palavras. Essa compreensão da irrepitibilidade está presente em Bakhtin (2011 [1959-61]), que afirma:

[...] devemos admitir que qualquer oração, inclusive a mais complexa, no fluxo ilimitado da fala pode repetir-se um número ilimitado de vezes em forma absolutamente idêntica, mas como enunciado (ou parte do enunciado) nenhuma oração, mesmo a de uma só palavra, jamais pode repetir-se: é sempre um novo enunciado (ainda que seja uma citação). (BAKHTIN, 2011 [1959-61], p. 313).

O enunciado (texto), enquanto produção singular e única, se revela somente “na cadeia dos textos (na comunicação discursiva de dado campo)” (BAKHTIN, 2011 [1959-61], p. 310), pois, ainda que essas características sejam inerentes ao texto, elas só existem porque ele é produzido sempre em um certo tempo, como uma fração da cadeia histórica de textos na qual ele se insere. Segundo Bakhtin (2011 [1959-61], p. 310), “esse [segundo] polo não está vinculado aos elementos (repetíveis) do sistema da língua (os signos) mas a outros textos (singulares), a relações dialógicas (e dialéticas com abstração do autor) peculiares”.

Em sua discussão sobre o sistema filosófico desenvolvido por Bakhtin, que também poderia ser chamado de uma “antropologia filosófica”, Faraco (2007, p. 101) nos convida a pensar o dialogismo não como um conceito dentre outros, mas como uma visão de mundo (*Weltanschauung*) que “se estrutura a partir de uma concepção radicalmente social do homem. Trata-se de apreender o homem como um ser que se constitui na e pela interação, isto é, sempre em meio à complexa e intrincada rede de relações sociais de que participa permanentemente”.

Segundo Faraco (2007, p. 99), ao contrário do que fizeram os paradigmas hegemônicos do cientificismo nas ciências humanas, ao transformarem “o homem – esse ser sócio-histórico, ativo, transformador, plástico, permanente criador de significações – em coisa, em matéria inerte”, Bakhtin desenvolve uma reflexão com um senso de globalidade, preocupado “em pensar a condição humana e não apenas retalhos esmaecidos da existência” (FARACO, 2007, p. 100). Para Bakhtin (2011 [1961-62]), como já vimos,

*A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal. (BAKHTIN, 2011 [1961-62], p. 348, grifos nossos).*

Estar vivo, portanto, é estar em relação com o outro; é participar, de corpo e alma e a todo instante, do grande diálogo da história da humanidade. Desse princípio decorre a compreensão de que no encontro entre duas vozes, entre um eu e um outro, estão condensadas inúmeras possibilidades de sentido que, motivadas por um gesto, um olhar, uma palavra, ganham vida e propagam-se em múltiplas direções, como um universo em expansão. Desse modo, “o sujeito nunca pode tornar-se conceito (ele mesmo fala e responde). O sentido é personalista; nele sempre há uma pergunta, um apelo e uma antecipação de resposta, *nele sempre há dois (como mínimo dialógico)*” (BAKHTIN, 2011 [1970-71], p. 410, grifos nossos).

Para nos afastarmos de uma compreensão reducionista de dialogismo como um simples conceito, retomamos as palavras de Flores *et al.* (2009, p. 80) que definem o dialogismo como um “*princípio da linguagem* que pressupõe que todo discurso é constituído por outros discursos, mais ou menos aparentes, desencadeando diferentes relações de sentido” (FLORES *et al.*, 2009, p. 80, grifos nossos). Ao final de *O problema do texto...*, Bakhtin (2011 [1959-61]) alerta para o problema da natureza das relações dialógicas, afirmando que elas

*[...] são profundamente originais e não podem reduzir-se a relações lógicas, ou linguísticas, ou psicológicas, ou mecânicas, nem a nenhuma outra relação natural. É o novo tipo de relações semânticas, cujos membros só podem ser *enunciados integrais* (ou vistos como integrais ou potencialmente integrais), atrás dos quais estão (e nos quais *exprimem* a si mesmos) sujeitos do discurso reais ou potenciais, autores de tais enunciados. (BAKHTIN, 2011 [1959-61], p. 330-331, grifos do autor).*

Com base em nossas leituras de textos de Bakhtin, bem como de outros teóricos que se propuseram a estudar as relações entre tempo, homem, linguagem e sociedade, pensamos que as relações dialógicas não se resumem a, mas operam também sobre uma base de relações



temporais. Nossa afirmação é gestada a partir dos textos estudados, que nos permitem imaginar um outro sistema de relações (temporais), além das semânticas, que está imbricado no das relações dialógicas. Vejamos o que Bakhtin (2011 [1959-61]) afirma na sequência sobre sua reflexão acerca do problema das relações dialógicas:

*Dois enunciados distantes um do outro, tanto no tempo quanto no espaço, que nada sabem um sobre o outro, no confronto dos sentidos revelam relações dialógicas se entre eles há ao menos alguma convergência de sentidos [...]. (BAKHTIN, 2011 [1959-61], p. 331, grifos nossos).*

Se enunciados podem estar distantes entre si tanto temporalmente quando espacialmente, isso significa que eles se realizam somente em um determinado tempo e em um determinado espaço. Assim, o que permite que enunciados produzidos em diferentes contextos dialoguem entre si, são as relações semânticas que os conectam, sejam elas de concordância, discordância, reafirmação, crítica, etc., como uma ponte lançada entre diferentes enunciados concretizados em cronotopos diferentes.

Reconhecemos aqui a possibilidade de se pensar nas relações entre homem, linguagem e tempo quando estudamos a questão das relações dialógicas, que se desenvolvem na relação entre enunciados distantes ou próximos no tempo e no espaço. Consideramos, em consonância com Bakhtin (2011 [1952-53]), que todo enunciado responde a enunciados anteriores e já antecipa respostas futuras, que se constituem, em parte, com base no enunciado presente. Nas palavras do filósofo russo:

*Ademais, todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entre nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados. (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 272).*

Uma vez publicados os perfis de apresentação em WriteAPrisoner.com, os detentos participantes do programa excedem, de certo modo, as fronteiras de seu próprio espaço e de seu próprio tempo. A veiculação de seus textos em um site de acesso público e que pode ser visitado por pessoas de diferentes lugares ao redor do mundo permite que suas vozes sejam ouvidas para além dos muros da prisão e que seus anseios, desejos, sonhos e pedidos atravessem a efemeridade de um instante e permaneçam no grande tempo, abertos a novos interlocutores que desejem participar desse diálogo.

#### **4 A PALAVRA ATRAVÉS DAS GRADES: PERCURSO DE LEITURA E ANÁLISE DOS TEXTOS DE APRESENTAÇÃO**

A realidade é desconcertante numa prisão, o que parece certo muitas vezes está errado, e aparentes absurdos encontram lógica em função das circunstâncias. (VARELLA, 1999).

Neste capítulo, concentramos nossa atenção no corpus de análise composto, em sua totalidade, por dez textos de apresentação de detentos inscritos no site WriteAPrisoner.com, sendo cinco desses textos provenientes do grupo de detentos que buscam dar continuidade aos estudos (localizados na aba *Inmate Educational Profiles*) e cinco do grupo de detentos que cumprem pena perpétua (identificados como *Life Sentence Profiles*). Não temos por objetivo realizar um exame exaustivo de todos os textos separadamente: após uma leitura atenta, orientada pelo cronotopo como conceito norteador, optamos por trabalhar com aqueles textos que salientam essas noções e, portanto, oferecem melhores oportunidades para a discussão proposta. Esses textos, salientamos, foram escritos originalmente em língua inglesa (ver anexos), sendo a tradução das citações para o português de nossa inteira responsabilidade.

Como apontamos no segundo capítulo, ao tratar do estudo da linguagem sob a perspectiva da Teoria/Análise Dialógica do Discurso, para além dos aspectos formais e contedísticos do enunciado, o trabalho com o texto abarca também o próprio sujeito que através dele se expressa. Isso significa que, em nosso estudo do enunciado enquanto unidade da comunicação discursiva, chamaremos “autores” os detentos que escrevem textos para o site WriteAPrisoner.com, utilizando de igual modo seus próprios nomes para referência. Esses nomes fazem parte do rol de informações divulgadas no site da empresa WriteAPrisoner, e podem ser localizados em mecanismos de busca online e em páginas oficiais da administração penitenciária (*Department of Corrections*), o que embasa nossa decisão em utilizá-los. De fato, ao acessar a página com informações sobre o crime pelo qual o detento foi condenado, o visitante é incentivado a utilizar esses recursos pelos administradores de WriteAPrisoner.com, apontando para a disponibilidade desses dados ao público geral, como indica o trecho a seguir:

Para informações completas, os visitantes são encorajados a visitar o site do Departamento de Correções usando o link fornecido no perfil de cada detento. Lá, os visitantes podem ver os registros dos detentos em sua totalidade. [...] Além disso, os visitantes podem tentar procurar o nome completo do detento no Google\* para obter detalhes sobre seu caso. Normalmente, isso mostrará processos judiciais, cobertura de

mídia, petições, etc. Os visitantes devem pesquisar com e sem o número DOC do detento. (WRITEAPRISONER, 2023, tradução nossa)<sup>25</sup>.

Isso posto, é preciso elucidar qual tratamento daremos, nesta pesquisa, à questão do crime cometido pelo detento. Quando propomos uma discussão sobre o cronotopo da prisão, com base no discurso de presidiários, vemos surgir no horizonte uma série de questões relativas ao universo do cárcere, da justiça, da moral e do bem-estar social. Naturalmente, diante da pluralidade de discursos presentes nos perfis encontrados em WriteAPrisoner.com, somos tomados por inquietações que trazem à superfície questionamentos sobre o sistema penal estadunidense e brasileiro, a eficácia da pena de morte, a equivalência entre o crime cometido e a pena a ser cumprida, dentre tantos outros. Perseguir as respostas a essas indagações não faz parte dos objetivos deste trabalho, do mesmo modo que não diz respeito à Linguística e, mais especificamente, à Teoria/Análise Dialógica do Discurso, encarregar-se dessa tarefa própria de outras áreas do conhecimento. Pensando nisso, optamos por não mencionar os crimes pelos quais os detentos foram condenados, em nossa análise de seus perfis. De qualquer modo, caso o leitor tenha interesse em obter essa informação, ela está à disposição para consulta no site WriteAPrisoner.com, de acesso público e gratuito (em inglês).

Ao incluir o crime atribuído a cada detento em nossa reflexão, correríamos o risco de empreender não uma análise de caráter linguístico-discursivo, mas um estudo de teor jurídico e moral. Há, sem dúvida, um motivo (ou mais de um) para cada sujeito, autor dos textos selecionados, estar na prisão. Se esse motivo é válido ou não, se é perdoável ou execrável, não é nosso dever decidir, enquanto estudiosos da linguagem. Não nos cabe esmiuçar a história pessoal desse sujeito, percorrer de uma ponta a outra sua vida, traçando os caminhos até o crime e buscando indícios de seu caráter em suas palavras, somente para, ao final de uma exaustiva investigação, absolvê-lo ou condená-lo pela segunda vez. A justiça já se ocupou da condenação desses sujeitos. Nós, enquanto pesquisadores das ciências humanas, nos ocupamos do *texto* e dos sentidos que ele nos permite (re)construir.

Como já dissemos, na reflexão que ora apresentamos, o cronotopo comparece como um conceito-norteador, em articulação com as noções de *enunciado*, *gênero* e *relações dialógicas*, alicerces do pensamento bakhtiniano. Para melhor cumprir os objetivos propostos, organizamos o presente capítulo em duas seções: na primeira, discutimos as relações dialógicas presentes

---

<sup>25</sup> No original: “For full disclosure, viewers are encouraged to visit the Department of Corrections website using the link provided on each inmate’s profile. There viewers can see the inmate’s record in its entirety. [...] Also, viewers can attempt to search the inmate’s full name on Google\* for details about his or her case. This will often show court cases, media coverage, petitions, etc. Viewers should search with and without the inmate’s DOC number”.

nos enunciados dos detentos, e, na segunda seção, nos dedicamos à reflexão sobre o cronotopo da prisão e suas peculiaridades.

#### 4.1 PARA ALÉM DA PRISÃO: ESTABELECENDO RELAÇÕES DIALÓGICAS

Nesta seção, temos por objetivo explicitar relações dialógicas que se materializam nos enunciados dos detentos e que dizem respeito à presença da literatura em suas vidas. Nosso interesse pelo tema da literatura é oriundo das reflexões de Bakhtin (2011 [1952-53]) e Volóchinov (2019 [1926]) acerca da relação mutuamente constitutiva entre a literatura e a vida, ou ainda, entre linguagem cotidiana e a linguagem literária. Nesse ponto, o enfoque dado à literatura é apenas uma dentre as diversas possibilidades de abordagem das relações dialógicas que se constituem a partir dos enunciados em análise. Tais relações “são absolutamente impossíveis sem relações lógicas e concreto-semânticas, mas são irredutíveis a elas” (BAKHTIN, 2018 [1963], p. 210), pois “só são possíveis entre enunciados integrais de diferentes sujeitos do discurso” (BAKHTIN, 2011 [1959-61], p. 323).

Conforme esclarece Bakhtin (2018 [1963], p. 209), as relações de sentido “devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas”. Para estudá-las, então, devemos observar não as palavras e orações enquanto unidades do sistema da língua, mas as possibilidades de sentido presentes no enunciado, unidade real da comunicação discursiva. Isso posto, passemos à análise das relações dialógicas presentes nos enunciados de pessoas privadas de liberdade inscritas em WriteAPrisoner.com.

Metade dos detentos, de ambos os grupos selecionados para nossa pesquisa (*Educational e Life Sentence Profiles*), reconhece a leitura como uma atividade de lazer. Como parte de sua apresentação, Resendez (2022) menciona o amor por filmes de comédia, ação e suspense, e afirma que o mesmo poderia ser dito sobre livros. Já entre as atividades apreciadas por Heisler (2022) estão a leitura e a escrita, gosto compartilhado por Johns (2022), cujos hobbies são escrever poemas, ler e aprender francês. Por sua vez, Safeullah (2022) declara ter escrito duzentas canções, dois livros e um filme, além de ter criado treze invenções desde que foi encarcerado.

Enquanto Felix Resendez, Scott Heisler, Akhbar Johns e Ibnawaan Safeullah mencionam brevemente o gosto pela leitura, os detentos Glenn Smith e Janet Uribe oferecem mais detalhes sobre suas preferências literárias, razão pela qual ocupam maior espaço em nossa

discussão. No texto disponibilizado em seu perfil, Smith (2022, tradução nossa)<sup>26</sup> afirma: “Eu amo ler livros e o último livro que li foi ‘Justiça [sic] Cega de Mark Godsey’ e atualmente estou lendo ‘Apenas Misericórdia de Bryan Stevenson e O Homem Inocente de John Grisham’”. Imediatamente, notamos que os títulos mencionados pelo detento estão ligados ao universo da prisão, tendo em vista a referência às noções de “justiça”, “misericórdia” e “inocência”. Por conseguinte, buscamos conhecer o enredo dessas obras e descobrimos entre elas e o texto de Smith um tipo especial de relações semânticas, que denominamos *dialógicas* (BAKHTIN, 2011 [1959-61]).

Escrito por Mark Godsey, renomado advogado e outrora promotor de justiça norte-americano, o primeiro livro citado por Glenn Smith tem como tema as fragilidades da mente humana em casos de condenações injustas (UNIVERSITY OF CALIFORNIA PRESS, 2022). Em *Blind Injustice: A Former Prosecutor Exposes the Psychology and Politics of Wrongful Convictions* (em tradução livre, *Injustiça Cega: um ex-promotor revela a psicologia e a política das condenações injustas*), publicado nos Estados Unidos em 2019, o autor

[...] explora distintas fraquezas psicológicas humanas inerentes ao sistema de justiça criminal – viés de confirmação, maleabilidade de memória, dissonância cognitiva, negação burocrática, desumanização e outras – e ilustra cada uma delas com histórias de seu tempo como um promotor obstinado e depois como advogado do Ohio Innocence Project. (UNIVERSITY OF CALIFORNIA PRESS, 2022, tradução nossa)<sup>27</sup>.

Conforme o nome indica, o *Ohio Innocence Project* é uma organização sem fins lucrativos que assume como objetivo principal “libertar cada pessoa inocente em Ohio que foi condenada por um crime que não cometeu” (GODSEY, 2022, tradução nossa)<sup>28</sup>. Desde sua criação em 2003, o projeto vinculado à Faculdade de Direito da Universidade de Cincinnati já libertou 38 pessoas condenadas injustamente, com penas que somam mais de 700 anos atrás das grades – informa Mark Godsey (2022), autor de *Blind Injustice* e cofundador do projeto.

É curioso notar, a respeito do título da obra em foco, um aparente equívoco cometido por Smith em seu texto de apresentação: o detento troca a palavra “injustiça” por “justiça”, referindo-se ao livro de Godsey pelo nome “Justiça Cega” (*Blind Justice*) em lugar de “Injustiça

<sup>26</sup> No original: “I love reading books and the last book I read was ‘Blind Justice [sic] by Mark Godsey’ and I’m currently reading ‘Just Mercy by Bryan Stevenson and The Innocent Man by John Grisham’.”

<sup>27</sup> No original: “[...] explores distinct psychological human weaknesses inherent in the criminal justice system – confirmation bias, memory malleability, cognitive dissonance, bureaucratic denial, dehumanization, and others – and illustrates each with stories from his time as a hard-nosed prosecutor and then as an attorney for the Ohio Innocence Project”.

<sup>28</sup> No original: “to free every innocent person in Ohio who has been convicted of a crime they didn’t commit”.

Cega” (*Blind Injustice*). Em lugar de considerarmos essa ocorrência mero erro de escrita por parte do autor, passível de ser ignorado, vemos nela um encontro entre vozes que dialogam e, desse modo, produzem sentidos singularmente novos. O par de palavras que dá nome ao livro lido por Glenn Smith e integra seu enunciado deixa entrever relações dialógicas que, de acordo com Bakhtin (2018 [1963]),

[...] são possíveis não apenas entre enunciações integrais (relativamente), mas o enfoque dialógico é possível a qualquer parte significativa do enunciado, inclusive a uma palavra isolada, caso esta não seja interpretada como palavra impessoal da língua, mas como signo da posição semântica de um outro, como representante do enunciado de um outro, ou seja, se ouvimos nela a voz do outro. (BAKHTIN, 2018 [1963], p. 210).

Para melhor compreendermos os sentidos que esses signos nos permitem distinguir, precisamos observar a capa do livro em questão (anexo K). Ela apresenta apenas título, subtítulo e nome do autor, em fonte colorida sobre fundo preto. Em estilo minimalista, o nome da obra ocupa maior espaço na capa, em letras de cor cinza que assim se dividem: “BLIN-D/ JUS-/ TICE”. O sufixo “in”, de “*Injustice*” (injustiça), destaca-se na cor branca, integrado à palavra “*blind*” e acompanhado de dois hifens em vermelho, que separam as sílabas do título. Certamente, a disposição dos elementos gráficos na capa do livro de Mark Godsey não é acidental, mas algo puramente intencional, resultado das escolhas feitas pelo autor e seus editores<sup>29</sup>.

Assim, ao citar “*Blind Justice*”, o detento enreda-se nesse jogo de palavras e instaura através delas um diálogo entre a obra de não-ficção escrita por Godsey e o conhecido ditado “*justice is blind*” (“a justiça é cega”), expressão popular da imparcialidade que se espera do sistema judicial. Apesar de contradizer o título oficial do livro, Glenn Smith exerce seu direito sobre a palavra do outro e a refrata dentro de seu próprio enunciado, pois, de acordo com Bakhtin (2011 [1952-53], p. 328): “o autor (falante) tem os seus direitos inalienáveis sobre a palavra, mas o ouvinte também tem os seus direitos; têm também os seus direitos aqueles cujas vozes estão na palavra encontrada de antemão pelo autor (porque não há palavra sem dono)”.

Quanto aos outros dois livros mencionados por Smith, percebemos em seus enredos a continuidade do tema da inocência, no que diz respeito a pessoas condenadas injustamente. Em

---

<sup>29</sup> Como observamos também nos títulos dos capítulos da obra, onde o adjetivo “cega(o)” aparece com frequência: 1) *Eye Opener* (Revelador); 2) *Blind denial* (Negação cega); 3) *Blind ambition* (Ambição cega); 4) *Blind bias* (Viés cego); 5) *Blind memory* (Memória cega); 6) *Blind intuition* (Intuição cega); 7) *Blind tunnel vision* (Cega visão limitada); 8) *Seeing and accepting human limitations* (Vendo e aceitando limitações humanas) (GODSEY, 2017).

*Just Mercy* (Apenas Misericórdia), o advogado e fundador da *Equal Justice Initiative* (uma iniciativa dedicada a defender os mais prejudicados pelo sistema penal) Bryan Stevenson narra a história de Walter McMillian, “um jovem rapaz que foi condenado à morte por um notório assassinato que insistiu não ter cometido” (ONE WORLD, 2022, tradução nossa)<sup>30</sup>. Conforme anuncia a sinopse do livro, “o caso atraiu Bryan para um emaranhado de conspirações, maquinações políticas e provocação legal – e transformou sua compreensão de misericórdia e justiça para sempre” (ONE WORLD, 2022, tradução nossa)<sup>31</sup>.

Por sua vez, John Grisham adentra o universo da não-ficção com *The Innocent Man* (O Homem Inocente), onde se debruça sobre o caso de Ron Williamson, acusado pelo assassinato da jovem garçonete Debra Sue Carter, ocorrido em 1982, na cidade de Ada, Oklahoma (JOHN GRISHAM, 2023) (INNOCENCE PROJECT, 2023). Cinco anos após o crime, Williamson foi condenado à pena de morte por homicídio, juntamente com Dennis Fritz, já este sentenciado à prisão perpétua. Os dois homens, ambos inocentes, foram libertados somente após 11 anos na cadeia.

Isso posto, podemos identificar um tema comum às três obras que integram o rol de leituras do detento Glenn Smith, qual seja, a luta pelo reconhecimento da *inocência*. As principais semelhanças entre os livros citados estão presentes, a nosso ver, nos seguintes aspectos: são três livros de não-ficção, escritos por homens e que apresentam casos reais de pessoas que foram presas injustamente e libertadas com a ajuda de organizações que defendem os direitos dos inocentes. Outros elementos poderão ser encontrados com base em uma análise integral das obras em questão, porém, para nossos fins, julgamos suficiente o trabalho com a sinopse de cada livro.

Qual seria, então, a finalidade da comparação entre esses livros? Isto é, de que modo as leituras de Glenn Smith relacionam-se com a totalidade de seu texto de apresentação? A esses questionamentos oferecemos a seguinte resposta: Smith é o único dos dez detentos, autores dos textos analisados, que menciona a própria condenação *e considera-se inocente*, como observamos no trecho a seguir:

Estou trabalhando duro para ganhar minha liberdade. Eu fui acusado injustamente e representado por advogados incompetentes que levam em consideração a cor da minha pele antes da luta pelos meus Direitos Constitucionais e por causa deles, estou buscando todos os meios legais para provar minha inocência e reconquistar minha

<sup>30</sup> No original: “a young man who was sentenced to die for a notorious murder he insisted he didn’t commit”.

<sup>31</sup> No original: “The case drew Bryan into a tangle of conspiracy, political machination, and legal brinksmanship – and transformed his understanding of mercy and justice forever”.

liberdade. (SMITH, 2022, tradução nossa)<sup>32</sup>.

Logo, o tema da inocência – central para o enredo de *Blind Injustice, Just Mercy* e *The Innocent Man* – estabelece aqui uma ligação entre a vida e a arte, entre a vida de um homem que busca reaver sua liberdade e as histórias reais de pessoas inocentes que conseguiram esse feito. Certamente, qualquer obra de ficção que abordasse o mesmo tema teria capacidade para inspirar o leitor a sonhar com a liberdade, pois conhecemos o poder transformador e criativo da palavra, especialmente na literatura, berço das realidades impossíveis. Porém, o que poderia ser apenas um sonho para Glenn Smith pode tornar-se realidade, pois os casos descritos nos livros que leu e está lendo são verídicos.

As histórias das obras lidas pelo aprisionado são provas de que pessoas inocentes podem realmente estar atrás das grades e que outros estão dispostos a defendê-las contra as eventuais injustiças do sistema penal. Com base nessa lógica, poderíamos dizer que, se não foi impossível para os personagens dos livros mencionados reconquistar a liberdade, não seria impossível para Glenn Smith sair da prisão. A possibilidade mesma de apresentar essa ideia deve-se ao diálogo entre as vivências de Smith e as narrativas literárias, que se concretiza no enunciado do detento. Dessa maneira, percebemos como “até a mais leve alusão ao enunciado do outro imprime no discurso uma reviravolta dialógica [...]” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 300).

De acordo com Bakhtin, (2011 [1952-53], p. 300), “todo enunciado, além do seu objeto, sempre responde (no sentido amplo da palavra) de uma forma ou de outra aos enunciados do outro que o antecederam”. Em vista disso, entendemos que a presença das referências literárias no texto em análise revela, ao mesmo tempo, a posição ativamente responsiva do detento em relação a elas. Sob essa perspectiva, a própria menção aos livros de Mark Godsey, Bryan Stevenson e John Grisham constitui-se como uma resposta, isto é, como uma atitude responsiva diante dos enunciados de outrem. A nosso ver, a relevância desses livros para Smith está no modo como eles alimentam seu anseio por liberdade e validam a luta pelo reconhecimento de sua suposta inocência.

Ainda tratando sobre o texto de Smith, identificamos outra importante série de relações dialógicas que se concretizam através de seu enunciado. Elas dizem respeito a questões de cor e raça expostas pelo presidiário, que diz amar todos os contextos culturais e ter vários amigos de todos os grupos étnicos (SMITH, 2022). O autor do perfil afirma ainda não crer em racismo

---

<sup>32</sup> No original: “I’m working extremely hard to gain my freedom. I was wrongfully accused and represented by incompetent attorneys that consider the color of my skin before the fight for my Constitutional Rights and because of them, I am pursuing every legal avenue to prove my innocence and regain my freedom”.



e, ao encerrar sua apresentação, declara estar “aberto a amigos de todas as raças, a partir dos 30 anos” (SMITH, 2022, tradução nossa)<sup>33</sup>.

Apesar de dizer não acreditar em racismo, Glenn Smith pode, como ele mesmo sugere, ter sido vítima de discriminação racial. Em seu perfil publicado no site WriteAPrisoner.com, o detento identifica-se como “multirracial” no espaço reservado à descrição da “raça/etnicidade”, ou seja, Smith não se considera um homem branco, mas sim uma pessoa de cor (*person of color*). Essa informação torna-se relevante para a análise a partir do momento que Glenn relaciona a cor de sua pele à própria condenação, como lemos no trecho já referido: “Eu fui acusado injustamente e representado por advogados incompetentes que levam em consideração a cor da minha pele antes da luta pelos meus Direitos Constitucionais [...]” (SMITH, 2022, tradução nossa)<sup>34</sup>.

Segundo dados do relatório sobre raça e condenações injustas nos Estados Unidos, publicado pelo *National Registry of Exonerations* (Registro Nacional de Exonerações<sup>35</sup>), das 3.200 exonerações registradas nos EUA de 1989 até agosto de 2022, 53% dos sujeitos condenados eram negros, 33% brancos, 12% hispânicos e 2% pertenciam a outros grupos raciais (GROSS *et al.*, 2022). Tendo em vista as informações reunidas e analisadas no relatório, constata-se que “a grande maioria de pessoas inocentes condenadas criminalmente nos Estados Unidos é negra” (GROSS *et al.*, 2022, p. 2, tradução nossa)<sup>36</sup>.

De acordo com os pesquisadores, não há apenas um motivo para que as condenações injustas nos EUA ocorram majoritariamente com indivíduos negros, pois diversos fatores potencializam esse fenômeno. Para os autores, as causas variam entre “as inevitáveis consequências dos padrões de criminalidade e punição até atos deliberados de racismo” (GROSS *et al.*, 2022, p. 2, tradução nossa)<sup>37</sup>, diferindo também de acordo com o crime em questão. Em vista disso, percebemos como o contexto sociocultural circundante participa da constituição do enunciado de Glenn Smith, estabelecendo relações dialógicas que enriquecem os sentidos de seu texto de apresentação. Elas mobilizam discursos sobre justiça e inocência, materializados em obras literárias e na crença popular de que a justiça é cega, convocando também a realidade extralingüística que dá vida ao enunciado. Desse modo, evidencia-se a

<sup>33</sup> No original: “Open to friends of all races, age 30 and up”.

<sup>34</sup> No original: “I was wrongfully accused and represented by attorneys that consider the color of my skin before the fight for my Constitutional Rights [...]”.

<sup>35</sup> Nesse contexto, a palavra “exoneração” refere-se à absolvição de uma pessoa condenada por um crime cuja inocência foi comprovada após novas evidências tornarem-se disponíveis (THE NATIONAL REGISTRY OF EXONERATIONS, 2023).

<sup>36</sup> No original: “a large majority of all innocent people who are convicted of crimes in the United States are Black”.

<sup>37</sup> No original: “inevitable consequences of patterns in crime and punishment to deliberate acts of racism”.

conexão intrínseca entre o enunciado e o contexto extraverbal mais próximo, conforme compreendida por Volóchinov (2019 [1926], p. 117) ao afirmar que a palavra, como enunciado, “surge da situação cotidiana extraverbal e mantém uma relação muito estreita com ela. Mais do que isso, a palavra é completada diretamente pela própria vida e não pode ser separada dela sem que seu sentido seja perdido”.

De modo semelhante, o enunciado de Janet Uribe apresenta ressonâncias dialógicas entre a experiência de encarceramento vivida pela detenta, sua religião e suas leituras prediletas, como lemos no seguinte trecho: “Eu amo ler autoajuda, autocuidado, mude seu pensamento, mude sua vida, histórias de amor cristãs, *O chamado de Jesus*, mercado de ações e ética” (URIBE, 2022, grifos nossos, tradução nossa)<sup>38</sup>. Nesse excerto, a preferência por temas ligados à fé cristã destaca-se entre os gostos literários de Uribe (2022), que diz ainda amar música gospel e cristã, dentre outros gêneros musicais. A espiritualidade da autora salienta-se na referência à obra *O chamado de Jesus (Jesus’ Calling)*, escrita por Sarah Young e publicada em 2004 nos Estados Unidos. O livro devocional oferece mensagens de conforto inspiradas pelas Sagradas Escrituras para o ano todo, reunindo palavras de fé e encorajamento escritas como se Jesus Cristo estivesse falando diretamente com o leitor, assegura HarperCollins Christian Publishers (2023).

Conforme informações publicadas em WriteAPrisoner.com, Janet Uribe é adepta do cristianismo e considera-se uma pessoa “*espiritual*, atenciosa, respeitosa, curiosa, afetuosa, responsável, espontânea, disposta, mente-aberta e muito mais” (URIBE, 2022, grifos nossos, tradução nossa)<sup>39</sup>. Os traços de personalidade descritos pela autora no trecho referido ecoam por todo seu enunciado, fortalecendo a imagem que o leitor terá de quem é Janet Uribe: alguém em busca de relacionamentos saudáveis que possam contribuir para uma transformação positiva em sua vida (URIBE, 2022).

Com base na definição de “relacionamento saudável” apresentada pela presidiária, em conjunto com sua autodescrição, identificamos em seu enunciado uma série de valores positivos que entendemos como importantes e necessários para esse momento de sua vida. Eles podem ser considerados importantes porque foram escolhidos como tema do texto de apresentação da autora, que poderia simplesmente não os ter mencionado por julgá-los irrelevantes à caracterização de sua pessoa. Pelo contrário, a menção a relacionamentos saudáveis está

---

<sup>38</sup> No original: “I love to read self-help, self-care, change your thinking, change your life, Christian love stories, Jesus’ calling, stock market, and ethics”.

<sup>39</sup> No original: “spiritual, thoughtful, respectful, curious, caring, responsible, spontaneous, willing, open-minded and so much more”.

presente do início ao fim do texto de Janet Uribe como algo necessário em sua vida, cujos rumos foram alterados desde o encarceramento.

A predileção de Uribe (2022) por obras de autoajuda e autocuidado, que promovem a transformação em padrões de pensamento e comunicam mudanças de vida possíveis tanto para as personagens quanto para o leitor, encontra o correspondente ideal em um título como *O Chamado de Jesus*. Novamente, contemplamos através do enunciado uma relação significativa entre a literatura e a vida que, no caso de Janet Uribe, engloba também a religiosidade da autora, materializada em suas referências literárias e musicais descritas no texto de apresentação. De qualquer modo, a vida integra a composição do enunciado não como uma influência externa, “ela o impregna de dentro, enquanto unidade e comunidade da existência que circunda os falantes, e enquanto avaliações sociais essenciais geradas por essa existência, fora das quais não é possível nenhum enunciado consciente” (VOLÓCHINOV, 2019 [1926], p. 129).

Dentre as possibilidades de abordagem das relações dialógicas presentes nos enunciados dos detentos, optamos por salientar a relação entre o discurso literário e o discurso cotidiano da vida dos autores encarcerados. Em especial, o enfoque dado às predileções literárias de Glenn Smith e Janet Uribe evidencia uma ligação entre suas experiências de vida a partir da prisão e os enredos e as temáticas que mais lhes atraem enquanto leitores. Em nossa leitura do texto de Smith, identificamos o apelo à liberdade e a busca pelo reconhecimento de sua suposta inocência, propósito que ressoa na escolha de três livros que discutem casos de condenações injustas nos Estados Unidos. Por sua vez, estão presentes no texto de apresentação de Janet Uribe uma série de características e valores positivos alinhados à espiritualidade e religião da autora, que prefere obras voltadas à transformação pessoal e autocuidado. Dessa maneira, os detentos expressam, no enunciado, sua posição avaliativa sobre a vida na prisão, correlacionando-a com outras posições encontradas em outros enunciados (BAKHTIN, 2011 [1952-53]), isto é, respondem a discursos de outrem no processo de constituição de seu próprio discurso.

#### 4.2 O CRONOTOPO DA PRISÃO

Em seu ensaio sobre o cronotopo no romance, Bakhtin (2018 [1975]) apresenta o conceito como uma categoria de conteúdo-forma da literatura, que pode ser definida pela expressão da inseparabilidade entre tempo e espaço. Apesar de o autor mobilizar o cronotopo em relação à evolução do romance, ou seja, a um gênero literário, entendemos ser possível o estudo e a análise do cronotopo em outros gêneros discursivos não-literários. Por conseguinte,

estabelecemos como objetivo de nossa pesquisa analisar as relações cronotópicas emergentes de textos de apresentação de detentos inscritos no site WriteAPrisoner.com, com vistas a melhor compreender o que vem a ser o cronotopo da prisão, isto é, o tempo-espaço do cárcere. Nossa tarefa leva em consideração a ideia de que, para integrar nossa experiência, os sentidos “devem ganhar alguma expressão espaçotemporal, ou seja, uma forma sígnica que possamos ouvir e ver (um hieróglifo, uma fórmula matemática, uma expressão linguístico-verbal, um desenho, etc.)” (BAKHTIN, 2018 [1975], p. 236).

De acordo com Bakhtin (2011 [1970-71], p. 384), “não pode haver discurso separado do falante, de sua situação, de sua relação com o ouvinte e das situações que os vinculam”. Compreendemos, em vista disso, que cada texto de nosso corpus de análise tem autor e destinatário(s), materializou-se em um determinado gênero do discurso e foi produzido em *um tempo e espaço específicos*. Uma produção de discurso fora do tempo e do espaço é, conforme destaca Renfrew (2017, p. 158, grifos nossos), algo inconcebível, haja vista “a natureza fundamentalmente cronotópica da linguagem como um fenômeno no qual *o tempo* [e o espaço] *está já e para sempre inscrito*”.

Isso posto, buscamos, ao apresentar nossa leitura dos enunciados dos detentos, destacar trechos que revelam a singularidade de sua experiência do tempo a partir do cárcere. Com isso, temos em vista o objetivo de investigar a possibilidade e as características do *cronotopo da prisão*, com base nos textos de apresentação divulgados no site WriteAPrisoner.com. A análise do cronotopo nesses enunciados será capaz de fornecer “um quadro para o entendimento da natureza discursiva [...] a partir da qual e com a qual o enunciado individual é feito e forma seu perfil estilístico e semântico” (RENFREW, 2017, p. 160).

Sem nos determos extensivamente sobre cada um dos dez enunciados, julgamos suficiente e produtivo o trabalho com os textos de apresentação de Ibnawaan Safeullah e Janet Uribe, integrantes do grupo de detentos que buscam dar continuidade aos estudos, e John Christopher Marquard e Felix Resendez, sentenciados à pena perpétua. Servindo-nos das palavras de Bakhtin (2018 [1975]), podemos afirmar que, em seus enunciados, a temporalidade e a espacialidade específicas da prisão se adensam e ganham corporeidade, tornando-se visíveis para aqueles que estão fora dela. Em sua discussão sobre os aspectos estilísticos do enunciado, Mikhail Bakhtin (2011 [1952-53], p. 296) reconhece uma concepção dominante segundo a qual “o enunciado, seu estilo e sua composição são determinados pelo elemento semântico-objetal e por seu elemento expressivo, isto é, pela relação valorativa do falante com o elemento semântico-objetal do enunciado”. A questão, porém, é bem mais complexa segundo o filósofo, pois o enunciado é, em realidade, “pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados

de determinada esfera da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 297). Dessa maneira, para que se expresse a relação valorativa do falante com o objeto de seu discurso, isto é, sua *posição* em determinada esfera da comunicação discursiva, é preciso relacioná-la com outras posições, com enunciados precedentes de diferentes sujeitos. No que diz respeito aos textos dos detentos inscritos em WriteAPrisoner.com, procuramos, inicialmente, identificar vestígios de sua posição quanto à pena que receberam e ao modo como percebem e vivenciam o tempo-espaço da prisão. Vejamos, então, o que dizem os detentos.

Após salientar a importância dos relacionamentos saudáveis na vida das pessoas, Uribe (2022, tradução nossa)<sup>40</sup> escreve o seguinte: “Eu sou uma mulher solteira que cometeu um erro, essa é minha primeira vez na prisão. A prisão me ensinou tanto sobre mim mesma. Eu pude desacelerar e conhecer quem eu sou”. A detenta reivindica o motivo de sua condenação como um erro por ela cometido, um erro que, de certo modo, levou ao caminho do autoconhecimento. Esse, por sua vez, tornou-se possível porque a autora está vivendo o que denominamos *cronotopo da prisão*, um tempo-espaço que nesse enunciado aparece caracterizado por um ritmo que *diminui*. Para melhor compreendermos suas peculiaridades, prosseguiremos em busca dos sentidos que permeiam o enunciado de Janet Uribe e de outros detentos,

Primeiramente, notamos que são poucos os detentos que mencionam, direta ou indiretamente, o motivo de estarem na prisão, ou seja, o(s) crime(s) que cometeram. Apesar dessa informação estar disponível a qualquer visitante do site WriteAPrisoner.com, os participantes do programa de troca de correspondências não são obrigados a mencionar, discutir ou justificar em seus textos a razão pela qual foram presos. Tendo em vista o estigma que já carregam pelo fato de estarem encarcerados, referir o crime talvez não seja, de fato, a informação mais importante a ser compartilhada. Principalmente para os detentos que desejam, através do contato com um interlocutor externo, transcender os muros da prisão. Afinal, mesmo aqueles dispostos a se corresponder com pessoas aprisionadas podem eleger o crime como um critério de seleção, ou ainda, de eliminação. Os visitantes do site podem, por exemplo, distinguir entre perfis de detentos condenados por crimes como posse de substâncias ilícitas, roubo, fraude e lavagem de dinheiro, e perfis de detentos presos por estupro, tortura e assassinato. Entre esses crimes há uma lacuna que a avaliação social preenche e dilata, fazendo com que os apenados do segundo grupo sejam julgados mais severamente que os do primeiro. Ainda que todos sejam criminosos, eles o são cada qual à sua maneira, sob essa perspectiva.

Sendo assim, a razão pela qual a maioria dos detentos deixa de mencionar a própria

---

<sup>40</sup> No original: “I am a single woman who made a mistake, this is my first time in prison. Prison has taught me so much about myself. I was able to slow down and get to know who I am”.

condenação nos textos de apresentação torna-se mais clara em função dos seus interlocutores desconhecidos. Os únicos detentos que fazem qualquer menção ao motivo de estarem encarcerados são Glenn Smith, que afirma ter sido condenado injustamente, e Janet Uribe, que vê o crime cometido como um erro de sua própria autoria. Nesse ponto, a condenação torna-se objeto dos enunciados dos detentos, assim revelando a relação valorativa que os apenados mantêm com ele, uma vez que “[...] o objeto nunca é dado na sua pura e indiferente objetividade, pois o próprio fato de eu ter falado sobre o objeto, prestado atenção no mesmo, de o ter escolhido e experimentá-lo, já tomei uma posição emotivo-volitiva, uma posição de valor” (BAKHTIN, 2021 [1920], p. 75-76). Mesmo antagônicas, as posições de Smith e Uribe sobre a própria condenação revelam no enunciado a diversidade própria da natureza humana, que desconhece um ponto de vista único e fixo sobre o mundo. No momento e no lugar específico que habitam, esses presidiários têm um olhar específico sobre a realidade, condicionado, principalmente, pelo cronotopo da prisão, que consideramos “um modo de reiterar que o indivíduo pode ocupar apenas *este* espaço e *este* tempo, enfatizando, portanto, a qualidade única, irreiterável de seu enunciado” (RENFREW, 2017, p. 160, grifos do autor).

Passemos, agora, à relação entre o conhecimento de si mesmo e o tempo passado na prisão, conforme destacado por Uribe (2022, grifos nossos, tradução nossa)<sup>41</sup>: “A prisão me ensinou tanto sobre mim mesma. *Eu pude desacelerar e conhecer quem eu sou*”. Entendemos, a partir desse trecho, que o efeito do tempo sobre a autora altera a percepção que ela tem de si mesma, o que nos leva a salientar a ideia do tempo como princípio condutor do cronotopo (BAKHTIN, 2018 [1975]). Nesse caso, a forma do tempo se assemelha àquela do chamado tempo biográfico (encontrada em romances biográficos e autobiográficos), em que os acontecimentos do enredo influenciam e alteram a vida das personagens, ao contrário do que ocorre no romance de provação, por exemplo (BAKHTIN, 2018 [1975]). Pensamos ainda ser possível aproximar a experiência do tempo expressa por Uribe (2022) a uma das características descritas por Bakhtin (2018 [1975], p. 88) quanto ao tipo estoico de autobiografia, qual seja, “o surgimento de uma nova forma de relação consigo mesmo”. Segundo o autor, “trata-se de uma nova relação consigo mesmo, com o próprio ‘eu’, sem testemunhas, sem concessão do direito à voz a um ‘terceiro’, independentemente de quem ele seja” (BAKHTIN, 2018 [1975], p. 88).

Além disso, para Janet Uribe, esse tempo (semelhante ao tempo biográfico) é marcado pela *lentidão*, como indica o termo “desacelerar” (“*to slow down*”) utilizado na frase “Eu pude *desacelerar* e conhecer quem eu sou” (URIBE, 2022, grifos nossos, tradução nossa)<sup>42</sup>, cujo

<sup>41</sup> No original: “Prison has taught me so much about myself. I was able to slow down and get to know who I am”.

<sup>42</sup> No original: “I was able to slow down and get to know who I am”.

significado é diminuir o ritmo, tornar (algo) vagaroso. São essas as características da noção de tempo própria do cronotopo da prisão vivido pela detenta. Entretanto, a definição do tempo da prisão como lento e demorado só pode existir em relação a outro tempo, veloz e rápido. Essa outra noção de temporalidade só pode pertencer a um espaço exterior à prisão, sendo, aliás, característica da contemporaneidade globalizada em que vivemos. O *tempo cotidiano* impele à ação contínua e nos faz priorizar a rapidez dos processos, inclusive, do próprio processo de interação entre os sujeitos, cuja comunicação é acelerada pelos suportes tecnológicos cada vez mais avançados. Segundo Larrosa (2021 [2001], p. 24), “o sujeito moderno se relaciona com o acontecimento do ponto de vista da ação. Tudo é pretexto para sua atividade. Sempre está a se perguntar sobre o que pode fazer. Sempre está desejando fazer algo, produzir algo, regular algo”. Se o sujeito nada faz e nada produz com o tempo que tem – seja esse produto um bem-material, um conteúdo para as mídias digitais, uma solução a um problema, uma opinião ou até mesmo uma nova ideia sobre si mesmo –, sobre ele recai o peso da temida inutilidade.

No que diz respeito ao tempo cotidiano, que é como denominamos essa temporalidade exterior à prisão, própria do mundo moderno, vemos associar-se uma noção de experiência que consideramos próxima à proposta por Larrosa (2021 [2001]). Para o educador e filósofo espanhol, a experiência é algo que nos passa, que nos acontece, e, ao nos passar, nos forma e nos transforma, de modo que “o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura” (LARROSA, 2021 [2001], p. 25-26). Com base nessa formulação, o autor reconhece, na modernidade, uma pobreza de experiências motivada por uma série de fatores, dentre eles, a *falta de tempo*:

Esse sujeito da formação permanente e acelerada, da constante atualização, da reciclagem sem fim, é um sujeito que usa o tempo como um valor ou como uma mercadoria, um sujeito que não pode perder tempo, que tem sempre de aproveitar o tempo, que não pode protelar qualquer coisa, que tem de seguir *o passo veloz* do que se passa, que não pode ficar para trás, por isso mesmo, por essa obsessão por seguir *o curso acelerado do tempo*, este sujeito já não tem tempo. (LARROSA, 2021 [2001], p. 23, grifos nossos).

Logo, se o sujeito da modernidade não tem tempo para nada, também não lhe resta tempo para si mesmo, ou melhor, para a experiência de conhecer a si próprio, algo que Janet Uribe pôde viver somente em um tempo e espaço distintos, no cronotopo da prisão. Com efeito, é a lentidão de um tempo que se estende em dias circunscritos ao perímetro do presídio que, nesse caso, proporciona um momento para reflexão, para contemplação de si, dos outros e da realidade circundante. Como o passageiro de um trem que viaja em alta velocidade e olha pela janela, aqueles que vivem a intensidade do tempo cotidiano só conseguem enxergar borrões,

figuras distorcidas que, quando aparecem, imediatamente passam e deixam de ser. Somente uma paragem ocasional em cada estação permite ao passageiro contemplar a paisagem exterior, seja ela agradável ou não. Nesse sentido, o ato de *desacelerar* torna-se fundamental para o acontecimento da experiência, como apontado por Larrosa (2021 [2001]):

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, *aprender a lentidão*, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e *dar-se tempo e espaço*. (LARROSA, 2021 [2001], p. 25, grifos nossos).

Evidentemente, o autor não está discutindo aqui a complexa realidade vivida por pessoas privadas de liberdade, visto que a educação é o ponto de partida de seus questionamentos. Interessa-nos, em sua reflexão, a relação entre a possibilidade da experiência e a lentidão do tempo, condição para que algo nos aconteça e nos transforme. Sem dúvida, os detentos não vão para a prisão para, simplesmente, darem-se tempo e espaço e assim viverem novas experiências. O aprisionamento é o que lhes força a pararem, a retirarem-se do cotidiano de suas vidas fora da prisão para adentrarem um novo tempo, um novo espaço. Porém, enquanto o cronotopo da prisão propicia para uns, o (re)encontro consigo mesmo, para outros, ele atua como uma força destrutiva, como ocorre a John Christopher Marquard, sentenciado à pena perpétua.

O detento inicia sua apresentação com uma descrição geográfica de suas origens, destacando alguns dos lugares que já conheceu em sua juventude. Nascido em uma família da Força Aérea Americana, Marquard (2022) passou seus primeiros cinco anos de vida na Alemanha, onde seu pai trabalhava até deixar as forças armadas, quando a família se mudou para a Carolina do Norte, nos Estados Unidos. Aos dezoito anos de idade, John decidiu conhecer o país viajando de motocicleta, sem, contudo, permanecer tempo suficiente para absorver a cultura dos estados que visitou. Isso posto, o detento escreve o seguinte:

Agora estou no Corredor da Morte e estive aqui por um tempo. Estou buscando amizades. Algo substancial e real. Eu tenho interesses variados e gosto de aprender coisas novas. *Estar em uma cela quase vinte e quatro horas por dia, semana após semana, ano após ano, pode realmente desgastar uma pessoa. Correspondência, janelas para a vida real, é o que me faz continuar*. Com sorte, você vai dar uma chance e compartilhar suas opiniões comigo. (MARQUARD, 2022, grifos



nossos, tradução nossa)<sup>43</sup>.

Ao contrário dos outros nove detentos do corpus de estudo, John Marquard é o único condenado à morte, pena ainda existente em 27 dos 50 estados norte-americanos (DEATH PENALTY INFORMATION CENTER, 2023). Segundo dados fornecidos ao site WriteAPrisoner.com, Marquard (2022) tem hoje 54 anos de idade e está encarcerado há 30, o que, certamente, influencia sua experiência do tempo na prisão e se reflete no enunciado em análise. Em comparação com Uribe (2022), que cumpre pena desde 2020 e tem 44 anos, John Marquard está há mais tempo imerso nessa temporalidade lenta e prolongada, cujo efeito, segundo ele, é “desgastante”.

Confinado a uma cela “quase vinte e quatro horas por dia, semana após semana, ano após ano” (MARQUARD, 2022, tradução nossa)<sup>44</sup>, o detento vê na troca de correspondências uma razão pela qual seguir em frente. Mais do que isso, o programa de amigos por correspondência (*pen-pal*) apresenta-se como *uma janela para a vida real*, e algo real e substancial é justamente o que John Marquard almeja. Assim, o detento distingue em seu texto de apresentação o que é real (a vida fora da prisão) e o que não faz parte da realidade (a vida dentro da prisão, a vida de um detento). O contato com o outro por intermédio de uma carta pode ser considerado, em vista disso, uma oportunidade de entrar em contato com o mundo real, de fazer parte dele, ainda que por um momento.

O modo como cada presidiário assimila a própria realidade está longe de ser uniforme nos enunciados analisados nesta seção, pois, enquanto John Marquard procura distanciar-se de seu contexto por meio da troca de correspondências, Janet Uribe e Ibnawaan Safeullah encaram a condenação como uma oportunidade de aprendizado. No que concerne essa questão, Safeullah revela ainda outra importante perspectiva sobre o tempo que pode nos auxiliar a caracterizar o cronotopo da prisão. Logo no início de seu texto de apresentação, o presidiário declara: “Então, eu estou contando os meses dessa experiência de aprendizagem chamada cumprir pena e é algo diferente. A vida está me preparando para o resto da minha vida. *Eu aceito o Qadar, o bom e o ruim*” (SAFEEULLAH, 2022, grifos nossos, tradução nossa)<sup>45</sup>.

Imediatamente, o termo “*Qadar*” atrai a atenção do leitor: ele é descrito como algo que

<sup>43</sup> No original: “Now I’m on Death Row and been here for a while. / I’m looking for friendships. Something substantial, and real. I have varied interests and enjoy learning new things. Being in a cell almost twenty four [sic] hours a day, week after week, year after year can really wear a person down. / Mail, windows into real life, is what keeps me going. Hopefully you will give it a shot and share your views with me”.

<sup>44</sup> No original: “in a cell almost twenty four hours a day, week after week, year after year”.

<sup>45</sup> No original: “So I’m counting down the last months of this learning experience called doing time and its something else. Life is getting me ready for the rest of my life. I accept the Qadar, the good, and the bad.”

pode ser bom ou ruim, e que, mesmo sendo ruim, é aceito pelo detento. Qual seria, então, o seu significado? Conforme esclarece Belo (2008), a palavra *qadar*, de origem árabe, diz respeito à crença islâmica na predestinação divina de todos os acontecimentos. Em um exame mais atento do vocábulo e suas variantes, Belo (2008) faz referência ao termo *al-qadar*, a determinação de Deus (*Allah*) sobre os eventos, que “tem o significado de medida, avaliação, limite fixo... Em seu sentido técnico *qadar* designa, portanto, o decreto divino na medida que estabelece os limites fixos de cada coisa, ou a medida de seu ser” (GARDET, 1997, p. 262, apud BELO, 2008, p. 140, grifos do autor, tradução nossa)<sup>46</sup>.

Sob essa perspectiva, a onipotência de Deus pode ser compreendida como o Seu poder em determinar a própria criação, incluindo aqui, o homem e seus atos, os quais Ele fixa e delimita (BELO, 2008). O *qadar* em oposição ao livre-arbítrio é tema recorrente do *hadith*, literatura tradicional islâmica que reúne os feitos e ditos do profeta Maomé, onde encontramos a ideia de que coisas e eventos são predeterminados e escritos antes mesmo de acontecerem. Por conseguinte, a crença no *qadar* constitui um dos Seis Pilares da Fé Islâmica, juntamente à crença em Deus e seus atributos, bem como nos Profetas, nos Anjos, nos Livros Sagrados e no Dia do Juízo Final (BELO, 2008).

Sendo assim, quando Safeullah (2022) diz acolher o *qadar*, seja ele bom ou ruim, entendemos que ela está se referindo ao próprio destino, à fatalidade dos acontecimentos que lhe foram fixados de antemão pela providência divina. Vale notar que, apesar de esse ponto de vista estar associado à fé islâmica, Ibnawaan Safeullah não tem religião declarada no perfil publicado em WriteAPrisoner.com. De qualquer modo, a referência ao *qadar* convoca relações dialógicas com os textos sagrados islâmicos e comparece no enunciado do detento como um ponto de vista singular sobre a sua realidade, que é a da prisão. Longe de resignar-se diante de uma situação tão adversa quanto o encarceramento, Safeullah (2022) decide aceitar seu destino porque, uma vez compreendido sob o signo do *qadar*, ele é determinado não por si mesmo, mas pela vontade de Deus.

Finalmente, com base nos elementos apontados nos textos de Janet Uribe, John Marquard e Ibnawaan Safeullah, analisados ao longo desta seção, pudemos observar como as relações espaçotemporais estão intimamente ligadas à constituição dos enunciados dos detentos. Quando voltamos nosso olhar para os textos de apresentação, “a nós se apresenta um texto, que ocupa um lugar definido no espaço, ou seja, é localizado; mas a sua criação, o conhecimento que adquirimos dele fluem no tempo” (BAKHTIN, 2019 [1975], p. 230). O

---

<sup>46</sup> No original: “has the meaning of measure, evaluation, fixed limit... In its technical sense *qadar* therefore designates the divine decree in so far as it sets the fixed limits of each thing, or the measure of its being”.

espaço aqui definido é o da prisão, seja ela grande ou pequena, de baixa, média ou alta periculosidade, esteja ela bem preservada ou com a estrutura danificada, localizada em uma cidade interiorana ou em uma metrópole etc.; trata-se de um cronotopo em que a liberdade do sujeito é limitada espacialmente e temporalmente, de acordo com a pena que lhe foi dada e em relação ao crime por ele cometido.

No que concerne à temporalidade, lembramos que o tempo é o nervo central do cronotopo (BEZERRA, 2018), seu elemento privilegiado; ele é o campo das transformações e dos acontecimentos que “traz consigo uma concepção de homem e, assim, a cada nova temporalidade, corresponde um novo homem” (AMORIM, 2016, p. 103). Em nossa análise do cronotopo da prisão, nos textos de apresentação de três presidiários cadastrados no site WriteAPrisoner.com, vislumbramos a imagem de um homem definida por *conceitos jurídico-retóricos*. Ela nos remete às características do romance grego que, segundo Bakhtin (2011 [1936-38]), absorveu a casuística retórica e criou uma concepção retórico-jurídica de homem. Nesse tipo de romance as categorias jurídicas “são constantemente estendidas também ao mundo, transformando acontecimentos em *casus*, objetos em provas, etc.” (BAKHTIN, 2011 [1936-38], p. 208, grifos do autor). Segundo o filósofo:

Já aqui [no romance grego] a imagem do homem está profundamente impregnada das categorias e conceitos jurídico-retóricos de culpabilidade – inocência, julgamento, absolvição, acusação, crime, virtude, mérito, etc., que pairaram durante tanto tempo sobre o romance, determinaram a colocação da personagem no romance como acusado ou cliente e transformaram o romance numa espécie de julgamento da personagem central. (BAKHTIN, 2011 [1936-38], p. 208, grifos nossos).

As categorias e conceitos citados por Bakhtin (2011 [1936-38]) estão, de fato, presentes nos enunciados dos detentos. Em seu anseio por se corresponderem com pessoas de fora da prisão, eles escrevem textos de apresentação que são divulgados em um perfil hospedado em um site de acesso público. Ao fazerem isso, os participantes do programa expõem-se a todos aqueles que porventura visitarem o endereço eletrônico WriteAPrisoner.com, estejam esses visitantes dispostos ou não a trocarem cartas com presidiários. Independentemente dos objetivos de seus leitores e possíveis amigos por correspondência, os detentos expõem-se ainda mais a qualquer tipo de julgamento, de avaliação positiva ou negativa por parte dos seus interlocutores. Nesse caso, estando a noção de julgamento mais próxima à do campo jurídico, a busca por um culpado dificilmente se afasta da avaliação a que são submetidos os detentos pelos leitores dos textos de apresentação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos, aqui, um estudo sobre o discurso de pessoas privadas de liberdade desenvolvido sob o ponto de vista do cronotopo, isto é, da noção de inseparabilidade do tempo e espaço. Conforme elaborado pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin, o conceito de cronotopo está presente em seus trabalhos sobre a história do romance e diz respeito à interligação essencial entre os índices espaciais e temporais como foram artisticamente assimilados e representados na literatura. Mais do que uma referência ao tempo-espaço dos enunciados, o cronotopo é capaz de revelar traços da cultura, da sociedade e da própria imagem do homem subjacente a cada época da história, como nos mostra Bakhtin. Por esse motivo, acreditamos ser possível mobilizá-lo em análises não somente de textos literários, mas também de textos não-literários, tarefa à qual nos dedicamos nesta pesquisa.

Tendo em vista as potencialidades do cronotopo para análises de caráter linguístico-discursivo, nos voltamos para os textos de apresentação de detentos publicados em WriteAPrisoner.com, site da empresa homônima sediada nos Estados Unidos. Criado por Adam Lovell em 2001, o site tem como objetivo promover e facilitar a reintegração entre detentos e pessoas de fora da prisão por meio do programa de *pen-pal*, ou seja, de amigos por correspondência. Para isso, a empresa oferece aos detentos a oportunidade de terem um perfil divulgado em seu site, mediante o pagamento de uma taxa anual. Nesse perfil, os detentos são incentivados a compartilhar uma série de informações pessoais para que os visitantes do site possam conhecê-los e, com sorte, entrar em contato com eles. No perfil, encontramos um texto de apresentação de cada detento, uma breve descrição de si mesmo escrita pelo presidiário. São esses textos o objeto de estudo de nosso trabalho.

Considerando o elevado número de perfis cadastrados, operamos um recorte diante da totalidade de textos disponíveis com base em dois critérios. Com vistas a reunir dez textos de apresentação, escolhemos os cinco primeiros resultados exibidos na aba de detentos que buscam dar continuidade a seus estudos (*Inmate Educational Profile*) e os cinco primeiros resultados da pesquisa por detentos que cumprem sentença perpétua (*Life Sentence Profiles*). Sendo assim,

nosso corpus de análise foi composto por dez textos de apresentação de detentos inscritos no site WriteAPrisoner.com.

Estabelecemos como objetivo geral desta pesquisa analisar as relações cronotópicas e alteritárias emergentes dos textos de apresentação, com vistas a melhor compreender o cronotopo da prisão e a especificidade da linguagem dos sujeitos que o constituem. Para cumprir essa tarefa, elencamos ainda três objetivos específicos: a) revisitar textos de Bakhtin e o Círculo que contribuam para aprofundar e ampliar a discussão sobre o cronotopo; b) investigar a possibilidade de um cronotopo da prisão com base nos enunciados dos detentos; e c) caracterizar as relações dialógicas presentes nesses enunciados.

Isso posto, organizamos nosso estudo em dois capítulos teóricos e um capítulo de análise. No primeiro capítulo teórico, tratamos sobre o cronotopo em textos de Mikhail Bakhtin, desde a origem do conceito e seu lugar na obra do pensador russo até os tipos de cronotopo identificados pelo autor. No segundo capítulo, discutimos os princípios teórico-metodológicos da filosofia da linguagem bakhtiniana, recuperando conceitos fundamentais para a Teoria/Análise Dialógica do Discurso como enunciado, língua/linguagem, gêneros do discurso e relações dialógicas. Por fim, no terceiro capítulo, mobilizamos esses conceitos por meio da análise dos enunciados dos detentos.

Com base nos enunciados dos sujeitos encarcerados, foi possível distinguir elementos que nos auxiliam a caracterizar o cronotopo da prisão, nesses textos, como: a) um tempo-espaço que pode ou não propiciar o aprendizado e o autoconhecimento aos detentos; b) um lugar onde a noção de tempo predominante é marcada pela lentidão, cujos efeitos sobre os detentos podem ser desgastantes; c) um tempo-espaço que oferece uma perspectiva diferente sobre a imagem do homem como um ser em constante julgamento e definido com base em conceitos jurídico-retóricos como inocência e culpabilidade.

É importante salientar que as características do cronotopo da prisão por nós apontadas dizem respeito aos textos analisados e à singularidade da experiência da prisão vivida pelos detentos autores desses textos. Com isso, compreendemos que outros enunciados de outros sujeitos podem revelar novas características sobre esse cronotopo, bem como podem reforçar os elementos já identificados. De qualquer modo, sabemos que os sentidos de muitos outros enunciados ainda jazem adormecidos, à espera de uma consciência que os desperte e os renove em um novo espaço, em um novo tempo.

Isso posto, devemos reconhecer as limitações e as possibilidades de desenvolvimento posterior de nosso trabalho, tendo em vista o tempo delimitado à realização do mestrado. Entendemos que o recorte metodológico aplicado aos textos de apresentação, que circunscreveu

a dez o número de textos analisados, não prejudica a qualidade da análise empreendida. De fato, os mesmos textos poderiam servir a diferentes abordagens, à luz de outros conceitos que integram o conjunto do pensamento bakhtiniano sobre a linguagem (e, sem dúvida, de outras teorias e áreas do conhecimento). Quanto a isso, é inevitável a referência às palavras encontradas no *Curso de Linguística Geral*, onde lemos que, “bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, p. 39). São justamente os diferentes pontos de vista sobre o objeto que o enriquecem ainda mais e fazem avançar a reflexão teórica proposta pelos autores.

Desde o início, deixamos claro nosso interesse em discutir o tempo e o espaço e sua relação essencial com a linguagem humana. Com efeito, encontramos no cronotopo uma porta de entrada para o campo dos sentidos, como sustenta Bakhtin (2018 [1975]). Tendo em vista a inegável ligação do conceito desenvolvido pelo filósofo russo aos estudos literários, nos questionávamos sobre a possibilidade e a produtividade do cronotopo na análise de um corpus não-literário, isto é, na análise de textos de apresentação de pessoas privadas de liberdade. Com base em nossa leitura dos enunciados dos detentos e do estudo realizado, podemos afirmar que o cronotopo, para além de representar a fusão dos índices espaciais e temporais através da linguagem, também permite ver a imagem do homem em sua relação com a época, a cultura e a sociedade em que está inserido. Sendo assim, o estudo do cronotopo não é um mero relato do tempo e do espaço de produção dos enunciados, mas um meio de desvelar o sujeito por trás de cada enunciado, de encontrar o homem em sua relação mais íntima e profunda com a própria linguagem.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Eugênio. Vida e Obra de François Rabelais. *In.*: RABELAIS, François. **Gargântua e Pantagruel**. Tradução de David Jardim Júnior. Belo Horizonte: Itatiaia, 2009, p. 15-22.

AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. *In.*: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016, p. 95-114.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Lendo Razlúka de Púchkin**: a voz do outro na poesia lírica. Tradução de Marisol Barenco de Mello, Mario Ramos Francisco Junior e Alan Silus. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021 [1920].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Mikhail Bakhtin**: the Duvakin interviews, 1973. Edited by Slav N. Gratchev e Margarita Marinova. Translated by Margarita Marinova. Lewisburg, Pensilvânia: Bucknell University Press, 2019 [1973].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Teoria do romance II**: as formas do tempo e do cronotopo. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2018 [1975].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018 [1963].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. Apontamentos de 1970-1971. *In.*: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011 [1970-71], p. 367-392.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. Os estudos literários hoje (resposta a uma pergunta da revista *Novi Mir*). *In.*: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011 [1970], p. 359-366.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. O romance de educação e sua importância na história do realismo. *In.*: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011 [1936-38], p. 205-258.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. Reformulação do livro sobre Dostoiévski. *In.*: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011 [1961-62], p. 337-357.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas.. *In.*: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011 [1959-61], p. 307-335.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. Os gêneros do discurso. *In.*: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011 [1952-53], p. 261-306.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. Metodologia das ciências humanas. *In.*: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011 [1930-40], p. 393-410.

BELO, Catarina. **Predestination and human Responsibility in medieval Islam**: some aspects of a classical Problem. *Didaskalia*, Lisboa, 38 (1), p. 139-151, 2008.

BEMONG, Nele; BORGHART, Pieter. A teoria bakhtiniana do cronotopo literário: reflexões, aplicações, perspectivas. *In.*: BEMONG, Nele *et al.* (Org.). **Bakhtin e o cronotopo**: reflexões, aplicações, perspectivas. Tradução do artigo de Oziris Borges Filho. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 16-32.



BENVENISTE, Émile. A linguagem e a experiência humana. *In.*: \_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães *et al.* Campinas, SP: Pontes Editores, 2006 [1965], p. 68-80.

BEZERRA, Paulo. Nota à edição brasileira. *In.*: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo**. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2018, p. 7-8.

BOCHAROV, Sergei. The Event of Being: On Mikhail Mikhailovitch Bakhtin. *In.*: EMERSON, Caryl (Org.). **Critical Essays on Mikhail Bakhtin**. Nova Iorque: G. K. Hall & Co., 1999 [1995], p. 29-44.

BOCHAROV, Sergey; LIAPUNOV, Vadim. Conversations with Bakhtin. **PMLA**, Cambridge University Press, v. 109, 1994, n. 5, p. 1009-1024, out. 1994. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/462968>>. Acesso em: 5 jul. 2022.

BORTOLINI, Fernanda Lopes; VALÉRIO, Patrícia da Silva. Por que é preciso aprofundar o conceito de gêneros do discurso?. **Revista Desenredo**, Passo Fundo, v. 17, 2021, n. 2, p. 218-237, maio/ago. 2021.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. *In.*: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016, p. 9-31.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. *In.*: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. Ed. São Paulo: Contexto, 2014, p. 61-78.

BUBNOVA, Tatiana. Bakhtin: tradução inversa. *In.*: ZANDWAIS, Ana; VIDON, Luciano (Org.). **A pesquisa sob o enfoque dos estudos do Círculo de Bakhtin**. Vitória: EDUFES, 2019, p. 15-40.

CELTEL, Kay et al. **Writers: their lives and works**. Estados Unidos: DK Publishing, 2018.

DEATH PENALTY INFORMATION CENTER. **State by State**. Disponível em: <<https://deathpenaltyinfo.org/state-and-federal-info/state-by-state>>. Acesso em: 26 fev. 2023.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Crime e castigo**. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. 8 ed. São Paulo: Editora 34, 2019 [1866].

EMERSON, Caryl. Retrospective: Domestic Reception during Bakhtin's Life. *In.*: \_\_\_\_\_. **The First Hundred Years of Mikhail Bakhtin**. New Jersey: Princeton University Press, 1997, p. 73-122.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FARACO, Carlos Alberto. O dialogismo como chave de uma antropologia filosófica. *In.*: FARACO et al. (Org.). **Diálogos com Bakhtin**. 4. ed. Curitiba: Editora UFPR, 2007, p. 97-108.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Contexto, 2016.

FLORES *et al.* **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

GASPAROV, Mikhail. M. M. Bakhtin in Russian Culture of Twentieth Century. *In.*: EMERSON, Caryl (Org.). **Critical Essays on Mikhail Bakhtin**. Nova Iorque: G. K. Hall & Co., 1999 [1979], p. 29-44.

GODSEY, Mark. **Ohio Innocence Project at Cincinnati Law**. Disponível em: <<https://law.uc.edu/real-world-learning/centers/ohio-innocence-project-at-cincinnati-law.html>>. Acesso em: 21 jan. 2023.

GODSEY, Mark. **Blind Injustice**: a former prosecutor exposes the psychology and politics of wrongful convictions. Oakland: University of California Press, 2017.

GRILLO, Sheila; AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. Bakhtin, Vinogradov e a estilística. *In.*: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Questões de estilística no ensino da língua**. Tradução,

posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Américo. Organização e notas da edição russa de Serguei Botcharov e Liudmila Gogotichvíli. São Paulo: Editora 34, 2019, p. 93-116.

GROSS, Samuel R. *et al.* **Race and Wrongful Convictions in the United States 2022.**

Disponível em:

<<https://www.law.umich.edu/special/exoneration/Documents/Race%20Report%20Preview.pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2022.

HARPERCOLLINS CHRISTIAN PUBLISHERS. **Jesus Calling.** Disponível em:

<<https://www.jesuscalling.com/books/jesus-calling/>>. Acesso em: 20 fev. 2023.

HEISLER, Scott. **Scott Heisler.** Disponível em: <<https://writeaprisoner.com/inmates/scott-heisler-29782-509/education>>. Acesso em: 11 out. 2022.

HOLQUIST, Michael. A fuga do cronotopo. *In.*: BEMONG, Nele *et al.* (Org.). **Bakhtin e o cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas.** Tradução do artigo de Ivan Marcos Ribeiro e Luciana Moura Colucci de Camargo. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 34-51.

HOLQUIST, Michael. Bakhtin's life. *In.*: \_\_\_\_\_. **Dialogism: Bakhtin and his world.** 2. ed. London: Routledge, 2002, p. 1-12.

HOLQUIST, Michael. Prologue. *In.*: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Rabelais and His World.** United States of America: Indiana University Press, Bloomington, 1984, p. xii-xxiii.

INNOCENCE PROJECT. **Ron Williamson.** Disponível em:

<<https://innocenceproject.org/cases/ron-williamson/>>. Acesso em: 22 jan. 2023.

JOHN GRISHAM. **The Innocent Man.** Disponível em:

<<https://www.jgrisham.com/Books/the-innocent-man/#>>. Acesso em: 22 jan. 2023.

JOHNS, Akbar. Akbar Johns. Disponível em: <<https://writeaprisoner.com/inmates/akbar-johns-16-a-114/penpal>>. Acesso em: 11 out. 2022.

KRISTEVA, Julia. Le mot, le dialogue et le roman. *In.*: \_\_\_\_\_. **Σημειωτική**: Recherches por une sémanalyse. Paris: Éditions du Seuil, 1969, p. 82-112.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *In.*: \_\_\_\_\_. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021 [2001], p. 15-34.

MANGUEL, Alberto. **Encaixotando minha biblioteca**: Uma elegia e dez digressões. Tradução Jorio Dauster. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

MARQUARD, John Christopher. **John Christopher Marquard**. Disponível em: <<https://writeaprisoner.com/inmates/john-christopher-marquard-122995/penpal>>. Acesso em: 11 out. 2022.

ONE WORLD. **Just Mercy (Movie Tie-In Edition)**. Disponível em: <<https://www.oneworldlit.com/books/just-mercy-movie-tie-in-edition-tr>>. Acesso em: 22 jan. 2023.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RESENDEZ, Felix. **Felix Resendez**. Disponível em: <<https://writeaprisoner.com/inmates/felix-resendez-01895579/penpal>>. Acesso em: 11 out. 2022.

RENFREW, Alastair. Cronotopo. *In.*: \_\_\_\_\_. **Mikhail Bakhtin**. Tradução de Marcos Marcionilo. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2017, p. 143-161.

SAFEULLAH, Ibnawaan. **Ibnawaan Safeullah**. Disponível em: <<https://writeaprisoner.com/inmates/ibnawaan-safeullah-61549-019/education>>. Acesso em: 11 out. 2022.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].

SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de Linguística Geral**. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler com a colaboração de Antoinette Weil. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2012 [2002].

SILVA, Adriana Pucci Penteadó de Faria e. 0,5 mm: a nova edição brasileira de Problemas da poética de Dostoiévski. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 6, 2011, n. 1, p. 7-23, ago./dez. 2011.

SMITH, Glenn. **Glenn Smith**. Disponível em: <<https://writeaprisoner.com/inmates/glenn-smith-50258-007/education>>. Acesso em: 11 out. 2022.

THE NATIONAL REGISTRY OF EXONERATIONS. **Glossary**. Disponível em: <<https://www.law.umich.edu/special/exoneration/Pages/glossary.aspx#:~:text=%E2%80%8B%E2%80%8B%E2%80%8B%E2%80%8B,A%20more%20precise%20definiton%20follows.>>. Acesso em: 05 fev. 2023.

UNIVERSITY OF CALIFORNIA PRESS. **Blind Injustice: A Former Prosecutor Exposes the Psychology and Politics of Wrongful Convictions**. Disponível em: <<https://www.ucpress.edu/book/9780520305632/blind-injustice>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

URIBE, Janet. **Janet Uribe**. Disponível em: <<https://writeaprisoner.com/inmates/janet-uribe-76976-097/education>>. Acesso em: 11 out. 2022.

VARELLA, Drauzio. **Estação Carandiru**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

VOLÓCHINOV, Valentin. As mais novas correntes do pensamento linguístico no Ocidente. *In.*: \_\_\_\_\_. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: Ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019 [1928], p. 147-182.

VOLÓCHINOV, Valentin. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica. *In.*: \_\_\_\_\_. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: Ensaios, artigos, resenhas e

poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019 [1926], p. 109-146.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018 [1929].

WRITEAPRISONER. **Write A Prisoner – Thousands of Inmates Profiles – Official Site.**

Disponível em: <<https://writeaprisoner.com/>>. Acesso em: 18 mar. 2023.

## **ANEXOS**

### **ANEXO A – Texto de apresentação de Glenn Smith**

#### **Educational Profile #1**

##### **Inmate: Glenn Smith**

“I’m currently looking for a true friendship. So, to be completely honest this is my first time doing anything like this and I only ask for respect, honesty, and real understanding from people to respond.

I’m an open minded, passionate individual that loves music, poetry, and fine arts. I have been fortunate to travel the world and completely love all cultural backgrounds.

I have several friends in all ethnic groups and do not believe in racism. I love reading books and the last book I read was “Blind Justice by Mark Godsey” and I’m currently reading “Just Mercy by Bryan Stevenson and The Innocent Man by John Grisham”.

Also while incarcerated I have completed my Paralegal/Legal Assistant Certification and I’m working extremely hard to gain my freedom. I was wrongfully accused and represented by incompetent attorneys that consider the color of my skin before the fight for my Constitutional Rights and because of them, I am pursuing every legal avenue to prove my innocence and regain freedom.

Open to friends of all races, age 30 and up.”

### **ANEXO B – Texto de apresentação de Ibnawaan Safeullah**

#### **Educational Profile #2**

##### **Inmate: Ibnawaan Safeullah**

“Hey

So I’m counting down that last months of this learning experience called doing time and it’s something else. Life is getting me ready for the rest of my life. I accept the Qadar, the good, and the bad. I was born in Atlanta, GA raised in Detroit/New Orleans. I’m into hunting,

camping, fishing, working out, and making money. Since I have been incarcerated I have written 200 songs, 2 books, a movie, and 13 inventions.

My main objective for existence on this site is to communicate with like-minded people that have the drive to become successful or are willing to be open-minded to see what life has to offer. So, if you have any knowledge of any of the business aspects that I mention, you are at the top of my wish list.

And yes, I would love to communicate with beautiful woman just because I believe you get more out of life by being straightforward. So by the time I touch down I want to be at least halfway where I need to be. And no, life is not all about money, but what is romance without finance? I'm just saying. Either or I would love to have a piece of your (mind) that is. Feel free to respond.

Sincerely yours.”

### **ANEXO C – Texto de apresentação de Janet Uribe**

#### **Educational Profile #3**

##### **Inmate: Janet Uribe**

“Healthy relationships bring happiness and health to our lives. Healthy relationships make people happier and ease stress and are realistic, flexible, self-care sharing, and talking. I am a single woman who made a mistake, this is my first time in prison. Prison has taught me so much about myself. I was able to slow down and get to know who I am.

I'm bilingual in Spanish. I am spiritual, thoughtful, respectful, curious, caring, responsible, spontaneous, willing, open-minded and so much more. I am family oriented and am good under pressure. I love my family. I love music Christian, Gospel, R&B, Reggae, Country, Hip-hop, Cumbias, and more. I love the outdoors, barbecues, camping, hiking, and fishing, the ocean and snow. I love the indoors hanging at home and cuddling. I like nature, sightseeing, dancing, and comedy shows. I just love living life and making memories.

I continue to work on being my best seller. I love to read self-help, self-care, change your thinking, change your life, Christian love stories, Jesus' calling, stock market, and ethics.

I am looking for healthy relationships to support my positive change. My children are grown. I am a grandma. Looking forward to building my life.

Thank you for taking the time to read my profile. I look forward to hearing from you.

P. S. Thank you

Sincerely,



Me”

#### **ANEXO D – Texto de apresentação de Pedro Garcia**

##### **Educational Profile #4**

##### **Inmate: Pedro Garcia**

“My name is Pedro Garcia. I am a 40-year-old Cuban-American out of the N. Las Vegas area. I am currently locked up on a 10 to life, with 4 to 10 years in total, 14 to life. I have about 7 more until parole. I am looking for female friends. I will say I like BBW’s (“Big Beautiful Women”).

I have no kids, nor baggage. I am separated from my ex-wife soon to be divorced. I am outgoing, funny, hard-working, and one hell of a person. I can relocate anywhere I have no obligations. I am wild and enjoy a good lady’s company. Things I enjoy doing are cooking, music, and learning about different businesses.

I am trying to find a person who understands me, and in return, I can understand her. I am social and energetic, and I like conversations. Upon release, I plan to star a new fresh start.

If there are any lady friends out there who are interested, please feel free to contact me.

They won’t let teers come into this institution with colored ink. Only blue or black, no nude pictures, or sent letters or card. “Sucks”. As I said before, hopefully, I will get “lucky”.

Much respect and love to all.”

#### **ANEXO E – Texto de apresentação de Scott Heisler**

##### **Educational Profile #5**

##### **Inmate: Scott Heisler**

“Hello,

My name is Scott James. I am 35 years old, I’ll be 36 on July 29<sup>th</sup>. I’m a Leo, I’m 6ft tall and 220 pounds. I have brown eyes and brown hair. I’m covered in tattoos. I’m from Lorain, Ohio, born and raised. I’ve been to FI 3 times, twice on vacation and 1 time to work “hurricane relief”. I’m currently doing 6 years, but it’s almost over and I got 2 ½ left.

I’m new to things like this. I’m interested in meeting new people and having good conversations. I’m currently in the “Sho” so I don’t have the ability to email, only regular mail. I enjoy reading, writing, listening to music, swimming, going to the beach, camping, etc. I enjoy doing roofing and concrete work. I’ve been through a lot over the years, by bad and poor

decision making on my part. I've come to realize I am getting older and I can't get the time I've lost back and I cannot live in the past. I'm looking forward to a brighter and positive future. I've been judged most of my life, but as I said that is my past.

I enjoy laughing, hanging out with friends and family. I am respectful, open-minded and very adventurous. I enjoy being outside. I'm honest, loyal, and good hearted.

I'm hoping to meet and talk to someone who will accept me for me and not my past. If that is you, I'll be waiting on a response and see where a good conversation goes."

### **ANEXO F – Texto de apresentação de Felix Resendez**

#### **Life Sentence Profile #1**

##### **Inmate: Felix Resendez**

"Hello and thank you, first of all, for taking the time to read and consider my profile.

There is a quote I would like to start off with that I believe to be a great way to get to know someone. It says "When someone shows you who they are – believe them the first time."

Well, this is who I am. A fun-loving man who enjoys conversing and listening to music of all kinds, watching, and playing sports, and walking the track on a sunny afternoon. Even on a quiet, warm evening, I can find solitude to be a peaceful thing. I'm an open book and will answer any and all questions. I am nobody's judge and therefore will take for granted any opportunity that God has paced before me. I am a firm believer in Jesus Christ, and I try my hardest to trust in Him.

I love comedy, action, and suspense movies. I could say the same for books. I love to encourage those around me, as well as be encouraged. I enjoy cooking, whether it's for a small army, or for myself! The taste testing isn't so bad either!

I'm not asking for any more than I can give, so if you would just (mentally) close your eyes and [sic] see beyond these walls for a moment, just maybe you could find that the friendship that builds is the piece of the puzzle that was missing all along."

### **ANEXO G – Texto de apresentação de John Christopher Marquard**

#### **Life Sentence Profile #2**

##### **Inmate: John Christopher Marquard**

"Hi, my name is John Marquard. I was born into a U. S. Air Force family and spent my first five years in Germany where my dad was stationed. When my father left the military we moved

back to the United States where we settled down in North Carolina. Except for a few excursions that's pretty much where I grew up. When I was eighteen I decided to see the country and did so on a motorcycle. I went to just about every state but never stayed long enough to really absorb any of the culture of any one place.

Now I'm on Death Row and been here for a while.

I'm looking for friendships. Something substantial, and real. I have varied interests and enjoy learning new things. Being in a cell almost twenty four hours a day, week after week, year after year can really wear a person down.

Mail, windows into real life, is what keeps me going. Hopefully you will give it a shot and share your views with me.

(I also have access to emails through JPay.com; I now have a tablet computer and can now receive email. Log in to [www.JPay.com](http://www.JPay.com), enter my name and number, buy ten stamps, and anyone can email me!)”

#### **ANEXO H – Texto de apresentação de Akbar Johns**

##### **Life Sentence Profile #3**

##### **Inmate: Akbar Johns**

“My name is Akbar, but most people call me August. I created this profile with hopes of finding females that I can vibe with. I'm looking for a friendship where we can build a bond and get to know one another on an intellectual level and hopefully see where it can lead.

I'm an easy person to talk to, who loves to laugh and joke. My hobbies are writing poetry, reading and I'm currently teaching myself French.

As we correspond with one another, I will be as open and truthful as possible. You can understand who I am despite my situation.

Thank you for visiting my profile. If you're interested in contacting me, use one of the options listed. I'm looking forward to the positive vibes.”

#### **ANEXO I – Texto de apresentação de Roberto Sandoval**

##### **Life Sentence Profile #4**

##### **Inmate: Roberto Sandoval**

“Hello,

My name is Roberto. I'm hoping to meet people and make new friends. I'm interested in furthering my education. I enjoy listening to music. I love to read and watch sports.

Thank you for your time and for checking out my profile. I'm looking forward to hearing from you soon."

#### **ANEXO J – Texto de apresentação de Scott Heisler**

##### **Life Sentence Profile #5**

##### **Inmate: Toussaint Hampton**

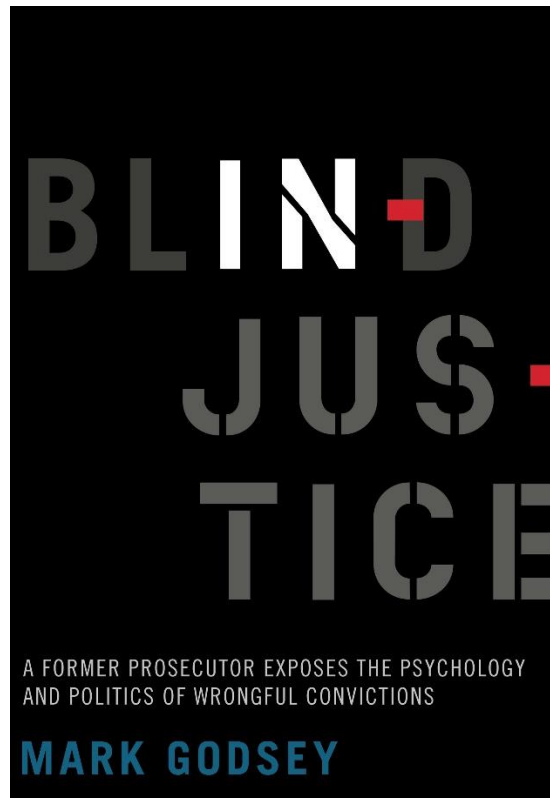
"Please send your address so I can replay to you Jpay because we can no longer Jpay back in Colorado.

I accept everyone for who they are so don't hesitate to write to me. I love learning new things about people. I love animals, and I also love to travel. I always try to see from another's perspective and never judge them. I'm not looking for any one thing in particular.

I am trusting God to send me the person I need in my life, no matter the distance, or anything else. It could be you. Let's find out where our journey leads us."

#### **ANEXO K – Capa do livro Blind Injustice, de Mark Godsey.**

Figure 1. Capa do livro *Blind Injustice*, de Mark Godsey.



Fonte: University of California Press. Disponível em:  
<<https://www.ucpress.edu/book/9780520305632/blind-injustice>>. Acesso em: 19 fev. 2023.